

**UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
ÁREA DE CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CURSO DE MESTRADO**

**MARIANA LISBÔA DE OLIVEIRA**

**GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM: CULTURAS E PRÁTICAS  
(VACARIA/RS - 1922-1950)**

**CAXIAS DO SUL  
2022**

**MARIANA LISBÔA DE OLIVEIRA**

**GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM: CULTURAS E PRÁTICAS  
(VACARIA/RS - 1922-1950)**

Projeto de Pesquisa apresentado junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul - como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Edimar de Souza.

**CAXIAS DO SUL  
2022**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Universidade de Caxias do Sul  
Sistema de Bibliotecas UCS - Processamento Técnico

O48g Oliveira, Mariana Lisbôa de  
Grupo Escolar Padre Efreim [recurso eletrônico] : culturas e práticas  
(Vacaria/RS - 1922-1950) / Mariana Lisbôa de Oliveira. – 2022.  
Dados eletrônicos.  
Dissertação (Mestrado) - Universidade de Caxias do Sul, Programa de  
Pós-Graduação em Educação, 2022.  
Orientação: José Edimar de Souza.  
Modo de acesso: World Wide Web  
Disponível em: <https://repositorio.ucs.br>  
1. Educação - Vacaria (RS) - História. 2. Escolas - Vacaria (RS) - História.  
3. Civilização - História. I. Souza, José Edimar de, orient. II. Título.

CDU 2. ed.: 37(816.5VACARIA)(091)

Catalogação na fonte elaborada pela(o) bibliotecária(o)  
Carolina Machado Quadros - CRB 10/2236

**MARIANA LISBÔA DE OLIVEIRA**

**GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM: CULTURAS E PRÁTICAS**

**(VACARIA/RS - 1922-1950)**

Dissertação apresentada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação - Curso de Mestrado em Educação da Universidade de Caxias do Sul - como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: História e Filosofia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. José Edimar de Souza.

**Banca Examinadora**

---

Prof. Dr. José Edimar de Souza (Orientador)  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

---

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica  
Universidade Federal do Pampa - Campus Bagé (UNIPAMPA)

---

Prof. Dr. Danilo Romeu Streck  
Universidade de Caxias do Sul (UCS)

---

Profa. Dra. Patrícia Weiduschadt  
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria primeiramente de agradecer a Deus pela saúde e proteção durante essa trajetória.

Agradeço à minha família, meus pais Ivan Ricardo de Oliveira e Gleicinará Lisbôa de Oliveira, meu irmão Maurício Lisbôa de Oliveira e minha avó Olga Alves de Oliveira, que me ensinaram valores éticos e sempre incentivaram os estudos. Obrigada por terem me dado forças durante essa caminhada.

Ao meu namorado, Jonas Macedo da Silveira, por compreender a importância desta pesquisa para minha formação acadêmica e entender, muitas vezes, a minha ausência. Obrigada por me incentivar nos momentos em que me sentia cansada do processo.

Ao meu orientador, prof. Dr. José Edimar de Souza, por todos os ensinamentos e por mostrar-se sempre muito atencioso em todos os momentos, sendo grande incentivador dessa pesquisa.

A todos os professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul.

Aos colegas e amigos que encontrei nesse percurso, agradeço a oportunidade de trocas, debates e de crescimento, em especial as minhas colegas Maria Elizabete Fernandes e Danúbia Bianchi, pelos momentos de escuta sensível e apoio durante a tessitura desta escrita.

À Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem e toda sua equipe, por permitir acesso à documentação necessária para que esta pesquisa fosse realizada.

Aos professores doutores Alessandro Carvalho Bica, Danilo Romeu Streck, Patrícia Weiduschadt, por generosamente aceitarem o convite para a banca e contribuírem com seus olhares a esta pesquisa.

**Gratidão a todos(as)!**

*Não há instituição sem história  
e não há história sem sentido.  
O desafio é trazer à luz esse  
sentido e, com frequência, há  
boas surpresas.  
(SANFELICE, 2007, p. 79)*

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo analisar as culturas e práticas escolares do Grupo Escolar Padre Efrem, instituição localizada no município de Vacaria/RS. O estudo teve como recorte temporal o ano de 1922, momento em que ocorre a reunião das três escolas isoladas existentes no município para a formação e institucionalização deste Grupo Escolar até o ano de 1950, quando ele tem sua nomenclatura oficialmente denominada Grupo Escola Padre Efrem. O estudo pautou-se nos pressupostos teórico-metodológicos da História Cultural e da História da Educação, com as contribuições dos historiadores Burke (2008), Le Goff (2019), Pesavento (2008), Chartier (2002), Escolano (2010), Vidal (2006), Peres (2000), Souza (1998). A metodologia utilizada é a da análise documental realizada a partir dos Livros Atas encontrados no acervo do Colégio Estadual de Ensino Médio Padre Efrem (Vacaria/RS). Além disso, foram consultados livros regionais, relatórios, regimentos, fotografias e outros trabalhos que se aproximaram da temática. A dissertação está organizada em seis capítulos, sendo o primeiro dedicado às considerações iniciais, onde são contextualizados o espaço da cidade e a presença da instituição investigada, bem como a justificativa pela escolha desta temática e o percurso construído no processo desta pesquisa. No segundo capítulo, é realizado um estudo sobre as pesquisas referentes à temática e à metodologia que será utilizada. No terceiro capítulo, é descrito como era a cidade de Vacaria/RS e os processos relacionados à educação. No capítulo seguinte, é contextualizado como foi a implantação dos grupos escolares no Brasil e no Rio Grande do Sul, sendo eles modelo de educação primária. O quinto capítulo é dedicado ao Grupo Escolar Padre Efrem, onde são abordados os processos de transformação e os vestígios da cultura e das práticas escolares a partir da documentação encontrada, dando ênfase no que tange ao espaço e ao tempo escolar. São abordados aspectos sobre a construção do novo edifício para abrigar o Grupo Escolar, o qual representa uma arquitetura moderna e a produção de uma nova cultura escolar com a adoção de novos espaços e práticas escolares e também as representações das festividades e do civismo fortemente vivenciados no cotidiano escolar. O sexto capítulo é dedicado às considerações finais, destacando que esta pesquisa não só conta, por meio dos vestígios da cultura escolar, a história do Grupo Escolar Padre Efrem, como evidencia aspectos da cultura local com as contribuições que essa instituição escolar trouxe para a comunidade e região. Este estudo contribui também para outras pesquisas, principalmente as que se referem ao campo das instituições escolares em nível local, regional e nacional, especialmente no que tange aos grupos escolares.

**Palavras-chave:** História Cultural; Instituições Escolares; Cultura Escolar; Práticas Escolares; Grupo Escolar Padre Efrem; Vacaria.

## ABSTRACT

The present research aims to analyze the culture and school practices of Padre Efrem's School Group, an institution located in the municipality of Vacaria/RS. The study took as a time frame the year 1922, when the three isolated schools in the municipality met for the formation and institutionalization of this School Group, until the year 1950, when it has its nomenclature officially called Padre Efrem's School Group. The study was based on the theoretical-methodological assumptions of Cultural History and History of Education, with the contributions of historians Burke (2008), Le Goff (2019), Pesavento (2008), Chartier (2002), Escolano (2010), Vidal (2006), Peres (2000), Souza (1998). The methodology used is the documental analysis carried out from the Minutes Books found in the collection of Padre Efrem's State High School (Vacaria/RS). In addition, regional books, reports, regulations, photographs, and other works that approached the theme were consulted. The dissertation is organized into six chapters, the first being dedicated to the initial considerations, where the city space and the presence of the investigated institution were contextualized, and justification for the choice of this theme and the path built into the research process. In the second chapter, a study is carried out on the research related to the theme and the methodology used. The third chapter describes the city of Vacaria/RS and the processes related to education. The following chapter contextualizes how school groups were implemented in Brazil, and the state of Rio Grande do Sul as a model of primary education. The fifth chapter is dedicated to the Padre Efrem's School Group, where the transformation processes and the vestiges of culture and school practices are addressed from the documentation found emphasizing the space and school time. Aspects of the construction of the new building to house the school group are discussed, representing modern architecture and the production of new school culture with the adoption of new spaces and school practices, as well as the representations of festivities and civility strongly experienced in the school routine. The sixth chapter is dedicated to the final considerations, emphasizing that this research not only tells, through the vestiges of school culture, the history of the Padre Efrem's School Group but also highlights aspects of the local culture with the contributions that this school institution brought to the community and area. This study also contributes to other researches, especially those that refer to the field of school institutions at the local, regional, and national levels, especially concerning school groups.

**Keywords:** Cultural History; School Institutions; School Culture; School Practices; Padre Efrem's School Group; Vacaria.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de Vacaria, no estado do Rio Grande do sul .....	17
Figura 2 – Pedra polida com inscrições jesuíticas .....	36
Figura 3 – Recibo de doação para construção da Catedral, em fevereiro de 1908.....	39
Figura 4 – Esboço da fachada da Catedral, em fevereiro de 1908 .....	39
Figura 5 – Catedral Nossa Senhora da Oliveira no ano de 2021 .....	40
Figura 6 – Rua do Vinagre em Vacaria na década de 1920 .....	42
Figura 7 – Praça da Matriz - Vacaria/RS .....	44
Figura 8 – Relatório do primeiro ano de funcionamento do Grupo Escolar.....	70
Figura 9 – Decreto que eleva o Grupo Escolar a Colégio Elementar.....	72
Figura 10 – Professora e primeira diretora do Grupo Escolar, Andréa Cecy de Sá Brito .....	73
Figura 11 – Professores do Colégio Elementar (1924).....	74
Figura 12 – Professores do Grupo Escolar (1930) .....	75
Figura 13 – Professores do Grupo Escolar (1930) .....	75
Figura 14 – Professores do Grupo Escolar em homenagem ao professor José Fernandes de Oliveira.....	76
Figura 15 – À direita, o Grupo Escolar Vacaria em 1922.....	96
Figura 16 – Planta da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem .....	97
Figura 17 – Construção do prédio do Grupo Escolar Padre Efrem (1935).....	98
Figura 18 – Prédio atual da E.E.E.M. Padre Efrem (2022) .....	99
Figura 19 – Fachada do Grupo Escolar .....	100
Figura 20 – Decreto nº 1.619 de 1950 que denomina o Grupo Escolar de Padre Efrem .....	101
Figura 21 – Quadro do Padre Efrem de Bellevaux .....	103
Figura 22 – Comemoração ao centenário da Independência do Brasil – 1922.....	112
.....	112
Figura 23 – Grupo Escolar de Vacaria na década de 20 .....	115
Figura 24 – Placa alusiva ao centenário da Revolução Farroupilha .....	116

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Exames finais (1945).....	81
--------------------------------------	----

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Teses e dissertações selecionadas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e dissertações (BDTD) .....	24
Quadro 2 – Documentos selecionados para o estudo .....	30
Quadro 3 – Equipe diretiva (1922-1951) .....	31
Quadro 4 – Objetos da cultura escolar .....	33
Quadro 5 – Lista de prefeitos, vices, intendentes e subprefeitos de Vacaria (1920 a 1951).....	43
Quadro 6 – Implantação dos Grupos Escolares por unidade federativa .....	51
Quadro 7 – Relação das instituições auxiliares dentro do Grupo Escolar Padre Efrem .....	88
Quadro 8 – Datas comemorativas do Grupo Escolar Padre Efrem (1922-1950) ..	107

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CPRO/RS	Centro de Pesquisas e Orientações Educacionais do estado do Rio Grande do Sul
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
PIM	Programa Primeira Infância Melhor
RBHE	Revista Brasileira de História da Educação
UCS	Universidade de Caxias do Sul

## SUMÁRIO

<b>1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....</b>	<b>13</b>
<b>2. PERCURSOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>23</b>
2.1 ANÁLISE DOCUMENTAL .....	29
<b>3. VACARIA – ASPECTOS DE UMA TRAJETÓRIA.....</b>	<b>35</b>
3.1 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO EM VACARIA ANTES DO GRUPO ESCOLAR .....	45
<b>4. OS GRUPOS ESCOLARES: UM MODELO DE ESCOLA PRIMÁRIA .....</b>	<b>48</b>
<b>5. GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM: CULTURAS E PRÁTICAS ESCOLARES (1922 1950).....</b>	<b>64</b>
5.1 ESPAÇO E TEMPO: OS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NO GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM .....	66
5.2 A NOVA CASA DO GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM .....	91
5.3 VESTÍGIOS DE UMA CULTURA ESCOLAR: O CIVISMO E AS FESTIVIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR .....	104
<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>118</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>124</b>

## 1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

*A escola foi e é um lugar de produção de cultura e essa cultura se objetiva nas práticas em que são operados os processos formativos. As ações se materializam nos espaços, objetos, ícones e textos que formam parte do patrimônio histórico-educacional. (ESCOLANO, 2010, p. 12)*

A escola é um espaço que produz e multiplica saberes, culturas e práticas que podem ser investigados historicamente através de memórias, documentos e fotografias. O espaço escolar acaba por tornar-se um dos principais objetos de estudo de pesquisadores e historiadores, visto que na escola ocorrem a integração social e a construção de relações de inúmeros sujeitos.

A escola é vista como um organismo vivo, inserida nas mais variadas sociedades, em diferentes temporalidades e que se modifica ao longo do tempo, sendo os moldes dos sistemas educacionais atuais heranças de outras temporalidades.

Esta pesquisa possui caráter histórico e tem como objeto de estudo a cultura e as práticas escolares do Grupo Escolar de Vacaria (posteriormente denominado Grupo Escolar Padre Efrem) – localizado na cidade de Vacaria/RS – no recorte temporal de 1922 a 1950.

Levou-se em consideração, para estabelecer esse delineamento de tempo, o ano de criação do Grupo Escolar de Vacaria (1922), até o ano de alteração de designação (1950), quando esse grupo escolar passa a ser nomeado como Grupo Escolar Padre Efrem, através do Decreto nº 1619, de 2 de dezembro, emitido por Walter Jobim, então governador do estado do Rio Grande do Sul.

Para prosseguir com a pesquisa, escolhi referenciar esse grupo escolar como Grupo Escolar Padre Efrem, uma vez que é assim que todos o conhecem, além de ter um grande significado no processo de formação de muitos jovens na contemporaneidade.

Construir a história de uma instituição educativa é adentrar um espaço repleto de saberes, práticas e culturas singulares dos sujeitos fora do âmbito familiar, o que é uma tarefa complexa e minuciosa. Nesse sentido, Magalhães acrescenta:

E meticulosa tecitura [sic]<sup>1</sup> é esta, a de historiar uma instituição educativa na sua complexidade, definindo-lhe um quadro espaciotemporal, reconhecendo-lhe uma ação sociocultural, material, simbólica, organizacional, antropológica, descobrindo-lhe, pois um sentido. (MAGALHÃES, 2004, p. 169)

As pesquisas da história da educação no município de Vacaria são um campo pouco explorado, principalmente quando se refere à origem das instituições públicas de educação. Por esse motivo, justifica-se a escolha dessa temática.

Assim, esta dissertação está organizada em seis capítulos, sendo o primeiro capítulo dedicado às **Considerações iniciais**, sendo realizada uma breve contextualização historiográfica a partir do campo da História da Educação no que corresponde ao espaço da cidade e à presença da instituição investigada.

Para dar continuidade, no segundo capítulo, o **Percorso metodológico**, é realizado um estudo sobre as pesquisas referentes à temática que será abordada, o desenvolvimento da metodologia empregada na pesquisa e seus desdobramentos na análise da empiria.

No terceiro capítulo, **Vacaria – Uma trajetória**, descrevo como era a cidade de Vacaria/RS e os processos relacionados à educação, onde o Grupo Escolar estava inserido. Como quarto capítulo, **Os Grupos Escolares: um modelo de Escola Primária**, contextualizo como foi o processo de implantação dos grupos escolares no Brasil e no Rio Grande do Sul e sua importância como modelo de educação primária.

Nesse rumo chego ao quinto capítulo, **O Grupo Escolar Padre Efrem**, contextualizando o grupo escolar que foi pesquisado, seus processos de transformação, bem como os vestígios da cultura, estabelecendo como principais fontes de pesquisa livros, relatórios da escola, fotografias, regimentos e análise de documentos para compreender como foi o processo de constituição dessa escola na comunidade de Vacaria, pois a história de uma instituição escolar pode abordar diversos componentes, como a sua criação, as transformações pelas quais passou, os aspectos arquitetônicos, os alunos, professores e administradores, os saberes, as normas e eventos (NOSELLA; BUFFA, 2013).

---

<sup>1</sup> A expressão [sic] é utilizada para se referir à citação que foi transcrita exatamente como encontrada no texto original. Além disso, tratando-se de uma pesquisa histórica, os documentos consultados nos arquivos também serão apresentados com a ortografia original.

O sexto e último capítulo, as **Considerações finais**, apresenta os resultados alcançados com esta pesquisa, sintetizando os principais pontos abordados nesta dissertação.

Diante da exposição do modo como se estrutura o relatório desta dissertação, passo a estabelecer alguns marcos que ampliam a compreensão sobre o objeto estudado.

Desde o início da minha vida estudantil, estudei na escola pesquisada e me sentia muito acolhida por todos os profissionais, mas a história sobre a instituição, a sua origem, ainda era desconhecida por mim.

A fim de contextualizar os motivos que me levaram ao campo da educação, acredito caber um relato sobre minha trajetória pessoal e acadêmica nesta narrativa. Sou natural de Vacaria/RS, onde cresci e estudei todos os anos da educação infantil até a graduação. Iniciei meu percurso de estudante na Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem no ano de 1996 e lá permaneci até completar a 8ª série (denominação daquela época), no ano de 2003.

Cursei o ensino médio no Instituto Estadual de Educação Irmão Getúlio, onde fiz o curso normal (magistério), e de lá já saí com uma profissão. Com o magistério, tive a oportunidade de voltar à Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem como estagiária e por lá fiquei seis meses dando aula para a pré-escola.

Terminado o ensino médio, comecei a trabalhar no Programa Primeira Infância Melhor (PIM), no qual atuei por 5 anos, até abril de 2013. Nesse mesmo período, fiz Licenciatura em Pedagogia pela Universidade de Caxias do Sul (UCS) – Campus Vacaria, onde pude reforçar ainda mais o meu desejo de lecionar, formando-me no ano de 2011. Durante a faculdade, também tive a oportunidade de retornar à Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem para fazer um pequeno estágio no ensino fundamental.

Em maio de 2013, fui nomeada através de concurso público para atendente de creche e, posteriormente, em março de 2014, para o cargo de professora de educação infantil do município em estudo. Essa escola tem um grande significado em minha vida de estudante, e o carinho pela instituição me fez querer saber mais sobre ela.

A Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem está localizada na área central da cidade de Vacaria e possui uma história de 100 anos. Por acreditar na consistência da sua história, entendo que seja importante conhecer o passado para compreender o presente, por isso também a escolha dessa instituição como meu objeto de estudo.

Sabendo sobre o que gostaria de pesquisar e por entender que esse conhecimento agregaria muito a mim e à sociedade, logo iniciei pesquisas relacionadas ao assunto.

Tendo como referência as análises sobre as culturas e práticas escolares vivenciadas nesse período (1922-1950), investigando fontes documentais e estudando alguns fatos históricos, questões emergiram e contribuíram para definir os objetivos a perscrutar. Portanto, com o desenvolvimento da dissertação, buscou-se responder a seguinte questão: como são representadas as culturas e as práticas escolares do Grupo Escolar Padre Efrem, da cidade de Vacaria/RS, a partir da análise de fontes documentais, no recorte temporal de 1922 até 1950?

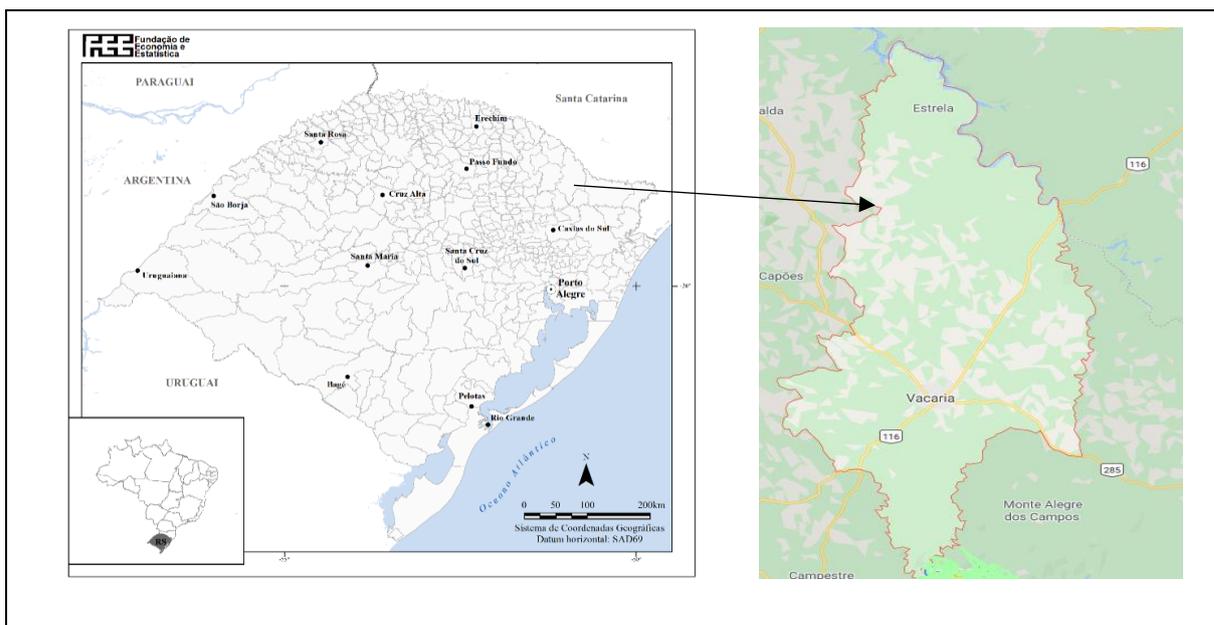
Com o intuito de responder esse problema, o **objetivo geral** desta pesquisa foi analisar e compreender como foi o processo de instalação do primeiro grupo escolar do município de Vacaria/RS, bem como investigar culturas e práticas evidenciadas na análise documental, no recorte temporal de 1922 até 1950.

A partir disso, **objetivos específicos** foram elencados:

- Identificar o processo de instalação das primeiras turmas e os processos de escolarização desenvolvidos na instituição;
- Caracterizar e compreender as relações de contexto no processo de instalação do primeiro grupo escolar em Vacaria;
- Compor, a partir da análise em diferentes fontes documentais, uma história das culturas e práticas de escolarização desenvolvidas na referida instituição de ensino.

Ainda em relação à caracterização do objeto de estudo dessa dissertação, situam-se alguns elementos de contexto. O município de Vacaria, como se identifica no mapa da Figura 1, está localizado no estado do Rio Grande do Sul, nos Campos de Cima da Serra, fica a 114 km do município de Caxias do Sul, 240 km da capital Porto Alegre e faz divisa, ao sul, com a cidade de Monte Alegre dos Campos; ao leste, com a cidade de Bom Jesus; ao oeste, com as cidades de Esmeralda, Muitos Capões e Campestre da Serra; e ao norte, com a cidade de Lages, no estado de Santa Catarina. Atualmente o município possui 66.916 mil habitantes e sua área territorial é de 2.124.422km (IBGE, 2021).

Figura 1 – Mapa de Vacaria, no estado do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado pela autora a partir da Divisão Geopolítica do estado do Rio Grande do Sul, Fundação Estadual de Economia e Estatística (RIO GRANDE DO SUL, 2021).

No que se refere à educação, o município de Vacaria teve sua instrução sistematizada em 30 de agosto de 1847, com a inauguração da primeira escola pública, sob a direção do maranhense Luís Augusto Branco até 1853. Essa escola se destinava a meninos e funcionava na casa do Cel. José Luís Teixeira. Depois vieram outros professores e novas aulas (escolas isoladas) foram implantadas, até que, em 1922, essas escolas se transformaram no Grupo Escolar de Vacaria, que a partir de agora passarei apenas a identificar como Grupo Escolar Padre Efrem.

Nesse sentido, o Grupo Escolar Padre Efrem iniciou sua história em 09 de maio de 1922, com a denominação de Grupo Escolar Vacaria, a partir da reunião de três escolas isoladas que existiam no município e que tinham como sede a casa de professores.

Esse grupo escolar é umas das mais antigas instituições públicas estaduais de ensino primário do município de Vacaria. A escola sempre foi referência na cidade, atendendo um grande número de alunos e, em maio deste ano, completou um século de existência. Nessa premissa, a construção da sua memória histórica irá contribuir também para a diminuição da lacuna sobre a história das instituições escolares públicas do Rio Grande do Sul e principalmente de Vacaria.

Pesquisar sobre esse grupo escolar possibilitou compreender as vicissitudes relacionadas à criação e à trajetória dessa instituição, na tentativa de contribuir e

preencher o espaço vazio na história no que se refere às instituições públicas de ensino também no Brasil.

No que se refere aos pressupostos teórico-metodológicos, optou-se pela perspectiva da História Cultural, sendo sua corrente historiográfica mobilizada desde o início desta pesquisa até os resultados apresentados ao final dessa dissertação.

As pesquisas sobre os grupos escolares situadas no campo da História da Educação, ao longo dos anos, têm possibilitado a compreensão sobre a importância da criação dos grupos escolares no Brasil, permitindo conhecer mais sobre a história cultural dessas instituições escolares e, principalmente, sobre a historiografia da educação primária brasileira. Essas pesquisas permitem a reflexão e a representação acerca da organização da escolarização primária.

Os grupos escolares foram criados em contraposição à forma de organização do ensino no período Imperial e num contexto de modernização que marca o surgimento de um tempo de mudanças que denota transformações ocorridas na estrutura física, dando início também a uma nova estrutura pedagógica e administrativa.

As pesquisas no campo da História da Educação no Brasil tiveram um considerável crescimento a partir do ano de 1990. Essa diversificação de temáticas de pesquisas que passaram a incluir cultura, gênero, estudos regionalizados, por exemplo, e a pesquisa sobre instituições escolares, está relacionada com a ampliação da Pós-graduação no país. Além disso, Nosella e Buffa (2008) indicam que:

[...] [se] privilegiam a instituição escolar considerada em sua materialidade e nos seus vários aspectos: o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola; seu processo evolutivo: origens, apogeu e situação atual; a vida da escola; o edifício escolar: organização do espaço, estilo, acabamento, implantação, reformas e eventuais descaracterizações; os alunos: origem social, destino profissional e suas organizações; os professores e administradores: origem, formação, atuação e organização; os saberes: o currículo, disciplinas, livros didáticos, métodos e instrumentos de ensino; as normas disciplinares: regimentos, organização do poder, burocracia, prêmios e castigos; os eventos: festas, exposições, desfiles. (NOSELLA; BUFFA, 2008, p. 18)

Nessa premissa, compreendeu-se a escola como produtora de práticas educacionais e sociais. Dessa forma, ela se torna objeto de investigação a partir da perspectiva da História Cultural.

Souza (2011) argumenta que a “nova história” possibilita analisar aspectos como as experiências cotidianas e os contextos de suas constituições. Além disso, ao construir a narrativa histórica,

[...] o historiador sabe que a sua narrativa pode relatar o que ocorreu um dia, mas que esse mesmo fato pode ser objeto de múltiplas versões. A rigor, ele deve ter em mente que a verdade deve comparecer no seu trabalho de escrita da História como um horizonte a alcançar, mesmo sabendo que ele não será jamais constituído por uma verdade única ou absoluta. O mais certo seria afirmar que a História estabelece regimes de verdade, e não certezas absolutas. (PESAVENTO, 2012, p. 29)

A “nova história” foi introduzida com o movimento de *Annales*<sup>2</sup>, ocorrido na França durante a primeira metade do século XX, modificando as formas de escrever e pensar sobre a história e incorporando novas fontes de pesquisa.

A partir dessa nova forma de pensar a história, a História da Educação ganha destaque no que se refere à compreensão de seus processos educativos e às práticas desenvolvidas a partir da análise documental: os processos se desdobram na compreensão de tempos, espaços e na análise de representações e conceitos da Cultura Escolar.

Historiar sobre essa instituição pública primária é ir ao encontro de evidências e vestígios que possibilitaram analisar os acontecimentos e as memórias que tecem a história do ensino primário sob a perspectiva da História Cultural. Segundo Pesavento (2012, p. 22), a abordagem nessa perspectiva procura “[...] decifrar a realidade do passado por meio das suas representações, tentando chegar àquelas formas, discursivas e imagéticas, pelas quais os homens expressaram a si próprios e o mundo.”

Para aprofundar os conhecimentos acerca da História Cultural, é necessário compreender alguns conceitos. Penso a história como um processo complexo repleto de emaranhados que se entrelaçam e que dão sentido ao mundo, assim manifestada “em palavras, discursos, imagens, coisas, práticas”, entre outras possibilidades, como reflete Pesavento (2012, p. 9). Nesse sentido, Luchese (2014, p. 147) complementa:

---

<sup>2</sup> *Annales* foi um movimento que surgiu no século XX, tendo como objetivo combater o positivismo histórico. Ele também permitiu a inserção de novas fontes históricas e uma nova abordagem de trabalhar com essas fontes. A partir desse momento que surge a História Cultural. Os autores mais conhecidos desse movimento são Lucien Febvre e Marc Bloch (SOUZA, 2011).

[...] compreendo a história como processo que, em suas multiplicidades, descontinuidades, brechas e atravessamentos, constitui os momentos do passado-presente. Penso a história como narrativa, como trama do passado, como fios que se intersectam na construção do passado, permeado por práticas e representações.

A pesquisa pretendeu investigar a história de uma instituição educativa, o que fez com que o conceito de Cultura Escolar emergisse, pois “permite articular, descrever e analisar, de uma forma muito rica e complexa, os elementos chaves que compõem o fenômeno educativo” (FARIA FILHO, 2008, p. 85). Ainda de acordo com o referido autor, as práticas produzidas pelos sujeitos cotidianamente no ambiente escolar contemplam a Cultura Escolar.

Diante da análise das fontes, o conceito de cultura assumiu um lugar de destaque nos resultados da dissertação. Portanto, a cultura aqui foi entendida a partir de Burke (2008), que usa tal expressão no plural. A cultura se refere às ações cotidianas do contexto escolar, em que se encontram as práticas, os pensamentos, as crenças, as normas e os procedimentos para que, então, seja possível compreender o processo de escolarização e as práticas que fazem parte da vida social de um grupo.

Além disso, a cultura escolar expressa “[...] toda a vida escolar: fatos e ideias, mentes e corpos, objetos e condutas, modos de pensar, dizer e fazer” (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69). Essa cultura é produzida pelos sujeitos, pelas práticas escolares cotidianas e suas relações com o tempo e espaço vividos em diferentes contextos. “Trata-se, antes de tudo, de pensar a cultura como um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo” (PESAVENTO, 2012, p. 8). Dessa forma, é possível pensar que existem “tantas culturas escolares quanto instituições de ensino”, como salienta Vidal (2005a, p. 35).

Para Buffa (2002), a pesquisa acerca das instituições escolares é uma forma de estudar a história e a filosofia da educação brasileira, as quais são repletas de valores da época. A pesquisa em história das instituições escolares tem como objetivo “superar a dicotomia entre o particular e o universal, o específico e o geral, o concreto e o conceito, a história e a filosofia” (BUFFA, 2002, p. 26). Além disso, pesquisas dessa natureza ocupam-se em

Investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço do poder

(diretoria, secretaria, sala dos professores), a organização e o uso do tempo, a seleção dos conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, os professores, a legislação, as normas e a administração da escola. Essas categorias permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade. (BUFFA, 2002, p. 27)

Sendo assim, as instituições escolares surgiram a partir da história dos homens em meio ao processo de produção da vida social. Para este estudo, o conceito de cultura escolar é direcionado com o objetivo de compreender os modos de ser e de agir dos sujeitos e das práticas realizadas no Grupo Escolar Padre Efrem em consonância com o momento histórico vivido.

Por grupo escolar entende-se a forma de organização da escola pública primária nas últimas décadas do século XIX e fortemente no século XX, que no Brasil foi implantada primeiramente em São Paulo e, depois, no Rio de Janeiro, expandindo-se paulatinamente para os outros estados brasileiros no decorrer do século XX.

O modelo seguido pelos grupos escolares trouxe uma série de modificações na organização didático-pedagógica, com alunos divididos por idades e grau de adiantamento, com um professor para cada classe e sob o controle de um diretor. Os grupos escolares representaram a modernidade e a inovação educacional.

As práticas produzidas no Grupo Escolar Padre Efrem permitiram a construção de sua identidade escolar e dos profissionais da educação de Vacaria. Ao pesquisar a história institucional desse grupo escolar, pretendeu-se demonstrar como essa modalidade de escola primária se consolidou no ensino público e quais mudanças foram introduzidas.

Para isso, a análise documental foi a escolha metodológica, tendo em vista que

O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (LE GOFF, 2013, p. 545)

Os documentos escolares, como regimentos, planos curriculares, exames finais e atas, possibilitam ao pesquisador conhecer e compreender um pouco mais sobre as práticas escolares que eram desenvolvidas e como foi o processo de Cultura Escolar. Segundo Le Goff, “nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser des-estruturado, des-montado” (LE GOFF,

2013, p. 110). O estudo desses documentos favorece também a escrita de uma história da Cultura Escolar e a “[...] ampliação do conhecimento sobre a educação pública no país”. (SOUZA, 2011, p. 18). Devido à importância das fontes documentais para esta pesquisa, a metodologia da análise documental será abordada no próximo capítulo.

Nesse sentido, pesquisar uma instituição escolar é compreender os mecanismos que se consolidam no interior da instituição escolar, não somente no início de sua implementação, mas também no decorrer de suas práticas, dando sentido à função social da instituição.

Diante dos conhecimentos construídos sobre a localização geográfica do grupo escolar em pesquisa e dos conceitos pertinentes para o estudo, a partir desse momento direciono o olhar para o percurso metodológico que orientou a análise desta pesquisa.

## 2. PERCURSOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, serão abordados os percursos metodológicos realizados na pesquisa, a começar pela revisão de literatura, sendo este movimento de grande importância para conhecer os estudos já realizados sobre a temática a ser pesquisada e que merecem a atenção do pesquisador.

A revisão de literatura percorrerá as temáticas: ensino primário, grupos escolares, instituições escolares e práticas escolares, em artigos, livros, periódicos e nos bancos de teses e dissertações de universidades.

O presente estudo está vinculado à área da educação e ligado aos pressupostos da História Cultural. A pesquisa de natureza qualitativa utiliza-se também da análise documental a partir de documentos escritos (leis, decretos, atas, documentos oficiais e demais documentos manuscritos) e elementos icnográficos encontrados ao longo do percurso investigativo.

Com a Escola de *Annales*, ocorre a abrangência das fontes documentais para a pesquisa, deixando de ser somente os documentos oficiais as fontes históricas.

As fontes documentais são as principais ferramentas de investigação do pesquisador/historiador, tornando-se um importante objeto investigativo. Assim, a partir da análise documental, busca-se identificar como a realidade social é construída, com base nos pressupostos da História Cultural.

O *corpus* empírico desta pesquisa está constituído por fotografias e pelos documentos escritos localizados no arquivo passivo da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem, antigo Grupo Escolar.

Após a busca e coleta desses documentos, a etapa subsequente foi a organização do material coletado, que, segundo Pimentel (2001), faz-se relevante para a atividade do pesquisador, como fichamentos, levantamentos, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio, para que então sejam criados mecanismos ilustrativos, como tabelas, gráficos, listas, dentre outros.

Realizei primeiramente a leitura de algumas dissertações para identificar aspectos relevantes que poderiam auxiliar na compreensão de como são feitas as pesquisas e o que deve ser levado em consideração.

Relativo à identificação das palavras-chave, a *string* de busca da presente pesquisa foi construída a partir da combinação dos termos das palavras-chave e seus sinônimos, usando os operadores lógicos OR e AND: ("história da educação") AND

("grupo escolar") AND ("escola primária") OR ("ensino primário") OR ("educação primária") OR ("instituições escolares"). Posteriormente, o período de publicação foi estabelecido como sendo de 2015 a 2021, no que tange à coleta de dados.

A pesquisa se realizou na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), no Repositório de Teses e Dissertações da Universidade de Caxias do Sul e em artigos da Revista Brasileira de História da Educação (RBHE).

Na BDTD, foram encontradas 35 dissertações e dez teses, utilizando os descritores mencionados anteriormente. Foram selecionadas, a partir da leitura do título, do resumo e das palavras-chave, seis dissertações e uma tese. A partir das leituras, foi possível organizar o seguinte quadro:

Quadro 1 – Teses e dissertações selecionadas da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD)

(continua)

<b>Título</b>	<b>Autor(a)</b>	<b>Instituição</b>	<b>Nível</b>	<b>Ano</b>
A constituição da escolarização do município de Orlandia/SP de 1914 a 1946: um estudo por meio de aspectos da história do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando"	GIRALDES, Maria Paula Martelli	Universidade Estadual Paulista (UNESP)	Dissertação	2018
A educação e o surgimento dos grupos escolares em Goiás: o caso grupo escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira (1934) e a educação formal em Goiandira	ELIAS, Robson Cândido	Universidade Federal de Goiás	Dissertação	2018
A escola nova e a modernização do ensino primário na Paraíba: a formação de professores e os grupos escolares (1930-1946)	FREIRE, Evelynne Nathaly Cavalcanti de Luna	Universidade Federal da Paraíba	Dissertação	2016
A magna causa do ensino popular: a criação e consolidação do Grupo Escolar de São Matheus - Juiz de Fora (1906-1929)	PEREIRA, Tatiana Aparecida	Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)	Dissertação	2016
Da suntuosidade à funcionalidade: Grupo escolar Barão de Mipibu (1909-1971)	CRUZ, Paula Lorena Cavalcante Albano da	Universidade Federal do Rio Grande do Norte	Tese	2018
Escolarização no Norte do Espírito Santo início do século XX: das escolas isoladas aos grupos escolares	ALENCAR, Ingrid Regis de Freitas Schmitz de	Universidade Federal do Espírito Santo Mestrado em Educação	Dissertação	2016

Memórias de escolarização no meio rural de Farroupilha: o grupo escolar Jansen (1937-1958)	PILETTI, Fernanda	Universidade de Caxias do Sul	Dissertação	(conclusão) 2018
--	-------------------	-------------------------------	-------------	---------------------

Fonte: Elaborada pela autora a partir da BDTD.

Iniciei com a leitura de trabalhos sobre grupos escolares, os quais auxiliaram na compreensão dos processos ocorridos sobre o tema dentro ou próximo do recorte temporal escolhido para esta pesquisa, que se dá nos meados do século XX.

Ao destacar alguns trabalhos, identifica-se em Giraldes (2018) análise do processo político de implantação dos grupos escolares nas áreas centrais de Orlandia/SP entre os anos de 1914 e 1946, especificamente na Instituição Coronel Francisco Orlando. A autora aborda também o espaço arquitetônico e as práticas aplicadas, bem como as matérias pedagógicas e os alunos que lá estudaram. Esse trabalho é centrado na análise documental e bibliográfica e tem como pressupostos a História Cultural, em que a autora utiliza diversas fontes para compor o *corpus* documental de sua pesquisa, como atas, registros, exames, livros de matrículas, dentre outros.

A dissertação de Elias (2018) busca compreender o processo de implantação do Grupo Escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira, em 1934, em Goiandira, Goiás, durante o governo de Getúlio Vargas. Nessa época, instaurou-se uma proposta de reorganização na política brasileira, inclusive o surgimento de novas políticas educacionais. O grupo escolar pesquisado fez parte desse processo e é investigado a partir da análise documental realizada através de atas, registros, ofícios e outros. A autora discorre sobre as mudanças que ocorreram no campo político, descrevendo como isso influenciou a sociedade naquele período e como a escola é vista como *locus* para ações de interesses políticos.

Por sua vez, Pilleti (2018), em sua dissertação *Memórias de escolarização no meio rural de Farroupilha: o grupo escolar Jansen (1937-1958)*, analisa a constituição do Grupo Escolar Jansen, na zona rural da cidade de Farroupilha, no estado do Rio Grande do Sul. A metodologia utilizada pela autora foram as memórias através da História Oral e da análise documental. A autora refletiu sobre aspectos da escolarização primária no meio rural e buscou compreender as representações sobre a cultura desse lugar e como isso influenciou o ensino e as memórias constituídas na época.

A História Cultural é abordada nos trabalhos apresentados, sendo possível perceber que a história das instituições escolares é um tema que vem sendo estudado nos diferentes estados do Brasil. A partir dessa revisão, também se percebe que a Cultura Escolar em cada uma dessas instituições tem características próprias, que são de grande importância para compreender a Cultura Escolar.

Ao pesquisar no repositório da Universidade de Caxias do Sul, foi-se em busca de trabalhos com foco de investigação regional ou específica de Vacaria, a partir disso, destaque o estudo de Lima (2019), que em sua dissertação traz um pouco do cenário do município de Vacaria/RS nos anos de 1931 até 1944 e busca conhecer as culturas e práticas escolares vivenciadas na formação de professores do curso complementar do Colégio São José. A autora faz uma investigação sobre a história da Congregação das Irmãs de São José e contextualiza os processos educativos trazidos e aplicados por elas na formação de professoras.

Sgorla (2020) analisa as práticas cotidianas e as representações sobre a Cultura Escolar das escolas rurais do município de Pinhal da Serra/RS entre os anos de 1963 e 1993. O município de Pinhal da Serra foi distrito das cidades de Vacaria e Esmeralda antes de ter sua emancipação, em 1996. A autora descreve, nesse estudo, iniciativas da escolarização em Vacaria e faz um apanhado sobre a caracterização da criação do município para, então, contextualizar a cidade de Pinhal da Serra.

A tese de Fernandes (2021), denominada *História dos grupos escolares em Garibaldi e Farroupilha: matizes de práticas pedagógicas e escolares (Rio Grande do Sul, 1926 – 1949)* investiga a constituição e a organização dos grupos escolares em Garibaldi e Farroupilha, cidades localizadas no Rio Grande do Sul, narrando nuances das culturas escolares produzidas no cotidiano dessas instituições em correlação com o contexto. O aporte teórico fundamenta-se na História Cultural, na História da Educação e na História das Instituições Escolares. O estudo privilegiou como categoria de análise as práticas pedagógicas e escolares e as práticas sociais produzidas e reproduzidas na tessitura do cotidiano escolar, com a tarefa de ensinar, educar, disciplinar, moralizar, orientar.

No que se refere aos artigos de revistas científicas, destaca-se o artigo intitulado *As escolas que construímos: a história de instituições escolares na Revista Brasileira de História da Educação*, de Santos e Vechia (2019), que investiga e categoriza artigos que foram escritos sobre a história das instituições escolares e que foram publicados na *Revista de História da Educação* no período de 2001 a 2018,

utilizando em sua metodologia a análise de conteúdo. Esse estudo contribui para conhecer de forma mais profícua a realidade educacional brasileira e permite compreender as atividades e dinâmicas escolares em diferentes óticas.

Para fundamentar ainda mais este trabalho, foi utilizado o livro *Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950) – ensino, culturas e práticas escolares*, (2020) que tem como organizador o professor Dr. José Edimar de Souza. Nesse livro, agrupam-se diversos estudos sobre as instituições escolares do Rio Grande do Sul a partir de diferentes fontes documentais com o objetivo de investigar e construir a história da educação primária, evidenciando as relações, permanências e discontinuidades no modo de organização das instituições escolares. Destaco a seguir alguns capítulos que contribuíram para refletir sobre meu objeto de pesquisa.

Ermel e Grimaldi (2020), no capítulo intitulado *O lugar da escola primária: edifícios escolares adaptados na história da educação de Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX*, discorrem sobre a arquitetura escolar como um elemento da cultura escolar na busca de uma compreensão sobre seus significados, já que os edifícios da escola primária eram vistos como elementos fundamentais para a qualidade de ensino. Apesar disso, percebe-se que em muitas localidades a escola era adaptada em locais não destinados para essa finalidade, indo de encontro ao discurso de progresso difundido pelo Estado. Nessa premissa, os autores analisaram dois espaços escolares adaptados e reformados pelo governo do estado do Rio Grande do Sul e que tinham como finalidade o funcionamento da educação primária na cidade de Porto Alegre. Para esse estudo, os autores analisaram fontes documentais, fotografias, projetos e plantas e buscas nos acervos escolares. Nesse trabalho, os autores discorrem sobre o cenário da educação pública no estado do Rio Grande do Sul para compreender como foram implantados os grupos escolares e de que forma ocorreram diante do discurso da pedagogia moderna.

Fernandes (2020), em sua pesquisa *Brasil! Gigante dos gigantes!: comemorações da Semana Pátria no Grupo Escolar Farroupilha (Farroupilha, RS, 1940-1946)* buscou conhecer as comemorações produzidas na Semana da Pátria por professores e alunos do grupo escolar dentro do recorte temporal estipulado. Esse grupo escolar, conforme a autora, foi criado com o objetivo de ministrar ensinamentos práticos e rudimentares de agricultura para meninos e meninas da localidade. A autora relata as mudanças ocorridas no grupo escolar durante o período da pesquisa e as

nuances estabelecidas com as festividades e sua relação direta com os fatos sociais, políticos e históricos.

Bortoluzzi e Souza (2020) fazem um estudo sobre *O Grupo escolar de Vila Oliva (Caxias do Sul, RS, 1942-1955): processos de escolarização*, baseado no conceito da cultura escolar e na abordagem teórica da História Cultural, buscando conhecer as práticas de escolarização na busca de compreender o processo de institucionalização da escola e das culturas produzidas nesse grupo escolar. O estudo também versa sobre a representatividade das festas escolares a partir das fontes documentais.

Foi utilizado também nesta pesquisa o livro *Grupos Escolares no Rio Grande do Sul – Educação Primária em Perspectiva Regional no Século XX*, organizado por Souza (2021), o qual mapeia e analisa o processo de constituição dos grupos escolares nas regiões do Vale dos Sinos e Serra Gaúcha. Destaca-se, nesse livro, o capítulo intitulado *Os colégios elementares e os grupos escolares – uma revisão de literatura (1909-1950)*, de Gritti e Gritti (2021), o qual apresenta uma revisão de literatura sobre os grupos escolares e colégios elementares, dando ênfase à arquitetura escolar, ao currículo, ao nacionalismo e a outros elementos da cultura escolar que se fazem relevantes para a tessitura desta pesquisa. Outro trabalho relevante foi o de Pinheiro e Souza (2021): *Grupo Escolar Frei Caneca de Flores da Cunha/RS: a presença da Caixa Escolar (1925-1940)*. Por abarcar o recorte temporal em que a presente pesquisa se encontra e por tratar da caixa escolar, instituição que recorrentemente é mencionada nos documentos encontrados sobre o Grupo Escolar Padre Efrem, esse capítulo auxilia na compreensão da finalidade da criação dessa instituição e de que forma funcionava.

O referido livro traz também o capítulo intitulado *Uma instituição cívica: representações do nacionalismo nos grupos escolares estaduais de Caxias do Sul/RS (1930-1950)*, de Vanz, Dewes e Souza (2021). Além de investigar em um recorte temporal muito próximo da presente pesquisa, versa sobre o civismo, nacionalismo e patriotismo que foram fortemente trabalhados nos grupos escolares e colégios elementares.

Belusso e Ripe (2021), em seu trabalho *Grupo Escolar de São Marcos, Farroupilha/RS: uma análise das atas de exames escolares (1938-1948)*, contribuiu também para a presente pesquisa, pois os autores analisam os mecanismos de fiscalização e de avaliação do conhecimento dos alunos, sendo uma prática escolar com poder disciplinador que demarcava tempos e espaços na educação primária.

Ao fazer a pesquisa, não identifiquei até o momento trabalhos realizados sobre o Grupo Escolar do município de Vacaria, mas encontrei relevância sobre o importante papel que esses grupos tinham na sociedade a nível regional e nacional, além dos principais autores que estudam essa temática.

Com isso, percebi que seria necessário ir em busca de documentos, materiais, livros, dentre outros, para poder conhecer melhor a história do município e, então, compreender a necessidade e o processo de implantação do um grupo escolar de Vacaria, que posteriormente viria a ser denominado de Grupo Escolar Padre Efrem.

## 2.1 ANÁLISE DOCUMENTAL

A pesquisa de natureza qualitativa utiliza-se da análise documental a partir de documentos escritos (leis, decretos, atas, documentos oficiais e demais documentos manuscritos) e elementos icnográficos encontrados ao longo do percurso investigativo.

O processo de análise documental nesta pesquisa buscou compreender a instituição, a cultura e as práticas escolares desenvolvidas no Grupo Escolar Padre Efrem. Após a definição do que seria pesquisado, foi necessário ir em busca de vestígios sobre o Grupo Escolar de Vacaria, e o primeiro local a ser visitado foi a Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem, onde os primeiros indícios foram encontrados através de documentos - guardados no armário da atual diretora da escola, além de objetos da época - sobre o ano que inaugura o funcionamento do Grupo Escolar.

A partir desse momento, deu-se início à organização dos materiais que estavam sendo coletados. Segundo Pimentel (2001, p. 184),

Organizar o material significa processar a leitura segundo critérios da análise de conteúdo, comportando algumas técnicas, tais como fichamento, levantamento quantitativo e qualitativo de termos e assuntos recorrentes, criação de códigos para facilitar o controle e manuseio.

Após fazer algumas tentativas de encontrar mais materiais na escola sobre os demais anos de funcionamento, foi possível encontrar outros documentos, o que originou o Quadro 2:

Quadro 2 – Documentos selecionados para o estudo

TIPO	ANO	LOCALIZAÇÃO DO ARQUIVO
Relatório do Primeiro Ano de Funcionamento da Escola	1922	E.E.E.M. Padre Efrem
Decreto nº 1619 – Denomina “Padre Efrem” o nome do Grupo Escolar	1950	E.E.E.M. Padre Efrem
Decreto nº 2669 – Eleva o Grupo Escolar para Colégio Elementar	1922	E.E.E.M. Padre Efrem
Diploma de Honra pelo Centenário de Municipalização de Vacaria	1950	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro ponto dos professores e funcionários	1930 até 1940	E.E.E.M. Padre Efrem
Estatuto do Círculo de Pais e Mestres	1938	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de atas das reuniões do Círculo de Pais e Mestres	1940 até 1948	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de registro de atividades do Círculo de Pais e Mestres	1948 até 1960	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de ofícios, atestados e convites	1922 até 1938	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de atas	1923 até 1948	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de correspondências expedidas	1940 até 1956	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de controle de matrículas e frequências	1946, 1950 e 1951	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de registro das notas dos exercícios de linguagem escrita e oral e matemática (turma masculina)	1923	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de licenças e nomeações de professores e funcionários	1949 e 1950	E.E.E.M. Padre Efrem
Livro de visitas – Autoridades Escolares	1939 até 1960	E.E.E.M. Padre Efrem

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documentos do Arquivo institucional da E.E.E.M. Padre Efrem.

O *corpus* empírico desta pesquisa está delimitado ao arquivo passivo da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem e às informações contidas em livros históricos sobre a cidade de Vacaria. Esses documentos tornam-se fontes de investigação, sendo elas as principais ferramentas do historiador. Para Cellard (2012, p. 295),

[...] o documento escrito constitui uma fonte extremamente preciosa para todo pesquisador nas ciências sociais. Ele é, evidentemente, insubstituível em qualquer reconstituição referente a um passado relativamente distante, pois não é raro que ele represente a quase totalidade dos vestígios da atividade humana em determinadas épocas. Além disso, muito frequentemente, ele

permanece como o único testemunho de atividades particulares ocorridas num passado recente.

A partir da análise dos livros de atas, foi possível identificar as diretoras que atuaram e conduziram a escola durante o recorte temporal estudado, conforme consta no Quadro 3:

Quadro 3 – Equipe diretiva (1922-1951)

<b>Diretor(a)</b>	<b>Período</b>
Andréa Cecy Sá Brito	1922-1926
Hortência Braga	1926-1938
Edith Chagas dos Santos	1939-1940
José Fernandes de Oliveira	1940-1942
Maria Suely Guerra	1943-1945
Jurumy Moajen Azambuja	1946-1948
Leda Maria Broglio	1949-1951

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documentos do Arquivo institucional da E.E.E.M. Padre Efrem.

A partir das informações que o quadro indica, percebe-se que as gestões abarcam períodos de tempo distintos, o que pode indicar dificuldades/instabilidades e, ao mesmo tempo, percebe-se um número significativo da presença feminina dentro do recorte temporal estudado, que contempla seis diretoras e um diretor, totalizando sete pessoas, sendo possível ter conhecimento sobre quem eram os sujeitos que conduziram o Grupo Escolar desde a sua criação.

O levantamento de documentos que subsidiam esta pesquisa foi realizado através de diversas idas até a escola Padre Efrem, como comumente é chamada. Para isso, foram realizados agendamentos com a atual diretora da escola, Vânia Zanotto Bernardi, a partir da professora Marinei Dagmara de Oliveira, que é uma pessoa conhecida de ambas as partes e que apresentou a pesquisadora na escola. Posteriormente, a busca pelos materiais foi acompanhada pela funcionária Laisa Lúcia Seibert, a qual foi uma pessoa muito importante para que a pesquisadora pudesse ter acesso ao arquivo passivo da escola, onde estavam todos os documentos que compõem o *corpus* empírico desta pesquisa.

Os materiais foram separados de acordo com o recorte temporal que será investigado e foram cuidadosamente manipulados para uma primeira análise. Foram

tiradas fotos dos documentos, pois, devido à pandemia da COVID-19, não seria possível estar a todo momento dentro da escola.

Ao analisar as fontes, foram identificados documentos referentes aos eventos escolares, inaugurações, aberturas de anos letivos, festividades cívicas, disciplinas, notas, matrículas e frequências dos alunos, nomeações dos professores, caixa escolar e muitos outros documentos que serão investigados durante o percurso da pesquisa e que marcam a Cultura Escolar da instituição.

A análise de documentos se faz importante para a realização desta pesquisa. Segundo Le Goff (2013), o documento é definido da seguinte maneira:

Onde faltam os monumentos escritos, deve a história demandar as línguas mortas os seus segredos [...]. Deve escrutar as fábulas, os mitos, os sonhos da imaginação [...]. Onde o homem passou, onde deixou qualquer marca da sua vida e da sua inteligência, aí está a história. (LE GOFF, 2013, p. 489)

É preciso considerar que, para realizar uma análise documental adequada, é necessário levar em conta o contexto social, cultural, econômico e político em que esse documento foi produzido. Em relação a isso, Luchese (2014) diz que se fazem necessários alguns questionamentos: quem produziu? De que lugar social? Para quem foi produzido? Quais foram os interlocutores? Qual sua materialidade?

A análise do contexto em que os documentos foram produzidos e para quem eram destinados é de grande importância e indispensável quando se trata de um passado um tanto quanto distante. Como argumenta Cellard (2012), ela é crucial em todas as etapas de uma pesquisa documental, desde seu início até a sua análise propriamente dita.

A história de uma instituição não se faz somente da junção de documentos e da escrita sobre eles, mas sim da compreensão das suas significações e do seu sentido, sendo assim, os documentos devem ser tomados como monumentos, visto que “nenhum documento é inocente. Deve ser analisado. Todo documento é um monumento que deve ser desestruturado, desmontado” (LE GOFF, 2013, p. 110).

Seguindo o que diz Souza e Giacomoni (2021, p. 8),

É pelo modo como o historiador analisa as evidências do seu objeto que o mesmo pode investigar e explorar a natureza do objeto, sendo possível recompor o passado com base em vestígios que se apresentam de forma a possibilitar constituir a matéria da história.

O papel do pesquisador/historiador se condiciona por meio da decodificação e interpretação dos dados coletados (PIMENTEL, 2001). Os documentos possuem intencionalidades diferentes, sendo alguns feitos para os professores, outros para os pais ou alunos. Sendo assim, cada um pede uma análise diferenciada. Ainda segundo Le Goff (2013, p. 547-548):

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento.

A busca dos vestígios documentais baseou-se, segundo Pimentel (2001), em localizar os documentos e, a seguir, fazer a exploração das fontes encontradas, a partir das quais foram elencados documentos que seriam utilizados diretamente ou indiretamente na escrita.

Nesse processo, é possível organizar os materiais que foram transcritos e utilizados no processo investigativo e que possibilitaram a continuidade desta pesquisa. Segundo Souza e Giacomoni (2021, p. 2),

É pelo exercício da escrita da história que procuramos dar sentido ao conjunto de documentos que, reunidos, permitem ordenar um passado, trazer vestígios desse passado vivido por uma memória coletiva de um determinado grupo social.

No percurso da pesquisa, também foram encontrados alguns objetos que fazem parte do primeiro ano de funcionamento da escola, a partir dos quais foi possível construir o Quadro 4:

Quadro 4 – Objetos da Cultura Escolar

<b>TIPO</b>	<b>ANO</b>	<b>LOCALIZAÇÃO</b>
Balança	1922	E.E.E.M. Padre Efrem
Bomba d'água	1922	E.E.E.M. Padre Efrem
Máquina de escrever	1922	E.E.E.M. Padre Efrem
Mimeógrafo	1922	E.E.E.M. Padre Efrem

Fonte: Elaborado pela autora a partir de documentos do Arquivo institucional da E.E.E.M. Padre Efrem.

Para compor a análise documental, fui em busca de documentos históricos, livros e jornais na Biblioteca Pública Municipal de Vacaria, a qual inclusive está situada no Centro Cultural Marcos Palombini (Casa do Povo), monumento histórico com formato cilíndrico elaborado em 1988 pelo famoso arquiteto brasileiro Oscar Niemeyer. Como bem denomina Pimentel (2001, p. 180),

[...] trata-se de um processo de garimpagem; se as categorias de análise dependem dos documentos, eles precisam ser encontrados, extraídos das prateleiras, receber um tratamento que, orientado pelo problema proposto pela pesquisa, estabeleça a montagem das peças, como num quebra-cabeça.

Lá encontrei alguns livros que serviram de base para que fosse feito um histórico sobre a cidade, mas não foram localizados materiais específicos sobre o Grupo Escolar.

Durante o percurso de investigação, foram encontradas algumas fotos sobre o Grupo Escolar Padre Efrem que estavam em posse de Adhemar Antônio Pinotti, historiador e pesquisador da história de Vacaria, o qual se prontificou a emprestá-las para a realização desta pesquisa.

As fotografias foram utilizadas como fragmentos de um determinado período da história do Grupo Escolar de Vacaria, sendo elas produções humanas, assim reconheço que não são neutras, pois carregam representações e olhares dos sujeitos que as registraram. Para isso, utilizo-me de Pesavento (2008) e de Vidal e Abdala (2005), os quais atentam para a finalidade de sua produção e suas relações com o contexto da época.

A garimpagem, atrelada à interpretação do contexto social, compõe processo importante desta pesquisa. As fontes documentais produzidas por diversos sujeitos e os materiais acadêmicos referentes à temática foram importantes para a investigação da escolarização neste lugar, especialmente sobre a cultura escolar no referido grupo escolar.

### 3. VACARIA – ASPECTOS DE UMA TRAJETÓRIA

*De Vacaria, a grande, a gloriosa, a  
altaneira.  
Da Vacaria de campos largos,  
árdegos ginetes e capitaneada por  
senhores do poder.  
Da Vacaria de homens valentes. Da  
fidalguia da terra. Da Vacaria dos  
Pinhais, das matas ensombradas, de  
belezas arrebatadoras. [...]   
transformam-se as sociedades. O  
solo, porém, permanece para sempre.  
Não importa que os pinhais hajam  
sido abatidos. As sementes esperam  
o solo fértil, para coroar novamente o  
cimo das coxilhas.  
(BARBOSA, p. 12, 1984)*

Os campos de Vacaria tiveram habitantes indígenas, como os Guananás, Caigangues ou “Coroados”, os quais eram hostis e nômades. Os primeiros ocuparam locais próximos à Serra do Pelotas. Quando os jesuítas começaram a povoar essas terras, os índios aliaram-se aos padres espanhóis e prestaram-lhe serviços na criação de gado no ano de 1697.

Vindos das Missões, os padres espanhóis adentraram os campos com a primeira leva de gado. A necessidade de preservar os rebanhos da ação dos portugueses (paulistas) fez com que os jesuítas escondessem parte desse gado no extremo nordeste do Planalto, e então era fundada a Baqueria De Los Pinhales, que mais tarde passou a se chamar Vacaria.

O município de Vacaria/RS é uma das áreas mais antigas no contexto da história do Rio Grande do Sul. Conforme Barbosa (1984), por volta de 1692, os jesuítas deixaram nos campos de Vacaria/RS um marco registrado em uma pedra polida com a inscrição “S.J. 1692”, que, de acordo com Pinotti (2011), significa *Societas Jesu*, Companhia de Jesus, o qual possivelmente pode representar o mais antigo monumento do Rio Grande do Sul, como se pode observar na Figura 2:

Figura 2 – Pedra Polida com inscrições jesuíticas



Fonte: Arquivo da autora, fotografada no Museu Municipal de Vacaria.

Vacaria dos Pinhais recebeu esse nome devido à grande extensão de campos naturais encontrados na região, fazendo fronteira ao Leste com os penhascos dos Aparados da Serra, ao norte com o Rio Pelotas, ao Sul com o Rio das Antas e a Oeste com uma mata denominada Mato Português e Mato Castelhana (KRAMER, 1996).

O tropeirismo foi fundamental para o povoamento de Vacaria, sendo o território ocupado após a abertura das estradas pelas tropas. Os caminhos, procedentes de Laguna e Viamão e das Missões, cruzavam os campos gaúchos de Bom Jesus, Vacaria e Lagoa Vermelha, atravessando o Rio Pelotense no Passo de Santa Vitória e daí para São Paulo, pela Serra (BARBOSA, 1984). Entretanto, a ocupação inicial da cidade deu-se por meio de um fato religioso, a aparição da imagem de Nossa Senhora da Oliveira, o que originou a Capela em honra a Nossa Senhora da Oliveira.

Conta-se no livro *Rainha do Planalto*, de autoria de José Fernandes de Oliveira (1959), o qual foi um dos primeiros professores do grupo escolar pesquisado, que antigos estancieiros da região serrana faziam a queima de parte dos campos antes de começar a primavera para renovar a pastagem, objetivando o engorde do gado, e, em 1750, um camponês lançou fogo ao campo localizado entre os arroios Uruguazinho e Carazinho.

Conta a lenda que a origem do município aconteceu a partir da crença na aparição dessa Santa. Uma vez que esse camponês teria verificado que, entre as chamas, havia um local que ainda estava com mato alto. “Aproxima-se e enxerga a imagem de uma Santa sôbre [sic] a pedra a que acima se alude. Em meio da queimada, cae [sic] de joelhos e, alçando os olhos ao céu, eleva o pensamento a Deus” (OLIVEIRA, 1959, p.168).

Em seu pedestal, trazia o dizer “Nossa Senhora da Oliveira”. Os moradores da região recolhem a imagem da Santa e rezam o primeiro terço em louvor à Nossa Senhora da Oliveira, a qual se torna a padroeira da cidade.

Muitas pessoas que moravam longe e vinham fazer orações para a Santa começaram a estabelecer moradia ao redor dela, dando assim início ao povoamento de Vacaria.

A imagem da Santa foi encontrada no dia 8 de dezembro de 1750, data em que ainda hoje é dedicada à padroeira. Em síntese, esse dia tem um significado de ordem histórica e espiritual para o povo católico de Vacaria, aspecto que talvez explique a influência religiosa também na organização escolar do município, inclusive com a escolha do nome do grupo escolar pesquisado.

Na primeira divisão administrativa do estado do Rio Grande do Sul, o município já se fazia presente, integrado a Santo Antônio da Patrulha, com o nome de Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria. Segundo Slomp (2001), o município de Vacaria foi instituído pela Lei nº 185, de 22 de outubro de 1850, e, no início do século XX, ainda era chamado de Vila, adquirindo o *status* de cidade somente em 21 de novembro de 1936, através do Decreto nº 6.332. No ano de 1900, a Vila contava com 140 casas e 631 habitantes.

Ainda conforme a referida autora, no ano de 1920, a Vila de Vacaria esteve dividida em oito distritos: 1º, Vacaria (sede); 2º, Vista Alegre; 3º, Capão Alto; 4º, São Luís de Branco; 5º, São João Batista; 6º, São Pedro; 7º, Santo Antônio; e 8º, Capela da Luz. Nessa época, contava com uma população em torno de 30.000 habitantes,

28.100 na área rural e 1.900 na área urbana (SLOMP, 2001). Até 1930, Vacaria destacou-se pela atividade agropecuária que predominava na região. A partir de então, mudanças significativas na economia e nos diferentes ramos da atividade humana começam a ocorrer.

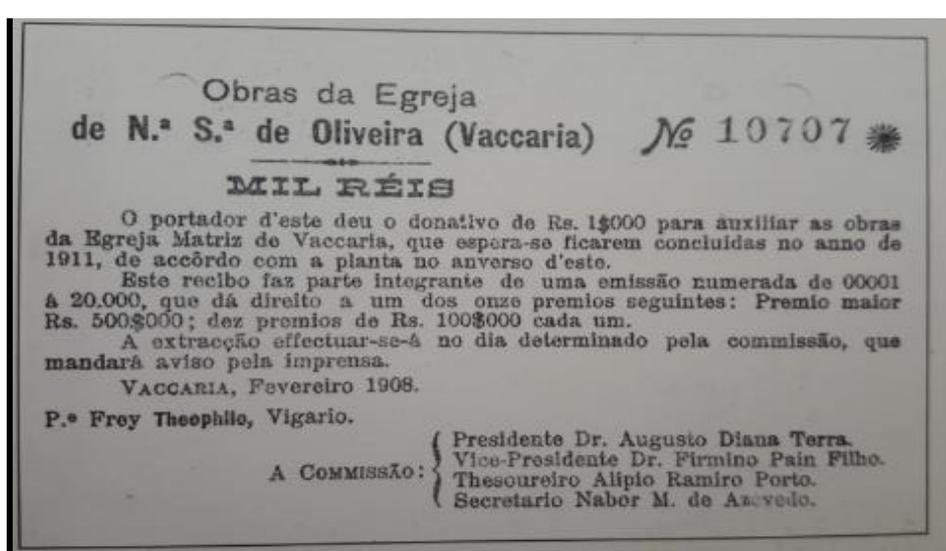
Um dos fatos propulsores para essa mudança foi a construção da Catedral de Pedra, no ano de 1900, a qual trouxe para Vacaria a mão de obra do imigrante italiano e, junto dele, chegaram pessoas ligadas a outras atividades que diversificaram a economia local e introduziram a agricultura comercial.

Após alguns anos de interrupção e o falecimento de alguns membros da 1ª comissão formada para projetar a igreja, forma-se em 1929 uma nova comissão de obras que contava com os seguintes membros: Cel. Libório Antônio Rodrigues, José Fernandes de Oliveira, Francisco Guerra, Pedro Grazziotin, Aureliano Siqueira, Cândido Camargo Ramos, Firmino Rosa, Camilo Marcantônio, Raimundo Kramer de Almeida, Romualdo Silva, Tristão D'Ávila Pinto, Remígio Scotti, Amândio Duarte, Florêncio Teixeira, José Murici do Prado, João Fernandes Bueno e Teodoro dos Santos Camargo, pessoas influentes da sociedade na época.

A igreja foi projetada pelo Frei Efrem, que chega em Vacaria no ano de 1912 a pedido do Frei Pacífico, que não concordava com o antigo projeto. Frei Efrem veio da Europa e era considerado um arquiteto de renome. Para o projeto, construiu uma maquete de madeira, sendo esculpida com canivete, a qual, conforme Barbosa (1996), foi deslocada para um museu na França na década de 1950.

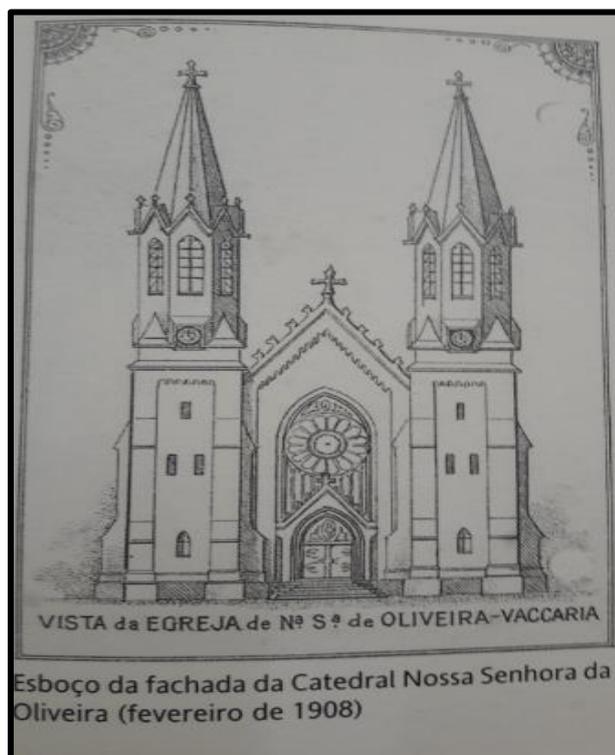
Para obter recursos financeiros, a igreja contou com os recursos doados pelo Coronel Libório Rodrigues, e com a contribuição artística do Frei Pacífico e do Frei Efrem. A construção demorou 33 anos para ficar pronta e é toda feita de pedras quadriláteras (KRAMER, 1996). Nas próximas figuras, observam-se o recibo e o projeto da fachada da Catedral Nossa Senhora da Oliveira.

Figura 3 – Recibo de doação para construção da Catedral, em fevereiro de 1908



Fonte: Pinotti (2011, p. 309).

Figura 4 – Esboço da fachada da Catedral, em fevereiro de 1908



Fonte: Pinotti (2011, p. 310).

Não foram encontrados até o momento registros da maquete projetada pelo Frei Efrem. Atualmente a igreja Catedral Nossa Senhora da Oliveira está localizada

em frente à praça Daltro Filho, região central do município, como identificada na Figura 5:

Figura 5 – Catedral Nossa Senhora da Oliveira no ano de 2021



Fonte: acervo pessoal da autora.

Por este importante projeto, Frei Efrem foi homenageado, sendo o seu nome dado ao Grupo Escolar pesquisado, assunto esse que será tratado no decorrer deste estudo. Frei Pacífico também teve seu nome dado a uma escola na década de 1950, a qual se encontra atualmente em funcionamento, sendo também uma maneira de homenageá-lo pelos serviços prestados à comunidade.

Por volta de 1934, houve a instalação do 3º Batalhão Rodoviário em Vacaria e também é inserida no município a primeira estação rodoviária do país. A partir de 1940, instalaram-se no município mais de uma centena de serralherias, e a exploração da madeira foi o primeiro marco de atividade industrial na cidade. Todos esses marcos trazem a Vacaria o impulso de crescimento econômico, favorecendo sua expansão urbana.

A população do município, como afirma Abreu *et al* (2013), constituía-se da “presença de escravos, que em 1780 era de 43,43% de uma população de 571 habitantes, [o que] retrata a união de sua cultura com a lusa, a alemã, a italiana e a árabe.” (ABREU *et al.*, 2013, p. 9).

O comércio de Vacaria teve grandes influências da imigração italiana no século XX. Conforme Molina (2004), houve importantes mudanças com a chegada dos italianos ao município, pois esses imigrantes tinham outra mentalidade e conheciam diferentes atividade econômicas, o que os fez marcar o município com suas atividades, como é o caso do fundador da Casa Broglio, Antônio Broglio, filho de casal de imigrantes vindo da cidade de Gazolo Degli Spolito, região de Mântova, na Itália. A loja comercializava tecidos, calçados, confecções, perfumaria, brinquedos etc.

A família Marcantônio estabeleceu-se em Vacaria em 1914 e iniciou atividades comerciais com um açougue. Já a família Frozi, com o comércio de secos e molhados. Por sua vez, a família Mondadori, da qual esta pesquisadora é descendente, através do Sr. Dante Mondadori, estabeleceu uma farmácia e abriu uma agência da *General Motors*, a primeira agência de automóveis em Vacaria. Por outro lado, a família Rigon chega a Vacaria por volta de 1933 e instala uma loja de joias e relógios, uma sapataria e uma funerária – a primeira da cidade. Além disso, trabalha com o beneficiamento de madeira. Segundo Costa (1922), funcionavam, em Vacaria na década de 1920, 18 serrarias e dez atafonas, nove ferrarias, três carpintarias e nove açougues.

Conforme Slomp (2001, p. 16):

As pequenas propriedades das colônias foram compradas e nelas adotaram a policultura e a mão de obra familiar como base de produção. Porém, foram os imigrantes que se submeteram à cultura gaúcha. Foram eles que mudaram, ao se mudar para as fazendas dos campos de Vacaria (SLOMP, 2001, p. 16).

Muitos desses comércios estavam localizados na área central da cidade, sendo a Rua do Vinagre a localização de alguns deles.

Figura 6 – Rua do Vinagre em Vacaria na década de 1920



Fonte: Pinotti (2011, p. 352).

A imagem acima mostra a Rua do Vinagre (hoje denominada Ramiro Barcelos) que, segundo Abreu *et al.* (2013), era frequentada pela juventude privilegiada da cidade para passeios nas calçadas pavimentadas. Geralmente os passeios eram feitos nos domingos pela manhã, após a missa, outro depois da matinê de cinema e, por último, ao final da sessão de cinema. A Rua do Vinagre era bastante movimentada, contava com comércios como os de secos e molhados e local para tomar um bom café.

Em 1922, o município contava com 6.340 km e era composto por oito distritos. Segundo Costa, “a população era de 22.718 habitantes, dos quais 4.357 viviam na sede do município. Assim, 80% dos habitantes viviam na zona rural ou nas pequenas sedes distritais” (COSTA, 1922, p. 741). Ainda segundo o autor, nessa época existiam 142 contribuintes de imposto pecuário e 110 casas de comércio, sendo que os contribuintes de origem italiana dominavam o comércio e os de origem lusa se destacavam na pecuária.

A praça central da cidade é ponto turístico das pessoas que passam pelo município. Antigamente chamada Praça da Matriz, atualmente conhecida como Praça Daltro Filho, está localizada entre as ruas centrais da cidade, sendo parte deste percurso à Igreja Matriz, a muitos comércios e também à Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem, onde antigamente estava localizado o Grupo Escolar pesquisado neste estudo.

Quadro 5 – Lista de prefeitos, vices, intendentes e subprefeitos de Vacaria (1920 a 1951)

Nome – Função	Data de atuação
Nabor Moura de Azevedo – Intendente	1º/09/1920 a 30/11/1922
Fausto Viterbo de Oliveira – Vice	03/06/1922 a 29/11/1922
Júlio de Campos – Vice nomeado	30/11/1922 a 18/08/1924
Theodoro dos Santos Camargo – Intendente	02/09/1924 a 1º/12/1924
Manoel Duarte – Vice	1º/12/1924 a 08/12/1925
Theodoro dos Santos Camargo – Intendente	30/06/1925 a 20/08/1928
Severiano Borges Pereira – Intendente	03/09/1928 a 19/10/1929
Avelino Paim Filho – Vice	19/10/1929 a 15/12/1930
Alfredo Borges dos Santos – Prefeito nomeado	16/12/1930 a 20/02/1931
Otacílio Fernandes – Prefeito nomeado	21/02/1931 a 08/08/1932
Virgílio Carneiro Borges – Subprefeito	1º/08/1932 a 08/08/1932
Avelino Paim Filho – Prefeito nomeado	08/08/1932 a 31/01/1938
Sátyro Dornelles Oliveira Filho – Prefeito	1º/02/1938 a 29/10/1945
Júlio Rosa Cruz – Interino	17/11/1945 a 30/12/1945
Adão Paulo de Brum Viana – Vice	31/12/1945 a 12/02/1946
Sátyro Dornelles Oliveira Filho – Interino	12/02/1946 a 22/10/1946
Atílio Borges de Almeida – Prefeito	22/10/1946 a 22/11/1947
José Osório Guerreiro – Subprefeito	26/05/1947 a 08/08/1947
Luiz Jacinto Teixeira Schuler – Prefeito	29/12/1947 a 29/12/1951

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Pinotti (2011, p. 45-46).

Segundo Lima (2017), o intendente Sátyro Dorneles de Oliveira Filho (1938-1944) contratou o urbanista Ubatuba de Farias para arquitetar a nova praça, a qual levaria o nome de General Manoel de Cerqueira Daltro Filho, que fora interventor federal do Rio Grande do Sul. A foto a seguir é do início do projeto da praça, entre 1938 e 1940. O local foi fotografado por Fernando Anello, fotógrafo da época no município (PINOTTI, 2011, p. 260). Ao centro, observa-se o monumento em homenagem ao General Daltro Filho (local destacado na Figura 7).

Figura 7 – Praça da Matriz - Vacaria/RS



Fonte: Pinotti (2011, p. 261).

Em 1930, o então prefeito de Vacaria, Alfredo Borges dos Santos, fez um convite ao irmão Lassalista Teodoro Luis, com o intuito de elaborar um Projeto de Desenvolvimento do Município. Esse projeto tinha como objetivo garantir um bom desenvolvimento da cidade a curto, médio e longo prazo, em todos os setores. Porém, Kramer *et al.* (1996) relatam que o projeto previa possibilidades de incentivo e aperfeiçoamento juntamente com o poder público, o que daria muito trabalho ao prefeito da época. Assim, não se encontra registro de que o projeto tenha sido desenvolvido. Se aquela inspiração de desenvolvimento tivesse sido tomada a sério, talvez o cultivo da maçã, hoje tão exitoso em Vacaria/RS, tivesse iniciado 50 anos antes (KRAMER *et al.*, 1996, p. 159).

Cabe ressaltar que um dos destaques histórico e de projeção cultural do município de Vacaria é o Rodeio Internacional de Vacaria, que iniciou em 1956, e acontece bianualmente, recebendo pessoas de diversos países em suas atrações artísticas e culturais da tradição gaúcha. É considerado a maior festa tradicionalista da América Latina.

Nessa perspectiva, foram elencados até o momento alguns aspectos sobre a constituição da cidade próximos e/ou pertencentes ao recorte temporal desta pesquisa no intuito de conhecer e compreender os processos pelos quais o município passou, pois esses fatos marcaram o contexto histórico econômico, político, cultural e social de Vacaria, influenciando direta ou indiretamente na instituição deste grupo escolar e

seus desdobramentos para a sua consolidação como uma escola estadual pública de educação primária.

### 3.1 ASPECTOS DA EDUCAÇÃO EM VACARIA ANTES DO GRUPO ESCOLAR

No que diz respeito à educação, por muito tempo, em Vacaria, a alfabetização era feita nas casas de fazendeiros com professores ambulantes. Essa modalidade era proporcionada apenas à elite vacariana e, para as pessoas comuns, isso era inacessível. O professor contratado ficava morando na fazenda o tempo necessário para ensinar a ler, a escrever e a fazer as quatro operações matemáticas básicas. Os filhos dos fazendeiros próximos também se associavam, e a casa do fazendeiro era transformada em uma pequena escola. Muitas vezes os professores também não eram bem alfabetizados, mas ensinavam o que sabiam. Para cada filho alfabetizado, o professor recebia uma rês.

A instrução de forma sistematizada só teve início no dia 30 de agosto de 1847, com a inauguração festiva da primeira escola pública, sob a direção do maranhense Luís Augusto Branco. “A escola destinava-se para meninos e funcionava na casa do Cel. José Luís Teixeira” (KRAMER *et al.*, 1996, p. 145).

Conforme Oliveira (1996), a cidade de Vacaria também contou com uma escola pública para meninas 15 anos após a criação da escola para meninos. Ela foi regida pela professora Maurícia Cândida Fernandes, que veio transferida de Sapucaia, onde também comandava uma escola de meninas. Ela permaneceu até 1884, sendo substituída posteriormente pela professora Vitória do Amaral Quintela (nome de solteira), nomeada mediante concurso público.

De 1885 a 1887, o professor particular Eduardo Secundino de Oliveira manteve um internato para meninos, e o Dr. Joaquim de Melo Rocha foi o primeiro a manter uma escola mista e a incluir cantos escolares no programa de ensino primário de Vacaria, que posteriormente foi regido pelo professor José Fernandes de Oliveira.

Vacaria também contava, em 1903, com o Colégio São José, uma escola dedicada a meninas. Segundo Oliveira (1959, p. 206), “A Diretora, Madre Joana Vitória, era a superiora geral da congregação da França, veio acompanhada das Irmãs Ana Teresa, Luisa, Teodora, Francisca e Albina, as quais fundaram o Colégio São José”. E em 1906, também foi resgatada a escola mista, regida pela professora Bernardina Rodrigues Padilha.

Ainda por influência dos Capuchinhos, instala-se na Intendência Municipal o Colégio São Carlos, dos Irmãos Lassalistas, no ano de 1907; mas esses ficaram somente dois anos, pois o intendente que assumiu pediu o prédio, e os irmãos mudaram-se para Canoas (KRAMER *et al.*, 1996).

Conforme Lima (2017), no relatório do Conselho Municipal de 12 de outubro de 1919, funcionavam em Vacaria dez aulas estaduais, 21 convencionadas pelo estado, quatro aulas municipais e um colégio dirigido pelas irmãs de São José. Já em 1925, havia quatro aulas estaduais isoladas, 42 convencionadas pelo estado e um colégio elementar, que em apenas dois meses de funcionamento foi elevado a colégio elementar.

Ainda de acordo com a autora, no ano de 1926, no relatório apresentado ao Conselho Municipal pelo então intendente Theodoro dos Santos Camargo, encontravam-se funcionando de forma regular 40 aulas subvencionadas no município, as quais precisavam ser fiscalizadas; com isso, foi nomeado o ex-professor Antônio Clemente para o cargo de inspetor das aulas. Em 1934, o município contava com um colégio complementar, um colégio elementar e 48 escolas municipais subvencionadas pelo estado, quatro escolas isoladas e três escolas rurais.

O Grupo Escolar pesquisado inicia suas atividades no ano de 1922. O governo do estado criou o Grupo Escolar e confiou a direção à educadora Andréa Cecy de Sá Brito. Localizado em uma casa onde hoje está o prédio da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem, o Grupo Escolar foi inaugurado no dia 9 de maio do corrente ano, e a ele foram anexadas as outras três escolas isoladas.

Segundo Kramer *et al.* (1996, p. 145),

Dona Cecy, grande educadora, dotada de fecunda e persistente capacidade administrativa, encarou a questão educacional sob o tríplice aspecto da educação física, moral e intelectual e iniciou um programa organizado nos moldes da moderna pedagogia.

Vacaria também contou com uma escola para meninos, fundada pelos Irmãos Maristas em 1934.

No município, nenhum dos colégios até então existentes era ginásio. Em razão disso, muitos estudantes, principalmente homens, iam estudar fora, em Porto Alegre ou Lages, por exemplo. Na mesma época, Vacaria era polo de atração para as

mulheres, pois a Escola Complementar São José formava alunas-mestras, aptas a exercer a profissão de professora primária.

Com o passar dos anos, inicia-se também o funcionamento do curso superior como extensão da Universidade de Caxias do Sul, com o curso de Letras, e as aulas eram ministradas à noite na Escola Normal São José na década de 1970 (KRAMER *et al.*, 1996). Em 1993, após convênio com a Universidade de Caxias do Sul, o espaço onde aconteciam as aulas foi transformada em Campus Universitário.

Vacaria também contou com o Tiro de Guerra 404, a qual se dizia uma verdadeira escola de civismo, por volta do ano de 1929, sendo presidida pelo Dr. Luis Freitas de Castro, juiz de Direito e marido de Cecy de Sá Brito, na época diretora do Grupo Escolar.

Ao que tudo indica, a cidade de Vacaria nunca se descuidou da educação de seus munícipes, e os sujeitos que fizeram parte do campo educacional do município muito contribuíram para a formação dos indivíduos dessa comunidade.

#### 4. OS GRUPOS ESCOLARES: UM MODELO DE ESCOLA PRIMÁRIA

No final do século XIX, grandes transformações sociais e econômicas surgiram com a Proclamação da República, em 1889. Como marco dessa transformação, fazia-se necessária uma nova identidade nacional, pautada na modernização e no progresso da nação.

O projeto da escola pública começava a ser concretizado pelos republicanos com o objetivo de corrigir as desigualdades sociais, indo em busca de uma modernidade educacional. Segundo Rosa Fátima de Souza (2009), os atributos dados pelos republicanos à educação na passagem do século XIX para o século XX foram orientados pelos ideais liberais e pelos modelos de modernização educacional vivenciados nos países europeus, justificando, assim, a distinção entre educação do povo e educação das elites.

Considerando o contexto europeu, de acordo com Cambi (1999, p. 509), o século XX foi “dramático, conflituoso, radicalmente inovador em cada aspecto da vida social: em economia, em política, nos comportamentos, na cultura [...]”. Ainda nesse mesmo contexto, “a escola sofre processos de profunda e radical transformação. Abre-se às massas. Nutre-se de ideologia. Afirma-se como cada vez mais central na sociedade” (CAMBI, 1999, p. 512).

A escola, diante de tantas transformações, passa a ser vista como algo muito importante para a sociedade, e todos esses movimentos colocaram a criança, suas necessidades e capacidades no centro da sociedade, mais especificamente no lado ocidental do mundo.

Nessa premissa, o Brasil desejava alcançar o desenvolvimento de outros países, como os europeus, considerados mais desenvolvidos e, por essa razão, acreditava que precisaria seguir o modelo educacional desses países. Nesse contexto, pensava-se que, assim, viria o desenvolvimento do país, e havia o ideal de que a educação seria o caminho para o desenvolvimento da sociedade democrática, juntamente com o ideal educativo libertário, promovido pelos países ocidentais, principalmente os europeus (CAMBI, 1999).

O Brasil, percebendo na educação uma fonte de promover o seu desenvolvimento econômico, começa a dar início ao investimento nas reformas de instrução pública a partir da criação de decretos e regulamentos em prol da escolarização para todos. Entretanto, é preciso salientar que as representações e as

práticas sociais eram bastante singulares, e os projetos educacionais apresentavam inúmeras desconformidades, o que indica um caráter de elitização perante as políticas públicas. A educação popular foi ressaltada como uma necessidade política e social, e a alfabetização dos cidadãos era indispensável para sua participação política, o que fomentou ainda mais a busca pela instrução primária.

O final do século XIX é marcado pela Proclamação da República, estabelecendo uma nova constituição para o país, novas questões políticas, econômicas e sociais que modificaram também o campo educacional com o rompimento do antigo regime presente no país.

Com a proclamação da Constituição de 1891, a educação passou a ser de responsabilidade dos estados e municípios. Algumas reformas importantes com o objetivo de organizar a educação primária devem ser destacadas, como: Reforma Benjamin Constant (1890), Código Epiácio Pessoa (1901), Reforma Rivadávia Correa (1911), Reforma Carlos Maximiliano (1915) e Reforma João Luiz Alves/Rocha Vaz (1925) (PALMA FILHO, 2005). Essas reformas marcaram a educação brasileira e tinham como objetivo a organização da educação primária.

As reformas educacionais no início do período republicano também vinham acompanhadas do discurso de exaltação do regime recém instaurado, e a legislação da época simbolizava um ideário liberal democrático em torno da educação popular.

Anterior a esse momento, a escola que existia funcionava nas fazendas ou nas casas dos professores, espaços geralmente muito precários, onde seguiam um método individual de ensino. Conforme Faria Filho (2000, p. 140):

Tal método consistia em que o professor, mesmo quando tinha vários alunos, acabava por ensinar a cada um deles individualmente. Na verdade, era o método por excelência da instrução doméstica, aquela que ocorria em casa, onde a mãe ensinava aos filhos e às filhas, ou os irmãos que sabiam alguma coisa ensinavam àqueles que nada sabiam.

As escolas isoladas eram as remanescentes das antigas escolas do Período Imperial, as chamadas Escolas de Primeiras Letras. Foram vinculadas ao estado, tendo apenas um professor que recebia uma gratificação referente ao aluguel.

Esse modelo de organização escolar predominou tanto em áreas rurais quanto urbanas. O sistema de instrução pública em vigor durante o século XIX e também durante parte do século XX, composto por aulas avulsas, ministradas por um professor em sua própria residência ou em salas alugadas, passou a ser considerado, em

determinado momento, ineficaz e insatisfatório, na medida em que parecia não contribuir para levar ao povo instrução e noções de civilização (VEIGA, 1999).

Lourenço Filho (2000) considera que a escola isolada, mesmo nos sistemas de melhor organização, apresenta grande inferioridade em relação às escolas agrupadas. Nesse contexto, com a Proclamação da República, uma nova estrutura administrativa se formou e tinha como objetivo estabelecer uma constituição que representasse os novos ideais políticos constituídos em 1891, construindo uma nova relação de poder.

Segundo Bencostta (2011, p. 69), “Frente ao que determinava a Lei Magna, os Estados deveriam providenciar, cada um ao seu ritmo, reformas de ensino que se adequassem às suas realidades político-educacionais, em face da vergonhosa falta de recursos destinada à instrução primária.”

A educação foi elemento de integração do povo e da nação, fazendo surgir uma nova escola, organizada em conformidade com o projeto educacional da nova ordem. Com isso, um dos papéis da educação era formar o cidadão republicano, consolidando o novo regime. Souza (1998, p. 241) acrescenta:

A escola primária Republicana instalou ritos, espetáculos e celebrações. Em nenhuma outra época, a escola primária, no Brasil, mostrara-se tão francamente como expressão de um regime político. De fato, ela passou a celebrar a liturgia política da República; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria.

Nessa premissa, a República nasce com a necessidade de remodelação do cidadão para o estabelecimento da ordem social, política e econômica, sendo a educação um importante instrumento para consolidar a construção de um país moderno.

Para que esse modelo fosse consolidado, havia a necessidade de fazer nascer também uma nova escola, organizada de acordo com os interesses do projeto da nova ordem. Segundo Souza (1998, p. 27), necessitava-se “dessa forma [de] um amplo projeto civilizador que foi gestado nessa época e nele a educação popular foi ressaltada como uma necessidade política e social.”

Surge, então, um novo modelo de ensino primário, os grupos escolares, com um programa de ensino mais elaborado, com a promessa de progresso e superação do atraso educacional. De acordo com Saviani (2004), em 1890 um novo modelo de

escolarização estava sendo implantado por meio dos grupos escolares, o que foi um marco muito importante referente à origem da escola pública no Brasil. Os grupos escolares tiveram uma importância singular na construção simbólica de escola primária brasileira e na produção da história da infância no Brasil e estenderam-se até o ano de 1970.

[...] Carente de edifícios, livros didáticos e mobiliário, precária em pessoal docente qualificado para o ensino de crianças e distante dos modernos métodos pedagógicos. Nesse sentido, para a recém-instalada república brasileira, a experiência inovadora das escolas primárias graduadas – ou grupos escolares, como vieram a ser denominados – foi entendida como um investimento que contribuiria para a consolidação de uma intencionalidade que procurava, por sua vez, esquecer a experiência do Império e apresentar um novo tipo de educação que pretendia ser popular e universal. (BENCOSTTA, 2005, p. 69)

Esses grupos escolares tinham como objetivo um cidadão republicano, formando seu caráter, suas virtudes morais, a disciplina e o respeito pela pátria e, de acordo com Vidal (2006),

As matrículas restringiam-se ao início do ano letivo e a frequência se apresentava como obrigatória, em geral, para crianças de 7 a 12 anos de idade, o que concorria para estabelecer uma *idade da escola primária* coincidente a uma determinada *idade de infância*. (p. 3, grifos da autora)

Conforme Vidal (2006), os primeiros grupos escolares foram criados em São Paulo e no Rio de Janeiro, no final do século XIX. Após duas décadas de sua criação, eles começaram a se expandir para outros estados do Brasil. Segundo Souza (2016), as escolas denominadas como grupos escolares foram implantadas em momentos e ritmos distintos no país entre os anos de 1893 e 1918, conforme o quadro a seguir:

Quadro 6 – Implantação dos grupos escolares por unidade federativa

(continua)

<b>Estado</b>	<b>Ano</b>
São Paulo	1893
Rio de Janeiro	1897
Maranhão	1903
Minas Gerais	1906

(conclusão)

Piauí	1910
Sergipe	1911
Bahia	1913
Acre	1915
Goiás	1918
Rio Grande do Norte	1908
Mato Grosso	1910

Fonte: Elaborado pela autora a partir de Souza (2016).

Para essa implementação, dependia-se de investimentos feitos por parte do governo do estado, por isso, começaram a ser implantados primeiramente nas capitais.

Denominado, inicialmente, de escola graduada ou seriada, esse modelo tinha como proposta um sistema de ensino mais ordenado, de caráter estatal e constituído de acordo com a racionalidade científica e a divisão do trabalho.

Conforme Vidal (2006, p. 21),

A inovação representada pelos grupos escolares significou profundas transformações na organização e constituição dos sistemas estaduais de ensino público no país. O novo modelo de escola exigia altos investimentos, pois propunha a edificação de espaços próprios e adequados para o funcionamento das escolas, professores habilitados, mobiliário moderno e abundante material didático.

Num primeiro momento, com a difusão dos princípios e práticas europeias e norte-americanas de escolarização, a propagação de um ideal civilizatório pelos grupos escolares era realizada através do método intuitivo ou lição das coisas.

Souza (2009) afirma que o método intuitivo, no final do século XIX, foi considerado o símbolo da pedagogia moderna no estado de São Paulo, entretanto, a partir da década de 1920, um novo movimento adentra aos debates educacionais, a Escola Nova, também conhecida como escola ativa. Esse renovado modelo pedagógico é fundado em proposições mais científicas e centrado na atividade do aluno.

Após a 1ª Guerra Mundial, o mundo passou por grandes e diversas transformações, que tiveram fortes influências na política do estado brasileiro, sendo a década de 1920 de intensas revoltas. O reflexo desses descontentamentos resultou em grandes greves operárias e na eclosão da Revolução de 30. Esses movimentos

tiveram repercussão para além do campo político e social, atingindo também a educação nacional.

Desde 1920, em várias das unidades federadas, começaram a surgir as primeiras reformas estaduais de ensino, impulsionadas não somente pelos anseios de tirá-la dos velhos padrões que remontavam aos tempos do Império e até mesmo do Brasil-Colônia, como também, por influência das novas ideias que nos chegavam da Europa e dos Estados Unidos, após a Grande Guerra Mundial e que constituíram o movimento conhecido pela denominação genérica de "Escola Nova". (LEMME, 2004, p. 59-60)

No Brasil, a Escola Nova tornou-se ideário de renovação do ensino primário a partir da década de 1920. Até o início dos anos 1930, diversos estados brasileiros promoveram reformas educacionais tendo como base a pedagogia moderna, que propunha novas finalidades para a educação.

O movimento pedagógico que se consolida no início do século XX vem a contrapor o conceito da escola oitocentista. A Escola Nova rompe com os princípios de organização, com os conteúdos e com as finalidades da escola e é marcada pela centralidade perante a sociedade industrial, pelos interesses da sociedade capitalista, tendo como pretensão a formação de pessoas independentemente de suas características individuais.

Juntamente a isso, com a criação das Escolas Normais, houve também uma preocupação com a formação dos professores, pois eles eram considerados despreparados e até mesmo leigos.

Em meados do século XX, os grupos escolares haviam-se tornado a modalidade de escola primária predominante no país, acompanhando o processo de urbanização e democratização do ensino público. [...] Educadores paulistas foram contratados por governos de vários estados para participarem do processo de reorganização da instrução pública. (SOUZA, 2004, p. 118-119)

Para compreender melhor os processos de reformas e reestruturação da educação no Brasil, faz-se necessário contextualizar historicamente como eles ocorreram.

No cenário brasileiro, a década de 1920 é marcada por grandes mudanças decorrentes da urbanização e da industrialização. Um dos maiores movimentos no que se refere à educação brasileira foi o chamado Escola Nova, que ocorreu entre as décadas de 1920 e 1930, provocando grandes discussões entre os liberais e

conservadores. Fundamentados no pensamento liberal democrático, defendiam a escola pública para todos, a fim de se alcançar uma sociedade igualitária e sem privilégios (ARANHA, 2006). Os principais responsáveis por esse movimento foram Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Manuel Lourenço Filho.

É no governo de Getúlio Vargas, com início em 1930, que surgem as mais modernas reformas educacionais, sendo a educação um dos principais focos de debates dos intelectuais da época.

Com o Decreto 19.402, de 14 de novembro de 1930, foi criado o Ministério da Educação e da Saúde e, em 1931, através do Decreto 19.850, de 11 de abril, foi organizado o Conselho Nacional de Educação que, posteriormente, através da Constituição de 1934, teve a incumbência de criar o Plano Nacional de Educação.

Já em 1932, Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo e Lourenço Filho e mais 23 intelectuais assinaram o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. O Manifesto defendia a escola pública, laica e gratuita como um dever do Estado e que deveria ser implantada em âmbito nacional. Esse movimento, denominado Escola Nova, foi fortemente influenciado pelos Estados Unidos.

A Constituição de 1934 durou pouco tempo, vindo a ser substituída pela então Constituição de 1937, imposta por Getúlio Vargas.

De acordo com Vidal (2000), em 1938, ocorre a criação das Delegacias Regionais de Ensino. Num esforço para descentralizar o trabalho de fiscalização do ensino e implementar a orientação didático-pedagógica nas escolas primárias, foi instituído, com as Delegacias Regionais de Ensino, o cargo de Orientador do Ensino Elementar, e também nesse ano é organizada a carreira do magistério público primário.

No ano de 1942, através do ministro da educação da época, Gustavo Campanema, foram incentivadas novas reformas no campo educacional, as quais ficaram conhecidas como Reforma Campanema. Dentre elas, estavam a Lei Orgânica do Ensino Comercial nº 4.073/1942, Lei Orgânica de Organização do Ensino Primário nº 8.529/1946 e a Lei Orgânica do Ensino Agrícola nº 9.613/1946.

O governo de Getúlio Vargas durou até 1945 e, com o fim do Estado Novo, em 1946, o Brasil passa a ser governado por Eurico Gaspar Dutra. Surge, então, uma nova constituição, que previa avanços na democracia e a separação dos três poderes: Legislativo, Judiciário e Executivo.

De acordo com Souza (2004), o Grupo Escolar foi um modelo de organização escolar inspirado nos pressupostos da pedagogia moderna, criado em 1893, com trajetória até o início da década de 1970, quando, por força da Lei nº 5692/1971, a escola primária e a ginásial foram agrupadas e substituídas pela escola de 1º grau.

No contexto estadual, ao longo da Primeira República, inicia-se um processo de modernização da educação também no estado do Rio Grande do Sul por parte de seus governantes e, assim, um conjunto de políticas públicas começa a surgir, e a implementação da escola fez parte desse processo.

Os grupos escolares implantados no Rio Grande do Sul, mais tarde, foram sendo ampliados para o interior e tiveram um papel muito importante e necessário para a superação do analfabetismo no estado. No Rio Grande do Sul, estão associados à implantação dos Colégios Elementares, criados em 1909. Segundo Peres (2000, p. 76), “[...] os Colégios Elementares significaram a adoção de um novo modelo escolar no Rio Grande do Sul e, com isso, a reinvenção de uma nova Cultura Escolar no contexto do ensino primário”. Cabe destacar que os colégios elementares mantinham uma organização didático-pedagógica semelhantes à dos grupos escolares no restante do país, mas com outra nomenclatura. Ainda conforme Peres (2000), nessa reorganização mantêm-se as escolas elementares isoladas (uma única aula) e instituem-se também os grupos escolares (que nesse período eram apenas a reunião de várias aulas) que inicialmente era uma forma de preparação para que um estabelecimento chegasse à condição de colégio elementar.

Segundo Luchese (2013, p. 46):

Em maio de 1909, pelo Decreto 1.479, o Presidente da Província modificou o programa de ensino complementar e criou os colégios elementares no Estado. Os Colégios Elementares significaram um “novo” modelo de organização da escola: seriada com professor regente em cada classe, com a presença de diretor e secretária, dispôs sobre conteúdos, organização e distribuição do tempo, do método de ensino (no caso o intuitivo), dos espaços (biblioteca, gabinetes, salas) e todo um conjunto de novas regulações.

A criação dos grupos escolares, com a posterior elevação a Colégios Elementares, mostra o caminho da instrução escolar e nos possibilita a reflexão sobre as práticas existentes na época. Para a implementação dos Colégios Elementares, houve grande investimento por parte do governo do estado e foram estruturantes para a consolidação da ideologia positivista. Em 1910, já havia seis colégios elementares

na sede de Bagé, Rio Pardo, Bento Gonçalves, São Sebastião do Caí, São Jerônimo e Encruzilhada (TAMBARA, 2016).

De acordo com Luchese (2013, p. 4): “[...] o critério para a escolha do local para a instalação do colégio, além da demanda, foi o oferecimento de local para instalação por parte das municipalidades”, sendo gradativamente instalados em outros municípios.

Conforme Curtarelli (2015) destaca, entre os anos de 1930 a 1940, no século XX, os grupos escolares existentes no estado passaram de 170 instituições, em 1937, para 518, em 1942. Isso significa que, em cinco anos, 348 novas escolas estaduais foram postas em circulação no Rio Grande do Sul.

Essas reflexões acerca do caráter histórico são importantes não somente para compreender a história da educação, mas também para entender seus espaços e tempos. Levam, ainda, à compreensão do ser humano e das relações que constituem sua vida escolar ao longo dos tempos (SOUZA; PILETTI, 2020, p. 250).

Segundo Souza (1998, p. 16), “[...] os grupos escolares consistiram em escolas modelares onde era ministrado o ensino primário completo com um programa de ensino enriquecido e enciclopédico utilizando os mais modernos métodos e processos pedagógicos existentes na época”.

O novo modelo de escola pública introduziu uma série de modificações e inovações no ensino primário e possibilitou a criação de uma nova organização administrativa e pedagógica na escola.

Cada grupo escolar poderia comportar de 4 a 10 escolas isoladas e seria regido pela quantidade de professores referentes a agrupamento de 40 alunos, contando também com adjuntos necessários a critério da diretoria. Os alunos seriam distribuídos em 4 classes, correspondentes ao 1º, 2º, 3º e 4º ano do curso preliminar. Para a direção, o governo nomearia um professor da mesma escola, diplomado pela Escola Normal. Nos grupos escolares poderiam funcionar no mesmo edifício escolas do sexo masculino e feminino, “havendo completa separação dos sexos”. A implantação dos grupos escolares reafirmou o princípio da igualdade da educação entre os sexos ao estabelecer igual número de classes para meninas e meninos. (SOUZA, 1998, p. 48)

Da implantação dos grupos escolares emergiu um ensino regular primário, disseminando valores, normas sociais e educacionais junto à propagação de um ideal civilizatório, reverenciando as práticas patrióticas. Trouxe também a preparação para

o trabalho, assumindo o papel de uma escola de verdade nas primeiras décadas da República.

O novo modelo trouxe uma série de modificações na organização didático-pedagógica do ensino, como a proposta de novos métodos de aprendizagem, espaço físico específico e a divisão dos alunos por idade.

Desse modo, o método intuitivo também fez parte da renovação pedagógica, seguindo, conforme Vidal (2006), pelo método analítico e pela Escola Nova. A reestruturação pedagógica e administrativa possibilitou ainda a ampliação do currículo, contemplando outras disciplinas, e modificou o tempo e o espaço da escola, introduzindo uma nova realidade urbana para as cidades, o que se tornou um símbolo da escola primária brasileira. As práticas realizadas no grupo escolar buscavam desenvolver um cidadão patriota e disciplinado através de um trabalho social e educativo.

Os colégios elementares do estado do Rio Grande do Sul foram instalados nos grandes centros urbanos e previam uma organização em grupos homogêneos em classes graduadas. Segundo Peres (2000), os colégios elementares surgiram da fracassada iniciativa da escola complementar, das primeiras letras, em que o foco era mantido no ensino da leitura, da escrita e dos cálculos e geralmente se encontravam nos espaços rurais, com apenas um professor para ministrar todas as aulas, reunindo em um único espaço alunos em diferentes níveis de aprendizagem.

Já a proposta do colégio elementar previa a divisão dos alunos por sala, com seu funcionamento de modo simultâneo e localizada em um único prédio. Importa ressaltar que, mesmo com a implantação dos colégios elementares, algumas escolas isoladas se mantiveram e foram instituídos os grupos escolares no Rio Grande do Sul, pois para estar na condição de grupo escolar, a escola deveria contar com uma matrícula de até 200 alunos e já “no caso dos colégios elementares, era necessário legalmente o número de 200 ou mais alunos matriculados” (PERES, 2000, p. 85).

Com a aprovação do Decreto nº 7.929, de 30 de agosto de 1939, o qual regulava o ensino das escolas primárias do estado, as instituições públicas de ensino são formadas pelas escolas isoladas e os grupos escolares. Conforme Peres (2000, p. 114), “na prática, desde meados da década de 30, a denominação grupos escolares, de forma indiferenciada para os colégios elementares e os próprios grupos escolares, já estava em uso corrente”.

A primeira regulamentação de ensino no Rio Grande do Sul foi o Decreto nº 89, de 1897, expedido pelo então presidente do estado, Júlio de Castilhos. Segundo o Decreto, em seu Art. 1º, “O ensino primário, livre, leigo e gratuito, será ministrado pelo Estado em colégios distritais e tantas escolas elementares quantas forem necessárias (DECRETO, 1897, p. 162-163). Esse decreto reorganizou a instrução primária, e passam a existir dois tipos de escolas, os colégios distritais, os quais correspondiam ao modelo de escola seriada, e as escolas elementares, que seguiam o modelo das antigas escolas de primeiras letras (AMARAL; WEIDUSCHADT; CASTRO, 2016, p. 67). Ainda, segundo as autoras,

Em 1906, através do Decreto nº 874, os colégios distritais foram convertidos em escolas complementares [...]. No entanto, em 1909, através do Decreto 1.479, essas escolas têm seu programa e sua nomenclatura modificados (com exceção da escola Complementar de Porto Alegre) sob alegação de que não preenchiam o fim para o qual foram criadas. O referido decreto cria os colégios elementares, identificados com os grupos escolares. (AMARAL; WEIDUSCHADT; CASTRO, 2016, p. 67-68)

Contudo, mesmo sendo expandido para diversas cidades do estado do Rio Grande do Sul, esse modelo foi lentamente sendo implantado nas demais localidades, visto os altos investimento que demandava. De acordo com Tambara (2016, p. 13), “o modelo educacional que vigorou em toda República Velha no Rio Grande do Sul foi implantado de forma lenta e metódica com implacável domínio ideológico do positivismo.”

Ao que se refere ao campo educacional no Rio Grande do Sul, não se pode deixar de destacar um dos protagonistas desse projeto, o inspetor geral Manoel Pacheco Prates, que foi o elaborador dos dispositivos de regulação do ensino público do estado no período republicano até o ano de 1911 (TAMBARA, 2016).

O então inspetor geral respondia às orientações vinculadas ao projeto de modernização do processo de consolidação e inserção do Rio Grande do Sul à formação socioeconômica brasileira no início do período republicano.

De acordo com Peres (2000), o ensino nos colégios elementares inicialmente foi dividido em três classes com duas seções cada, perfazendo seis anos de escolarização. Ficava a cargo de uma professora as classes mistas e as outras duas, sendo uma para cada sexo. Ainda de acordo com Peres,

A prática das escolas femininas e das escolas masculinas manteve-se inicialmente nos colégios elementares. Na maioria dos casos, as classes femininas estavam a cargo de mulheres e as masculinas a cargo de homens. Em algumas situações, mulheres se ocupavam de classes masculinas, embora o inverso não apareça nos relatórios consultados. (PERES, 2000, p. 108)

Quem ocupava o cargo de diretor(a) também assumia a função de professor de uma das classes. Os primeiros colégios elementares tinham, em média, cinco professores(as). Assim é que, em 1910, com nove colégios elementares instalados e em funcionamento, estavam designados quarenta e três professores e professoras para esses estabelecimentos (PERES, 2000).

Souza (1998) afirma que dentre as atribuições do diretor estava a responsabilidade de "[...] organizar, coordenar, fiscalizar e dirigir o ensino primário" (SOUZA, 1998, p. 76). O diretor era nomeado pelo governo e deveria ser formado pela Escola Normal do Estado, sendo que também deveria continuar lecionando em sala de aula e poderia ter auxílio de um professor adjunto.

As competências do diretor estabelecidas na legislação foram sendo ampliadas com o passar do tempo, abrangendo aspectos administrativos e pedagógicos [...] Cabia a este fiscalizar todas as classes durante o funcionamento das aulas, elaborar horários, representar a escola, propor ao governo criação e supressão de lugares de adjuntos no grupo e nomeação e dispensa de professores, indicar a nomeação de porteiros, contratar e despedir porteiro e servente, proceder a matrícula, classificação e eliminação de alunos, submetê-los a exames mensais e finais, responder por toda a escrituração da escola, organizar folha de pagamento e diário de ponto, apresentar relatórios anuais, além de fazer cumprir as disposições legais sobre o recenseamento escolar e impor ao pessoal as penas em que incorressem. (SOUZA, 1998, p. 81)

Os conteúdos das escolas públicas gaúchas durante a Primeira República serviram para transformá-la em "instrumento fundamental da política do estado gaúcho, para a consecução dos objetivos de modernização, em paralelo à garantia da estabilidade e do controle social" (CORSETTI, 2000, p. 176).

Inicialmente, o currículo escolar da educação primária incluía a preparação para o mercado de trabalho pautado nos ideais positivistas de diferenciação e hierarquização dos saberes, sendo que nas áreas rurais ensinavam-se conhecimentos rudimentares de agricultura e nas áreas urbanas aprendiam-se trabalhos manuais que eram diferenciados conforme o sexo (CORSETTI, 2000).

O projeto dos republicanos para a educação popular nas décadas finais do século XIX inclui a responsabilidade do Estado pela construção de prédios projetados

especialmente para abrigar escolas como uma das exigências de reforma e melhoria na instrução pública (VIDAL, 2006). Essas edificações tornaram os grupos escolares um conjunto arquitetônico muito relevante para as escolas públicas no Brasil: “o grupo escolar primava pela superioridade material, o que o diferenciava das demais escolas preliminares” (SOUZA, 1998, p. 32).

O novo modelo educacional trazia a necessidade de constituição e diferenciação de um espaço específico para o funcionamento da escola pública. De acordo com Luchese (2013, p. 4), “[...] o critério para a escolha do local para a instalação do colégio, além da demanda, foi o oferecimento de local para instalação. O ensino era seriado, sequencial e sob a autoridade do professor”. O espaço que caracterizava esse novo modelo de educação primária deveria ocupar lugar de destaque. Para tanto, “ocupavam não apenas os ‘melhores prédios’, mas aqueles mais centrais” (FARIA FILHO, 2000, p. 42). Dessa forma, os edifícios dos grupos escolares deveriam “convencer, educar, dar-se a ver!” (SOUZA, 1998, p. 123).

Os grupos escolares também trouxeram ascensão à carreira docente, ofertando melhores condições de trabalho, prestígio social e os melhores salários (SOUZA, 1998). Os professores que iriam atuar nos grupos escolares também necessitavam ter uma formação voltada para os novos métodos. Nesse sentido, de acordo com Souza (1998, p. 16),

[...] eles necessitaram da produção de um novo profissional, isto é, professores com o domínio dos novos métodos de ensino. A construção de um saber e de um saber-fazer docente foi configurada a partir da imposição de modelos educacionais pelo Estado, pela fragmentação do trabalho pedagógico (a cada professor uma classe, a cada horário uma matéria) e pela redistribuição do poder no interior da escola.

Além da legitimação de um novo espaço educacional, os grupos escolares instauraram novas referências de ritmos e tempos, delimitados pelo detalhamento das matérias de ensino, calendários e horários escolares, tornando necessária a presença de instrumentos como sinetas, campainhas e relógios. Assim, “a escola primária republicana pôs em marcha uma organização racional do ensino na qual o emprego do tempo ganha relevância e significado” (SOUZA, 1998, p. 214).

O horário escolar era legitimado como um dos eixos organizadores da rotina da comunidade envolvida, posto que fixava o tempo de trabalho e de atividades pedagógicas, bem como os momentos destinados ao descanso e ao lazer. Além do

mais, o tempo escolar se articulava com uma rede disciplinar, pois “ele educa, modela e conforma, prestando-se aos desígnios da civilização” (SOUZA, 1998, p. 222).

O cidadão que era idealizado naquela época respondia a interesses e a uma concepção de cidadania muito particular. A escola era vista como chave desse processo e alinhava-se a um projeto político e ideológico. A instrução do povo é vista como necessidade, dever e como interesse do Estado, sendo a escola uma mola propulsora rumo à modernidade e ao progresso.

Souza (2009), ao analisar o primeiro programa de ensino primário destinado aos grupos escolares, aponta que, juntamente com as modernizações apresentadas pelas novas organizações físicas e administrativas, a estruturação dos programas ganha nova apresentação segundo metodologias e matérias em relação ao que era proposto nos programas do Império:

Se, antes, o controle do Estado recaía apenas sobre o arcabouço estrutural do programa - o rol das matérias a serem ensinadas - cabendo aos professores determinarem a distribuição dos conteúdos de acordo com o grau de adiantamento dos alunos, a partir de então, prescrições cada vez mais detalhadas emanadas dos órgãos da administração do ensino se voltaram para a normatização das rotinas escolares. (SOUZA, 2009, p. 83-84)

A hegemonia pretendida entre as políticas públicas e os grupos escolares acabou por não se efetivar por completo no território nacional, pois, por apresentarem altos custos, muitas vezes os grupos escolares eram substituídos pelas escolas reunidas, que reduziam os investimentos de instalação e mantinham o modelo multisseriado. A resistência por grupos sociais ao modelo escolar que supunha o afastamento das crianças do lar e a supremacia da autoridade da escola foram fatores que dificultaram essa expansão.

Os grupos escolares assumiram, nas primeiras décadas republicanas, a posição de uma escola de verdade, que, além do ensino, disseminou valores e normas sociais, constituindo-se como uma realidade essencial urbana.

Nesse sentido, as investigações acerca da história das instituições escolares são rodeadas de símbolos, rituais, disciplinas e demais elementos que circundam esse espaço particular que compõe a identidade dessas escolas.

Justino Magalhães, no livro *Tecendo nexos: história das instituições educativas*, ressalta alguns pontos acerca da pesquisa relacionada a instituições de ensino no campo da História da Educação, afirmando que:

Genericamente, historiar uma instituição é compreender e explicar os processos e os “compromissos” sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto. (MAGALHÃES, 2004, p. 58)

Nessa premissa, muitas indagações são levantadas sobre a implantação desses grupos escolares, sua importância para a sociedade, e como se dava a organização destas instituições. Ainda segundo o autor,

A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais, que se contrapõem a um discurso científico. É mediando entre memórias e o(s) arquivo(s) que o historiador entretece uma hermenêutica e um sentido para o seu trabalho e dessa dialética nasce o sentido para a história das instituições educativas. (MAGALHÃES, 2004, p. 155)

Para Viñao Frago e Escolano (2001, p. 26), “o espaço-escola não é apenas um ‘continente’ em que se acha a educação institucional, isso é, um cenário planejado a partir dos pressupostos exclusivamente formais no qual se situam atores que intervêm no processo de ensino-aprendizagem para executar um repertório de ações”. Com base nessa afirmação, é possível dizer que a escola é um espaço de construção social e cultural que marca a trajetória de criação e constituição dos sujeitos, os quais são essenciais para a formação da identidade da instituição escolar.

Cada escola é única e há elementos da cultura escolar que são próprios de cada instituição. Faria Filho (2008) traz o conceito de cultura escolar como um elemento importante para o estudo da escolarização, visto que é a partir desse olhar conceitual que se permite uma análise dos elementos que compõem o contexto educativo, a saber: “os tempos, os espaços, os sujeitos, os conhecimentos e as práticas escolares” (FARIA FILHO, 2008, p. 17).

Nessa perspectiva, é possível tecer um panorama da cultura escolar de determinada instituição a partir de fragmentos entre a temporalidade, seus elementos socioculturais e a historicidade, tendo como foco de investigação o contexto escolar:

Deveríamos considerar que a própria escola, como instituição, não apenas nasce, se organiza e sofre transformações a partir de impulsos e motivações que são culturais – procedentes, em boa parte, do entorno no qual a instituição opera – mas se inscreve em contextos dotados de determinadas características sócio-históricas com as quais coabita e interage. (ESCOLANO, 2017, p. 118)

As investigações dos grupos escolares fazem parte das pesquisas em história da educação no Brasil sobre a Cultura Escolar, auxiliando na compreensão não somente das práticas de escolarização, mas também do conhecimento de tempos, espaços, materiais pedagógicos e práticas simbólicas, como festas escolares e comemorações cívicas, contemplados na cultura escolar. As culturas escolares também produzem os sujeitos que dela fazem parte e que dão visibilidade e identidade para a escola primária, desvendando os processos que fizeram parte dessa transformação.

É nessa perspectiva que se buscou investigar e compreender as relações existentes no Grupo Escolar Padre Efrem, buscando, através da cultura escolar, entender os processos pelos quais passou e as transformações que ocorreram nesta instituição de ensino primário durante o recorte temporal delimitado para esta pesquisa.

## 5. GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM: CULTURAS E PRÁTICAS ESCOLARES (1922 1950)

*Nada na vida de uma instituição escolar acontece, ou aconteceu, por acaso, tanto o que se perdeu ou transformou, como aquilo que permaneceu. A memória de uma instituição é, não raro, um somatório de memórias e de olhares individuais ou grupais que se contrapõem a um discurso científico. É mediado entre as memórias e o(s) arquivo(s) que o historiador entretece uma hermenêutica e um sentido para o seu trabalho e dessa dialética nasce o sentido para a história das instituições educativas.*  
(MAGALHÃES, 2004, p. 155)

Gatti Junior (2002) afirma que a história das instituições educativas investiga o que se passa no interior da escola pela “apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos” (GATTI JUNIOR, 2002, p. 20). Sendo assim, as instituições escolares são formadas por muitos elementos, como arquitetura, funcionários, corpo docente, alunos, projetos, crises, extensões, espaços, tempos, dentre outros, que são necessários para compor uma instituição. Nesse sentido, Buffa (2002) pontua:

Investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entorno e acabamento), o espaço do poder (diretoria, secretaria, sala dos professores), a organização e o uso do tempo, a seleção dos conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, os professores, a legislação, as normas e a administração da escola. Estas categorias permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade. (BUFFA, 2002, p. 27)

Nessa premissa, buscou-se compreender a cultura e as práticas ocorridas no Grupo Escolar Padre Efrem, dentro do recorte temporal de 1922 a 1950. Para que fosse possível compor a história dessa instituição, fez-se necessário realizar uma garimpagem; nesse momento, a busca por documentos e indícios da cultura escolar é a tarefa principal de um historiador. Para Le Goff (2003), o papel do historiador é desmontar a imagem/monumento, uma vez que esta roupagem é uma construção que

precisa ser analisada e demolida, a partir da compreensão da produção da imagem/documento. Cabe ressaltar que a problemática da história cultural ocorre diante de uma aproximação com o passado e não uma busca fidedigna do que aconteceu.

Para Souza (1998, p. 91), “o grupo escolar, pela sua arquitetura, organização e finalidades aliava-se às grandes forças míticas que compunham o imaginário social daquele período, isto é, a crença no progresso, na ciência, e na civilização”. As representações da cultura escolar contemplam diferentes elementos como objetos, arquitetura, espaços físicos, organização pedagógica e vão além, pois se constituem também de representações simbólicas, valores e manifestações não verbais que, no seu conjunto, constroem a identidade da escola em um determinado espaço e tempo.

Sendo assim, a primeira seção inicia analisando o *Espaço e tempo: os processos de escolarização no grupo escolar Padre Efrem*, apresentando alguns elementos quanto à organização do referido grupo escolar, as práticas escolares produzidas no cotidiano e as relações dessas com os sujeitos que fizeram parte desta instituição, principalmente no que se refere à década de 1940.

A segunda seção, *A nova casa do grupo escolar Padre Efrem*, faz uma abordagem sobre a arquitetura escolar do novo prédio, construído especificamente para a prática de ensino e toda sua simbologia.

A terceira seção abrange os *Vestígios de uma cultura escolar: o civismo e as festividades no espaço escolar*, onde são analisados os programas de festas e comemorações da instituição registrados nos Livros de Atas de 1923-1948, as quais celebravam a instituição, o culto e o amor à pátria.

Não só documentos escritos foram utilizados para tecer esta análise, mas também o uso de fotografias, as quais são vestígios importantes que auxiliam na investigação e análise das práticas escolares produzidas pela instituição e que se constituem relevantes para esta pesquisa. Cabe ressaltar que as fontes icnográficas, assim como as documentais, não são neutras e, por isso, devem ser questionadas e “não podem ser considerados como um conjunto de informações dadas, que falam por si” (LUCHESE, 2014, p. 151).

## 5.1 ESPAÇO E TEMPO: OS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO NO GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM

De acordo com Escolano (2010), as instituições escolares são repletas de documentos que atravessam as suas estruturas, refletindo temporalidades, espaços, comportamentos e emoções dos sujeitos, conforme as singularidades históricas de cada período e a partir da sociedade na qual se encontram.

Nesse sentido, os espaços e tempos escolares são representados pelo conjunto de sentidos e significados que estão impregnados de vestígios da cultura escolar, os quais são resultantes das relações entre os sujeitos e o lugar onde estão inseridos.

Diante disso, a busca pela legitimação da escola primária fez com que as então escolas de primeiras letras que funcionavam em apenas um ambiente, com um professor e um grupo de alunos com idades e graus de escolarização diversos, fossem sendo reformuladas a partir da criação da escola graduada, iniciando, assim, um processo de reorganização da escola primária com tempos e espaços escolares diferenciados: “Era preciso mais que produzir e legitimar um novo espaço para a educação. Era preciso também que novas referências de tempos e novos ritmos fossem construídos e legitimados” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 25).

Ainda de acordo com os autores, os espaços e tempos fazem parte do processo de instituição da escola primária e, como plurais, são pertencentes da ordem social e escolar.

Sendo assim, são sempre pessoais e institucionais, individuais e coletivos, e a busca de delimitá-los, materializando-os em quadros de anos/séries, horários, relógios, campainhas, ou salas específica, pátios, carteiras individuais ou duplas, deve ser compreendida como um movimento que teve ou propôs múltiplas trajetórias de institucionalização da escola. Daí entre outros aspectos, a sua força educativa e sua centralidade no aparato escolar. (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, p. 21)

O tempo escolar é vivido por muitos sujeitos pertencentes a tempos sociais diferentes, sendo que para Viñao Frago (2000, p. 105), “[...] o tempo escolar é uma construção social historicamente cambiante, um produto cultural que implica em determinada vivência ou experiência temporal”. Cabe ressaltar que, como integrantes de uma estrutura social, os tempos e espaços não são neutros, mas sim fazem parte de uma construção pedagógica e também cultural. Ainda de acordo com o autor, o

uso dos tempos e dos espaços escolares nos grupos escolares condicionam a forma de aprender e ensinar, expressando o tipo de educação que é ensinada em determinada instituição.

Além disso, os tempos foram organizados, divididos e arquitetados com o objetivo de otimizar o aprendizado, obtendo, conseqüentemente, um melhor aproveitamento do tempo, assim como ocorreu com os espaços que se tornaram a expressão física de um novo modelo de ensino, representando a “ação educativa dentro e fora dos seus contornos” (SOUZA, 1998, p. 123).

A escola, à medida que adquiriu valor público, tornou-se um espaço simbólico na comunidade e assumiu uma nova dimensão, sendo muitas vezes definida como “templo de conhecimento”, com uma estrutura predial que inspirava uma modernidade e que também foi definida por sinais específicos, diferenciando-se de outras construções.

A escola primária assume também valores de higienismo, onde o espaço escolar deveria satisfazer as necessidades físicas, ter boas condições materiais, segurança e proporcionar um ambiente agradável com vistas ao bom desenvolvimento do cidadão republicano.

Com o estabelecimento dos grupos escolares, que, a princípio deveriam funcionar em um prédio próprio e com uma nova reorganização didático-pedagógica, os tempos e espaços foram pensados e utilizados de uma maneira mais racional e econômica. Como analisa Souza (1998, p. 36):

O emprego do tempo tornou-se um aspecto extremamente relevante para a racionalização das atividades pedagógicas. Tratava-se de fixar a jornada escolar – início e término das aulas –, estabelecer cadências, ritmos, intervalos, descansos. Implicava os períodos de ocupação e descanso de professores e alunos nos diversos momentos da aula e a fragmentação do saber em matérias, unidades, lições e exercícios, reforçando mais os aspectos que distinguiam uma matéria da outra do que daqueles que as aproximavam. Procedia-se, ainda, à hierarquização de cada matéria, de acordo com o espaço de tempo que lhe teria sido destinado.

Além de fixar o tempo de permanência na escola, fazia-se necessário delimitar temporalmente cada ação, ordenando e disciplinarizando os trabalhos realizados dentro da instituição, tanto os dos professores como os dos alunos. Com isso, o gerenciamento do tempo foi tornando-se indispensável, sendo, a partir disso, necessária a elaboração de programas enciclopédicos de ensino, nos quais os saberes escolares estabelecidos de maneira disciplinar eram detalhados em quadros

de horários e arranjos, seguindo uma ordem sequencial, lógica e irrevogável de distribuição diária, semanal, mensal e anual (FARIA FILHO, 2000).

A estrutura física dos prédios escolares proposta pelos republicanos buscava aliar as configurações do espaço “às concepções pedagógicas e às finalidades atribuídas à escola primária” (SOUZA, 1998, p. 123). É nessa arquitetura espacial e também temporal que se encontram os sujeitos do processo educativo que ocupam os espaços e tempos escolares.

[...] No interior do edifício-escola configura-se uma gramática espacial na qual a distribuição do espaço corresponde aos usos e às funções diferenciadas, à fragmentação e às especializações de atividades, à disposição de objetos, ao deslocamento e encontro dos corpos, enfim, a toda uma geometria de inclusão e exclusão [...]. (SOUZA, 1998, p. 138)

As edificações desses locais representaram uma mudança no espaço e no tempo, implementando, assim, uma nova cultura. Foram pensadas e construídas com muito cuidados, exigindo empenho político e também arquitetônico para que se construísse um espaço específico para a prática de ensinar em tempos específicos. Além disso, tanto os tempos quanto os espaços escolares eram meios favoráveis para a propagação de valores referentes ao trabalho, às noções de higiene e aos bons costumes, juntamente com os ensinamentos que faziam parte do currículo, como ler, contar e escrever, para que, então, fosse possível a consolidação de um cidadão republicano. Nesses termos, a educação e a instrução deveriam andar juntas no processo de formação do cidadão republicano (SOUZA, 1998).

Esse tempo deveria ser aproveitado em seu máximo, pois a “sincronização do tempo reflete uma das exigências da organização do trabalho industrial, isto é, extrair do trabalhador mais eficiência e mais lucro” (SOUZA, 1998, p. 220). Sendo assim, Souza (1998) descreve que o tempo da escola tem um duplo significado,

[...] essa racionalidade adquire um duplo significado: primeiro ela pressupõe a eficiência e a eficácia tendo em vista o ensino simultâneo que facultou a educação de um número maior de crianças, com mais conteúdos e em menor tempo. Em segundo lugar, a disciplina do tempo foi incorporada sob uma ética contrária à ociosidade e que valorizava a regularidade, a pontualidade e a ordem. (SOUZA, 1998, p. 220)

Desse modo, o tempo foi ensinado como nova concepção cultural da regulamentação da vida social. Nesse sentido, Souza (1998) revela que, na escola, a criança internalizava as primeiras percepções cognitivas da temporalidade, as noções

de tempo cronometrado e útil, bem como aprendia a ler o relógio e suas aplicações e assim como os horários das igrejas e fábricas são demarcados pelo toque dos sinos, na escola ocorria o mesmo, sendo demarcados os horários de entrada, recreio e saída.

Escolano (2010) alerta que o espaço-escola (sua arquitetura, entornos, funcionamento interno, etc.) firmam-se como um conjunto didático silencioso que tende a agir sobre os sujeitos que dele fazem usos. Nesse sentido, o espaço escolar expressa um conjunto de saberes, valores, signos a serem interiorizados pelos sujeitos pertencentes ao processo educativo. A “tomada de posse do espaço vivido”, sobretudo os espaços da escola, “é um elemento determinante na conformação da personalidade e mentalidade dos indivíduos e dos grupos” (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 63).

Em consonância com essa nova cultura escolar, espaços administrativos-pedagógicos foram sendo projetados, como os “[...] gabinetes para a diretoria, sala para arquivo, portaria, depósitos, biblioteca, laboratórios, oficinas para trabalhos manuais, ginásio, anfiteatro e pátios para recreio” (SOUZA, 1998, p. 128). Diante disso, a nova reorganização pedagógica adotada no decorrer do tempo possibilitou a entrada de novos profissionais para compor a equipe escolar, como secretários, inspetor de alunos, merendeiras, bibliotecário, dentre outros, visando à melhoria do cotidiano escolar diante das novas exigências da escola moderna.

A organização escolar, com a adaptação aos ritmos temporais do calendário escolar e dos horários da sala de aula, fez parte do conjunto de comportamentos que deu origem a imagens visíveis da escolaridade. O calendário escolar tornou-se uma cultura sobreposta, à qual as estruturas física e emocional das crianças, deveriam ser adaptadas. Conforme Faria Filho e Vidal (2000, p. 25), “o detalhamento dos quadros de horários propostos pelos Programas de Instrução, prevendo-se uma distribuição diária, semanal, mensal e anual do processo de ensino, aprendizagem e avaliação, indicava o intuito de delimitar o tempo escolar”.

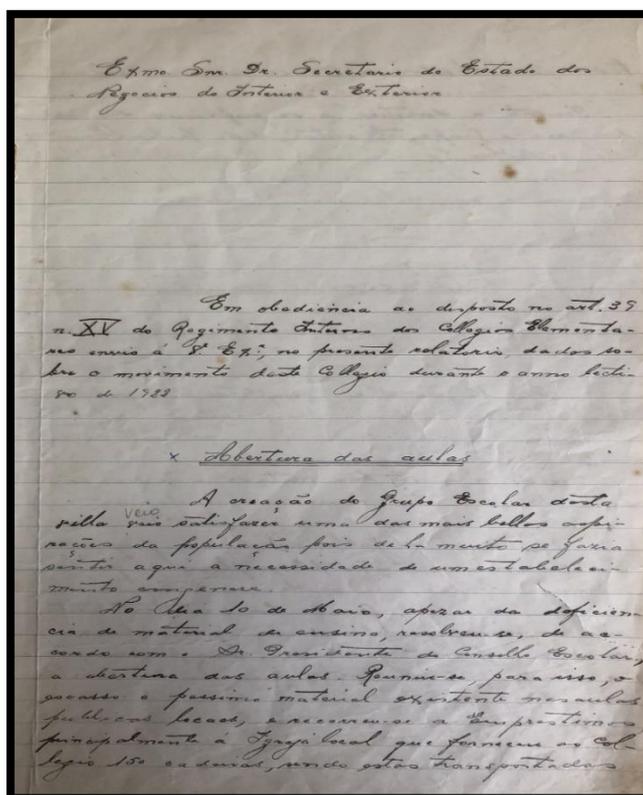
Os espaços escolares em conjunto com o tempo escolar incutiam diversas formas de disciplinar os corpos dos sujeitos, pois é por meio do espaço que o corpo se desloca e tem diferentes experiências corporais. Sendo assim, o espaço escolar passa a ser um “mediador cultural em relação à gênese e formação dos primeiros esquemas cognitivos e motores, ou seja, um elemento significativo do currículo, uma fonte de experiência e aprendizagem” (VIÑAO; ESCOLANO, 2001, p. 26), pois é por

meio do espaço que são feitas, na infância, aquisições de aprendizagens, hábitos, costumes e posturas. Assim, esse novo espaço escolar deveria suscitar atitudes que remetiam à brincadeira organizada, ao controle das atitudes e à disciplina, formando, desse modo, um bom cidadão.

A constituição dos tempos e espaços foram elementos que deram significado à cultura escolar disseminada pelo Grupo Escolar Padre Efrem. Ao analisar os vestígios documentais sobre o início da trajetória do Grupo Escolar, foi possível perceber que a instituição e a afirmação desse Grupo Escolar como escola pública passou por dificuldades que atravessaram os tempo e espaços, fazendo surgir, ao longo dos anos, uma instituição de referência para muitos sujeitos, sendo ela constituída a partir dos preceitos da escola moderna.

Cabe aqui um breve histórico do início da trajetória desse Grupo Escolar a fim de compreender as transformações pelas quais passou dentro do recorte temporal estabelecido para esta pesquisa (1922-1950). Para compor essa empiria, utilizou-se o Relatório do Primeiro Ano de Funcionamento do Grupo Escolar, enviado para o Secretário de Estado dos Negócios do Interior e Exterior.

Figura 8 – Relatório do primeiro ano de funcionamento do Grupo Escolar



Fonte: Arquivo da E.E.E.M. Padre Efrem.

Nesse relatório, a diretora à época, Andréa Cecy de Sá Brito, descreve que existiram algumas dificuldades para seguir com o bom andamento das aulas, pois, apesar dos discursos quanto à construção de prédios específicos para o ensino serem disseminados, essa não ocorreu simultaneamente em todas as regiões, sendo realizada a adaptação do Grupo Escolar Padre Efrem em casa alugada, um dos primeiros entraves relatado.

A diretora relata ainda que, apesar das dificuldades da falta de material, resolveram, juntamente com o Presidente do Conselho Escolar, dar início às aulas, as quais tiveram princípio no dia 10 de maio de 1922, satisfazendo umas das mais belas aspirações para a população da Vila de Vacaria, pois havia a necessidade do estabelecimento de ensino na região. Conforme o relatório, “reuniu-se, para isso, o escasso e péssimo material existente nas aulas públicas locais, e recorreu-se a empréstimos, principalmente da Igreja local que forneceu ao colégio 150 cadeiras” (RELATÓRIO DO PRIMEIRO ANO DE FUNCIONAMENTO DO GRUPO ESCOLAR, 1923).

No primeiro ano de funcionamento, com 166 alunos, os primeiros professores do Grupo Escolar foram Victória Quintella da Silva Ly, Bernardina Rodrigues Padilha, José Fernandes de Oliveira e o aluno mestre Regynaldo Tocchetto. Quanto aos professores, consta no relatório que eram muito competentes e realizavam as exigências do programa, aplicando o método intuitivo. Ao perceber o pouco adiantamento dos alunos nas matérias do programa, ficou o colégio dividido apenas nas seções da 1ª classe, e o número de analfabetos era de 196 alunos, que foram divididos entre dois professores: Regynaldo Tocchetto, com a turma do sexo masculino, e Bernardina Rodrigues Padilha, com a turma do sexo feminino. A diretora Andréa relata que rapidamente os professores conseguiram compreender e aplicar o método das primeiras letras.

Observa-se no referido relatório que, por diversas vezes, é relatada a falta de materiais e a dificuldade que isso causava para dar andamento às aulas; apesar disso, com apenas dois meses de funcionamento, o Grupo Escolar foi elevado à categoria de colégio elementar devido ao aumento do número de matrículas.

Figura 9 – Decreto que eleva o Grupo Escolar a Colégio Elementar



Fonte: Arquivo da E.E.E.M. Padre Efrem.

Quantos às matérias ministradas durante o primeiro ano, a diretora relata que para os trabalhos manuais não foi possível realizar exame final devido às dificuldades de organização do ensino, falta de materiais e até mesmo de professores, visto o número crescente de matrículas. As aulas de música foram ministradas pela então diretora Andréa Cecy de Sá Brito, através do método de solfejo, já que não haviam recebido livros que indicassem o método a ser seguido. Mesmo assim, ela ficou satisfeita com os resultados obtidos.

Cabe ressaltar que, de acordo com Peres (2000), os primeiros diretores dos colégios elementares foram escolhidos entre os inspetores escolares, em uma clara manifestação do esforço para qualificar esses estabelecimentos. Devido à importância das funções do cargo de diretor, fazia-se necessário colocar pessoas de alto grau de confiança. Souza (1998, p. 77) relata que o cargo de diretor era “um fator de honra e distinção. O diretor era visto com uma autoridade do governo”. Apesar de, em sua

maioria, esse cargo ser geralmente ocupado por homens, no Grupo Escolar Padre Efrem a primeira direção foi confiada a uma mulher, Sra. Andréa Cecy de Sá Brito.

Figura 10 – Professora e primeira diretora do Grupo Escolar, Andréa Cecy de Sá Brito



Fonte: Arquivo institucional da escola E.E.E.M. Padre Efrem.

Conforme Oliveira (1996), a referida diretora era esposa do juiz de direito, Dr. Luís Freitas de Castro, o qual também foi presidente do Tiro de Guerra 404, o que pode indicar que tinham fortes influências políticas no município de Vacaria. De acordo com Fernandes (2015), os diretores tinham a função de fiscalizar o estabelecimento de ensino, redigir e receber correspondências, conservar e fazer toda a escrituração da escola, organizar horários, zelar pelo cumprimento do programa de ensino e da legislação escolar, assinar os atestados relativos ao adiantamento e à conduta dos alunos, enviar relatórios anuais às instâncias superiores de educação, promover reuniões e momentos de estudo com o corpo docente, nomear zeladores, proceder à matrícula, representar a escola, inspecionar os cadernos de preparo de lições dos professores, designar e presidir as comissões examinadoras, dentre outras.

Assim como os diretores, os professores também foram importantes sujeitos que exerceram papel fundamental na trajetória do Grupo Escolar, sendo eles os agentes que fizeram cumprir as práticas escolares no cotidiano. Portanto, as fotos a seguir registram alguns dos professores que lecionaram neste Colégio Elementar<sup>3</sup> nas décadas de 1920 e de 1930.

Figura 11 – Professores do Colégio Elementar (1924)



Fonte: Pinotti (2011, p.165).

<sup>3</sup> Conforme Peres (2000) Inicialmente os grupos escolares eram constituídos pelas “escolas reunidas” de até 200 alunos. Quando ultrapassavam os 200 alunos matriculados, no Rio Grande do Sul, passavam a ser denominados de Colégios Elementares. Em 1939, todos passaram a ser grupos escolares através do Decreto nº 7680 de 09 de janeiro de 1939.

Figura 12 – Professores do Grupo Escolar (1930)



Fonte: Barbosa (2011, p. 112).

Figura 13 – Professores do Grupo Escolar (1930)



Fonte: Pinotti (2011, p. 166).

Figura 14 – Professores do Grupo Escolar em homenagem ao professor José Fernandes de Oliveira



Fonte: Pinotti (2011, p. 166).

Na fotografia, o professor José Fernandes de Oliveira está sendo homenageado, possivelmente, pelo trabalho realizado na direção do Grupo Escolar nos anos de 1940 a 1942.

Percebe-se que o referido professor está sentado posicionado no centro da fotografia e rodeado de professoras, observa-se também o fato da predominância da mulher no corpo docente. Cabe ressaltar que os cargos de direções, geralmente representados pela figura masculina, foram cedendo espaço para a mulher. Conforme Souza (1998), devido à necessidade de recrutamento de muitos profissionais após a difusão da escola popular, os salários passaram a ficar pouco atrativos para os homens. “Em compensação, viria a se constituir num dos primeiros campos profissionais respeitáveis, para os padrões da época, abertos à atividade feminina” (SOUZA, 1998, p. 63). Além disso, as virtudes da mulher passaram a ser destacadas e imprescindíveis à docência, já que se associava a experiência maternal da mulher ao desempenho da função de professora e, muitas vezes, diretora.

A formação para a função da docência se fazia necessária devido às exigências da escola moderna. No município de Vacaria, conforme Alves (2019), em 1931, houve a criação do curso complementar no colégio São José, ofertado pelas Irmãs de São José, ampliando, assim, a formação dos professores na região, o que impulsionou o ingresso das mulheres nessa profissão.

Diante desses vestígios, é possível observar que o início das aulas no Grupo Escolar Padre Efreem veio acompanhado de muitos esforços, não só dos professores,

mas também da necessidade de recursos municipais para poder continuar com as atividades. Percebe-se também, que antes da década de 1940, a organização do Grupo Escolar estava a passos lentos, tomando forma. Portanto, optou-se, neste capítulo, por dar mais atenção à documentação a partir da década de 1940 para melhor descrever os espaços e tempos escolares deste Grupo Escolar, devido ao fato de serem em maior número os vestígios encontrados na documentação a partir dessa época.

Nessa premissa, no decorrer da década de 1940, é possível constatar que o ano letivo do Grupo Escolar Padre Efrem iniciava no começo do mês de março. A abertura dos trabalhos escolares era realizada com discursos e canto de hinos, como pode ser observado na seguinte ata:

Ao primeiro dia do mês de março de mil novecentos e quarenta e tres, às oito horas, no pateo do G.E., presentes o senhor Diretor, professoras dos dois turnos, alunos e demais funcionários do estabelecimento, tiveram início os trabalhos escolares do ano letivo em curso. Dada a vos de sentido, hasteou-se o Pavilhão Nacional ao canto do hino Pátrio pelos corpos docente e discente, que ao mesmo tempo prestaram as continencias do estilo. O corpo de alunos desfilou diante do mastro erguido no pateo, executando a “Saudação Olímpica” [...].

Antes, porém, o Sr. Diretor concitou as crianças a prosseguirem os estudos com muito entusiasmo, lembrando-lhes os deveres que lhes cabem de educar-se e instruir-se dedicadamente, tudo fazendo para bem servirem o Brasil.

A matrícula inicial atingiu 359 alunos. [...] (LIVRO DE ATAS, 1943, não paginado<sup>4</sup>)

A cerimônia era repleta de todo o simbolismo e ritual patriótico, o discurso também era de exaltação à pátria e como os alunos deveriam comportar-se para serem exemplos de bons cidadãos republicanos.

O ano letivo era finalizado na segunda semana do mês de dezembro, momento em que se fazia a entrega “dos atestados aos alunos que completaram o curso primário” (LIVRO DE ATAS, 1942). A entrega dos atestados era uma das festividades promovidas pela escola, onde diversas autoridades da sociedade eram convidadas a prestigiarem o evento. Quanto às férias escolares de inverno, não foram encontrados registros na documentação analisada.

Cabe ressaltar que o cotidiano escolar da educação primária no estado do Rio Grande do Sul era orientado por normas e prescrições descritas no Regimento Interno

---

<sup>4</sup> O Livro de Atas não é paginado. Desse modo, a partir de agora, constará apenas o ano.

das Escolas Primárias do Estado de 1939. Conforme esse Regimento, as escolas primárias deveriam funcionar no horário de verão da seguinte maneira: no primeiro turno das 8h às 12h e no segundo das 13h30 às 17h30, e no horário de inverno no primeiro turno das 8h30 às 12h30 e segundo das 13h às 17h (DECRETO Nº 7.929 DE 30 DE AGOSTO DE 1939 - REGIMENTO INTERNO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS).

Quanto ao horário de funcionamento do Grupo Escolar em estudo, foi possível perceber que as aulas no período da manhã aconteciam das 8h às 12h e no período da tarde das 13h30 às 17h30, o que coaduna com as prescrições feitas no Regimento Interno de 1939. Nesse documento também é apresentado um horário diferenciado para as aulas no inverno, sendo das 8h30 às 12h30 e das 13h às 17h, sendo que no decorrer da pesquisa não foram encontrados documentos que descrevessem o horário de inverno, mas como a região onde está localizado o Grupo Escolar Padre Efrem tem um inverno bem rigoroso, possivelmente eram seguidos os horários do referido Regimento.

Durante a pesquisa, não foram encontrados registros referentes ao tempo destinado ao recreio, mas há indícios na documentação de que ele ocorria no pátio da escola quando o tempo estava bom, e quando estava chovendo era realizado dentro da sala de aula. O Regimento Interno das Escolas Primárias de 1939, em seu capítulo VIII – “Da Hora da Reparação”, regulamenta que:

Art. 54 – Haverá, como interstício de descanso, um recreio de 20 a 25 minutos, situado no meio dia escolar, para o 4º, 5º e 6º anos: as três primeiras séries terão dois períodos de descanso, de 10 a 15 minutos entre as aulas.  
Art. 55 – Os recreios, a menos que o tempo não o permita, far-se-ão sempre ao ar livre e serão coletivos. (REGIMENTO INTERNO DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS, 1939).

Diante disso, é possível dizer que o recreio era realizado pelos alunos e tinha duração em média de 20 a 25 minutos por turno. O Regimento Interno de 1939 determinava, também em seu Art.º 55, que os recreios deveriam, sempre que possível, ocorrer ao ar livre. Este tempo escolar destinado ao recreio deveria ser preenchido por brincadeiras, jogos e conversas ao ar livre sempre que o tempo permitisse. Essa concepção do contato com a natureza e o incentivo às relações sociais estavam fortemente vinculados às concepções da Escola Nova.

No início do ano letivo do Grupo Escolar Padre Efrem, havia a distribuição das classes e instituições para cada professor(a), sendo no ano de 1948 distribuídas da seguinte forma:

Em 1º de março de mil novecentos e quarenta e oito, às 8 horas, numa das salas de aula dêste Grupo Escolar, presentes a Sra. Diretora e todas as profª [...] realizou-se uma reunião cuja finalidade foi dividir os turnos e distribuir as classes e as instituições.

Para que não houvesse descontentamento, a Sra. Diretora procedeu da seguinte forma:

Perguntou a cada profª qual turno que preferia, como ficou bem repartido, não houve dúvidas nesta parte. A seguir tratou-se das instituições; deu-se preferencia às profª que já eram encarregadas das mesmas no ano anterior, como quase todas desistiram, houve sorteio, ficando tudo solucionado a contento.

Finalmente sortearam-se as classes, que ficaram distribuídas conforme consta o Plano Geral da Direção.

As profª excedentes receberam tarefas diversas até que possam ser apresentadas em classes e instituições.

Ficando ainda determinado que as profª de 1º ano, devem testar 12 crianças por dia e deixar o teste completo: idade, filiação, côr, etc. Duas professoras, também de 1º ano, examinarão os alunos repetentes. As classes só serão sorteadas depois de testados todos os alunos.

Concluindo, pediu a Sra. Diretora que houvesse boa vontade da parte das professoras, que fosse observado o horário e que tivessem muito cuidado com a disciplina [...]. (LIVRO DE ATAS, 1948)

De acordo com essa ata, as professoras tinham a opção de escolher o turno em que gostariam de lecionar e as instituições que fariam parte. As classes eram sorteadas e, neste caso, as instituições (assunto que será tratado adiante) também foram devido à desistência das professoras anteriormente encarregadas.

Cabe ressaltar que, de acordo com Peres (2000), a partir de 1947, e de acordo com o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais do Estado do Rio Grande do Sul (CPOE/RS), a divisão dos alunos por classe sofreu algumas alterações, ficando mais complexa:

Primeiro, estabeleceu um vínculo direto com os resultados obtidos pelos alunos nas provas objetivas e as classes; segundo, propôs critérios para o agrupamento dos alunos assentados em uma triangulação: alunos novos, alunos repetentes e alunos inabilitados. Em cada um desses três grupos havia, ainda, complexas subdivisões que obedeciam outras diretrizes, como a idade e a aprovação ou a reprovação em diferentes matérias, que era, também, critério que aproximava ou dividia os alunos; terceiro, hierarquizou e classificou o sujeito epistêmico entre os aptos e os não-aptos para aprender. (PERES, 2000, p. 265)

Os alunos eram submetidos aos Testes ABC de Lourenço Filho, os quais eram bastante utilizados nas escolas primárias do estado do Rio Grande do Sul; e, dependendo do seu desempenho, eram divididos entre as classes.

A divisão nem sempre foi assim, pois o primeiro Regimento Interno dos colégios elementares, de 1910, ditava que houvesse três classes subdivididas em duas seções, seguindo os critérios para a divisão: primeiro, conforme o gênero, sendo que esse critério não valeria para a primeira classe, essa uma classe mista e as demais conforme o sexo. O segundo critério era quanto ao adiantamento dos alunos, o qual provavelmente referia-se ao ler, ao escrever e ao contar (PERES, 2000).

Já em 1939, o Regimento Interno passou a denominar em anos as divisões, indo do 1º ao 6º, sendo a recomendação para essa organização a de que os alunos deveriam ser divididos pelo nível de maturidade (ou atendendo à idade e à escolaridade anterior) ou pela nota dos exames finais.

A partir da construção do novo prédio, assunto que será tratado no subcapítulo 5.2, e o início das aulas, em 1936, diversas turmas se formaram e também houve a contratação de novos professores. Sendo assim, a partir dos indícios presentes no Livro de Notas Finais de 1945 a 1963, encontrado no acervo da E.E.E.M. Padre Efrem, é possível perceber a quantidade de turmas e alunos que foram submetidos aos exames finais no ano de 1945 e também a quantidade de professores que lecionavam no Grupo Escolar neste ano.

Tabela 1 – Exames finais (1945)

Ano	Professor(a)	Total de alunos	Aprovados	Reprovados
1º ano A	Dalva Telles	24	21	03
1º ano B	Leda Maria Broglio	29	27	02
1º ano C	Leonida Maria Broglio	26	19	07
1º ano D	Adelia Paim Veppo	29	20	9
1º ano E	Loris Boscato	23	0	23
1º ano F	Djair Gonzaga Paganella	25	0	25
1º ano G	Elvira Lacerda Barcellos	19	04	15
1º ano H	Cenira Oliveira Orzivenco	28	0	28
2º ano A	Irma Lopes	27	26	01
2º ano B	Branca Guazzelli Paim	22	19	03
2º ano C	Clodomira Paim	26	23	03
2º ano D	Nadyr Marcantônio	35	27	08
3º ano A	Jandyra Borges Guerreiro	35	27	08
3º ano B	Neli Quintela	33	24	09
4º ano A	Ernestina Finco	22	13	09
4º ano B	Lourdes Santos	22	05	18
5º ano	Marina Broglio	22	15	07

Fonte: Elaborado pela autora a partir das fontes documentais encontradas no Livro de Notas Finais 1945-1963.

Cabe ressaltar que a professora Djair escreveu a lápis, na parte superior da página, onde fez o registro das notas de seus alunos, a seguinte justificativa: “Assumi a regência desta classe em outubro. Esta classe, formada de alunos desajustados, não sendo possível vencer as dificuldades” (LIVRO DE NOTAS FINAIS 1945-1963).

O controle das atividades escolares era realizado através das provas objetivas elaboradas pelo CPOE/RS nos anos de 1943 a 1965, sendo elas aplicadas no final do ano letivo. Os também denominados exames finais tinham o objetivo de decidir sobre a promoção dos alunos conforme o desempenho na prova.

Por meio desses vestígios registrados na Tabela 1, é possível dizer que, no ano de 1945, o Grupo Escolar Padre Efrem contava com oito turmas de 1º ano, quatro turmas de 2º ano, duas turmas de 3º ano, duas turmas do 4º ano e uma turma de 5º ano, totalizando 447 alunos.

As notas obtidas se referiam à linguagem, matemática, estudos sociais e naturais, sendo no final feita uma nota global. Ao que tudo indica, essa nota global era a soma das três notas que, posteriormente, eram divididas por três para se obter uma média. Os alunos que tirassem nota 50 ou inferior estariam reprovados.

Observa-se, na Tabela 1, o grande número de estudantes no primeiro e segundo ano, sendo necessário um maior número de turmas para comportar todos os alunos, pois nessa fase era quando ocorria a alfabetização. Nota-se uma grande diminuição desses alunos em relação às turmas a partir do terceiro ano, chegando ao quinto ano com apenas uma, o que leva ao questionamento sobre os motivos dessa diminuição de alunos na escola, sendo possível dizer que uma possibilidade se deve ao fato de que muitos desses estudantes afastavam-se do espaço escolar para auxiliarem a família nos trabalhos rurais e domésticos. Há também a possibilidade de alguns deles morarem afastados do Grupo Escolar, o que dificultaria sua ida até a escola por razões climáticas, por exemplo, já que é uma região com um inverno bem rigoroso.

Chama a atenção o alto índice de reprovação dos alunos, sendo possível pensar em diversos motivos para esse acontecimento, pois, como dito anteriormente, alguns alunos precisavam auxiliar suas famílias nos afazeres de casa e acabavam faltando às aulas e também ao dia do exame, sendo assim reprovados. Outra possibilidade se deve ao fato de que poderia haver alunos imigrantes, levando-os a terem dificuldade com a língua pátria, já que Vacaria teve grande impulso econômico depois da chegada da mão de obra dos imigrantes, principalmente no comércio. Outro fator é o medo, ou seja, os estudantes não compareciam com o receio de não saber responder ao exame, pois ele era composto por provas escritas, práticas e orais e avaliados por uma banca examinadora. Souza (1998) acrescenta que a banca era composta pelo inspetor do distrito, dois examinadores nomeados por ele e pelo professor da classe.

Como já mencionado, a delimitação do tempo escolar era indicada pela distribuição diária, semanal, mensal e anual das atividades realizadas no grupo escolar. Sendo assim, as disciplinas também estavam distribuídas em seus devidos horários durante a semana no decorrer do curso primário. A distribuição dos tempos escolares é um dos elementos fundamentais para a organização escolar, sendo

Um aspecto que afeta e que é afetado por outros tais como a distribuição e o uso do espaço escolar, o currículo, o calendário escolar, as teorias em voga sobre os métodos de ensino e a organização escolar, os processos de escolarização – idades, assistência, número de alunos por aula – e profissionalização docente, as funções e destinatários sociais deste ensino ou a disseminação de determinados critérios higiênicos e psicopedagógicos. (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 6)

Fica evidente que, por meio dessa organização, os grupos escolares eram dotados de normas e instrumentos de controle do tempo e, com isso, foram incorporados objetos que auxiliaram nesse processo, como as sinetas, as campainhas e os relógios. Com isso, o tempo, como o do recreio, o das disciplinas em períodos, era controlado e delimitado.

O Decreto nº 7.929, de 1939, que aprovou o Regimento Interno das Escolas Primárias, culminou na reorganização do ensino primário a ser ofertado nas escolas isoladas e grupos escolares compreendido do primeiro ao sexto ano. Nesse Regimento também foram estabelecidos critérios para a promoção dos alunos e os requisitos mínimos de frequência escolar, bem como estabeleceu-se controle sobre as atividades escolares.

Com a criação da Secretaria de Educação e Cultura, em 1942, foi também instituído o Departamento de Educação Normal e Primária e, em 1943, foi criado o Centro de Pesquisas e Orientação Educacionais (CPOE/RS), que atuou na orientação e supervisão dos trabalhos escolares, na instituição do “Círculo de Estudos”, que reunia diretores ou orientadores das escolas para as discussões administrativas ou pedagógicas, solicitando a apresentação de planejamentos e relatórios das escolas, na oferta de cursos, seminários ou sessões de estudos para os professores (QUADROS, 2006).

Com isso, os relatórios dos inspetores continham explicações sobre o que ocorria nas escolas como questões sobre a disciplina, pontualidade, assiduidade, como os professores trabalhavam em sala de aula, tendo assim um acompanhamento das atividades, mesmo que sob forma de fiscalização. Era toda uma organização que não havia antes, em que a civilidade escolar, as práticas ritualizadas e simbólicas, as provas, exames finais, as festas cívicas e exposição de trabalhos tomaram lugar (SOUZA, 2004).

Na ata a seguir, do ano de 1945, é relatada a visita realizada pelos orientadores de ensino no Grupo Escolar, os quais ficaram por três dias consecutivos realizando orientações quanto ao trabalho que deveria ser realizado na instituição.

Aos vinte e cinco dias do mês de abril do ano de mil novecentos e quarenta e cinco, às 14 horas, numa das salas do Grupo Escolar de Vacaria, sob a presidência do Snr. Orientador de Ensino, professor Júlio Feijó, das Sñhas. Orientadoras Wanda A. Jaconi e Nadir Saldanha da Rocha, reuniram-se a diretora D<sup>a</sup> Suely Guerra e demais professoras que integram o corpo docente

deste educandario, prof<sup>a</sup> Amélia Azambuja, orientadora das aulas municipais, para tratar de diversos assuntos de interesse do ensino.

Iniciando, fez uso da palavra o Snr. Julio Feijó, que fez a leitura de uma saudação dirigida pelo Dr. Luiz Antonio Dalbem, Delegado regional da 4<sup>a</sup> região escolar. A seguir falou a orientadora Snha Nadir S. da Rocha, que discorreu sobre os testes A, B, C, sua importancia para avaliar o nivel de maturidade da criança - maneira prática de ser realizado – material empregado – exercicios corretivos para desenvolver a maturidade, etc. Explicou, ainda, a maneira como deve ser feita a avaliação do trabalho do aluno e a confecção do perfil, resultado dessa avaliação. Tratou também sobre o Aprendizado da Leitura, salientando a importancia da mesma na cultura geral, os novos objetos desta disciplina, a necessidade do preparo das lições de leitura, sua motivação para o bom êxito, as vantagens da leitura silenciosa e oral, exercicios e jogos para facilitar a leitura. Falou sobre o material de leitura e seu uso, treino e educação da voz; aconselhou os dialogos, poesias, dramatizações, etc. A seguir a Orientadora Snha. Wanda Jaconi, referiu-se ao ensino da gramatica, sobre a maneira de ministra-la, a fim de obter os resultados desejados sobre a inconveniencia das regras decoradas, das analises, da conjugação de verbos isolados, ao passo que os resultados obtidos com a conjugação de frases e o aprendizado das regras gramaticais, pela pratica, são muito mais recomendaveis. As referidas orientadoras, a medida que dissertavam sobre diversos assuntos tratados, citaram livros, ditados utilizados no ensino da linguagem.

Após, encerrada esta primeira reunião, ficando o dia seguinte para a continuação da mesma. (LIVRO DE ATAS, 1945)

Os inspetores e orientadores escolares acompanhavam e controlavam a conduta e comportamento dos professores, assim como o andamento da instituição como um todo. Nessa ata é possível perceber que, no primeiro dia, os professores eram orientados a aplicarem o teste ABC, que como relatado anteriormente, tinha como uma de suas funções avaliar o nível de maturidade dos alunos.

As recomendações referentes ao aprendizado da leitura vinham acompanhadas de exemplos de materiais que poderiam ser utilizados para o desenvolvimento da leitura. Conforme Peres (2000), a leitura ganhou novas formas sob os princípios da Escola Renovada, sendo ela trabalhada de diferentes maneiras como a leitura dramatizada, silenciosa, dialogada, em coro, dentre outras.

No segundo dia de orientações, foram debatidos os seguintes assuntos:

- Dia 26 – (às 14 horas) - nota: Apresentaram-se as professoras Leonidia Correia de Almeida, Maria de Lurdes Borges, Neusa R. de Campos, do Grupo Escolar “Luiz de Almeida França”, 8<sup>o</sup> distrito de Vacaria e a professora Hercilia dos Santos, do Grupo Escolar de Vila Korff.

Os assuntos tratados foram os seguintes: Escrita e a Caligrafia, falou sobre o assunto a Snha Wanda Jaconi – seus objetivos, sua importancia, idade e maturidade e sua influencia na rapidez e perfeição na escrita, etc.

Disse a Snha. Orientadora que o professor deve escrever bem legível, pra que a criança também o faça, pois que ele é um modelo constante para as crianças. Não devemos descuidar da posição do corpo no ato de escrever, pois a mesma influe na escrita e também na saúde do corpo.

Sugeriu diversos exercicios interessantes para vencer as dificuldades, salientando que os mesmos devem ser de pouca duração para não cansar a criança.

A Sñha. Nadir S. da Rocha, discorreu sobre a Composição e seus objetivos, disse que devemos conversar com as crianças para desenvolver a linguagem oral, narrando fatos, contando historias, etc, levando a criança a pensar e refletir no que disser, para que aprenda a exprimir-se com claresa. Como recursos a utilizar para o ensino da composição, sugeriu a conversação, dramatização, programas de festas, etc.

Tratou tambem da copia e ditado, da maneira de corrigir os erros cometidos, etc.

Em seguida falou sobre O Ensino da matematica- os novos e importantes objetivos desta disciplina, como aproveitar as situações reais da vida para ensino da mesma - a vida local aplicada nos diversos exercicios, analise permenorizada das causas de maior deficiencia nas operações fundamentais, nas frações ordinarias e como remedia-las. Falou sobre o ensino da tabuada e dos problemas, da maneira como deveriam ser ensinados, afim de conseguir os resultados pedagogicos visados.

Fez a leitura de diversos jogos.

A seguir a Sñha. Wanda Jaconi, falou sobre os Planos de Lições – a melhor e mais eficiente maneira de prepara-los. Partes de que deveria constar 1º) Motivação; 2º) Objetivos; 3º) Desenvolvimento; 4º) Observações.

Com as necessárias explicações, a Sñha. Wanda Jaconi, deu um modelo de plano para o desenvolvimento de uma Unidade Didatica sobre o Tempo-Duração e estudo atmosfericos, o qual foi com real interesse por todas as professoras presentes e o que muito satisfez o auditorio, porque solucionou diversas dificuldades encontradas.

A Sñha. Nadir S. da Rocha, discorreu sobre o assunto: Documentação do Trabalho do Alunos – maneira como deve ser feita (em folhas de papel, para serem colecionados em caderno especial).

Documentação do Trabalho do Professor – que deverá constar de: caderno de planos, caderno dos alunos e um relatorio geral do trabalho feito.

Nesta altura foi encerrada a reunião, ficando determinado para o dia seguinte a continuação da mesma sobre assuntos de real importancia para o ensino. (LIVRO DE ATAS, 1945)

Neste segundo dia de orientação, juntaram-se ao grupo mais professores vindos de outros grupos escolares, sendo eles do 8º distrito e de Vila Korff. Deram seguimento aos estudos sobre a escrita e caligrafia, sendo enfatizado que o professor, como um exemplo a ser seguido, deveria escrever legivelmente para que os alunos assim também o fizessem. Peres (2000) descreve que o ensino da escrita e da caligrafia “demonstram explicitamente a centralidade que a questão corporal-motora tinha nesse ensino” (PERES, 2000, p. 330), sendo necessário domínio corporal e de seus movimentos para o bom desenvolvimento da escrita.

A autora ainda menciona que, conforme o Programa de Ensino de 1939, dependendo do ano em que o aluno estava eram feitas diferentes recomendações quanto à escrita e à caligrafia, como o aperfeiçoar da escrita em relação ao tamanho, forma, velocidade, legibilidade, dentre outras.

Outro assunto tratado neste mesmo dia foi a composição, a qual deveria ser desenvolvida por meio do diálogo e também se deveria incitar a criança a pensar sobre o que estava falando. Peres (2000) descreve que a composição tinha como um de

seus objetivos a correção e a clareza de expressão, o desenvolvimento do vocabulário, a expressão, assim as crianças passariam a falar com mais clareza, facilidade e elegância.

O ensino de matemática deveria levar em consideração as situações reais para o aprendizado. Peres (2000), ao se referir ao Programa de Ensino de Matemática de 1939, diz que os conhecimentos matemáticos estavam associados à utilização prática na vida dos alunos, desenvolvendo atitudes de solidariedade, economia e melhoria do raciocínio.

Outro aspecto tratado nesse dia foi o plano de lições, o qual possivelmente se dirigia à forma de organizar o planejamento, sendo que, para a sua melhor compreensão, foi entregue um “modelo” a ser seguido para as professoras.

Para finalizar as orientações, no último dia foram tratados assuntos referentes a postura das professoras em sala de aula e também sobre a burocratização escolar, sendo registrado a seguinte ata:

- Dia 27 – (às 14 horas) Compareceram a diretora e professoras do Grupo Escolar de Muitos Capões, 7º distrito de Vacaria.

Falou o Snr. Orientador professor Julio Feijó sobre o Governo da Classe – citou os seguintes conceitos:

1º) Conservar os alunos sempre ocupados. 2º) Interessar-se a professora pela escola e por tudo que ai se fizer. 3º) Criar um ambiente de simpatia e confiança no meio escolar.

4º) Fazer da escola um centro alegre e bonito, onde todos se sintam bem, Disse ainda que o professor deve falar pouco em classe e em voz média; não infantilizar a linguagem; ser assíduo, nunca chegar tarde para não dar maus exemplos, porque estes penetram pelos olhos, vibram dentro d'alma e ai ficam para sempre.

A Snha. Orientadora Wanda Jaconi, informou-se da Diretora sobre a atuação das professoras com relação ao Clube Agrícola. Sendo a seguinte informação da Diretora: Que não temos propriamente um superintendente, ha apenas uma professora encarregada das instituições escolares, entre as quais figura o Clube Agrícola. Que durante o ano de 1944, cada professora e seus alunos, ficaram encarregados de uma área de terra, para cultivar, obtendo todas as classes, otimos resultados. Em prosseguimento a Snha. Wanda Jaconi, citou Minas e S. Paulo como Estados que mais vêm trabalhando para desenvolver o ensino agrícola nas escolas, porque desde os 1º anos as crianças precisam de orientação tecnica para evitar esses erros futuros. A seguir forneceu, ás professoras, esquemas sobre organização e funcionamento do Clube Agrícola. Estabeleceu-se a seguir, cerrado debate sobre a função da superintendente e da cooperação da profª da classe. Com a palavra a Snha. Orientadora Nadir S. da Rocha, dissertou sobre o tema Circulo de Estudos, sendo objetivos visados o seguinte: Melhorar o aperfeiçoamento tecnico do professor e resolver problemas que se apresentem. A professora será escolhida pela Diretora para dissertar sobre um tema, devendo os demais colegas apresentarem sugestões. A Diretora deverá zelar pelo bom funcionamento do circulo de estudos. Ao finalizarem o trabalho, deverão lavrar uma ata com um resumo do assunto discutido. Sobre a C. Escolar, falou o snr. Orientador Prof. Julio Feijó, fazendo lembrar o balancete nos

talões de recibos e a nomeação de um aluno para fazer parte da Diretoria da caixa [...]. (LIVRO DE ATAS, 1945)

Os inspetores e orientadores escolares acompanhavam e controlavam a conduta e comportamento dos professores, assim como o andamento da instituição como um todo. Nessa ata é possível perceber que, no primeiro dia, os professores eram orientados a aplicarem o teste ABC, que como relatado anteriormente, tinha como uma de suas funções avaliar o nível de maturidade dos alunos.

As recomendações referentes ao aprendizado da leitura vinham acompanhadas de exemplos de materiais que poderiam ser utilizados para o desenvolvimento da leitura. Conforme Peres (2000), a leitura ganhou novas formas sob os princípios da Escola Renovada, sendo ela trabalhada de diferentes maneiras como a leitura dramatizada, silenciosa, dialogada, em coro, dentre outras.

No segundo dia de orientação, juntaram-se ao grupo mais professores vindos de outros grupos escolares, sendo eles do 8º distrito e de Vila Korff. Deram seguimento aos estudos sobre a escrita e caligrafia, sendo enfatizado que o professor, como um exemplo a ser seguido, deveria escrever legivelmente para que os alunos assim também o fizessem. Peres (2000) descreve que o ensino da escrita e da caligrafia “demonstram explicitamente a centralidade que a questão corporal-motora tinha nesse ensino” (PERES, 2000, p. 330), sendo necessário domínio corporal e de seus movimentos para o bom desenvolvimento da escrita.

A autora ainda menciona que, conforme o Programa de Ensino de 1939, dependendo do ano em que o aluno estava eram feitas diferentes recomendações quanto à escrita e à caligrafia, como o aperfeiçoar da escrita em relação ao tamanho, forma, velocidade, legibilidade, dentre outras.

Outro assunto tratado neste mesmo dia foi a composição, a qual deveria ser desenvolvida por meio do diálogo e também se deveria incitar a criança a pensar sobre o que estava falando. Peres (2000) descreve que a composição tinha como um de seus objetivos a correção e a clareza de expressão, o desenvolvimento do vocabulário, a expressão, assim as crianças passariam a falar com mais clareza, facilidade e elegância.

O ensino de matemática deveria levar em consideração as situações reais para o aprendizado. Peres (2000), ao se referir ao Programa de Ensino de Matemática de 1939, diz que os conhecimentos matemáticos estavam associados à utilização prática

na vida dos alunos, desenvolvendo atitudes de solidariedade, economia e melhoria do raciocínio.

Outro aspecto tratado nesse dia foi o plano de lições, o qual possivelmente se dirigia à forma de organizar o planejamento, sendo que, para a sua melhor compreensão, foi entregue um “modelo” a ser seguido para as professoras.

No último dia de estudo, juntaram-se ao demais as professoras de Muitos Capões, 7º distrito de Vacaria, sendo nesse dia abordados diversos comportamentos que os professores deveriam ter na instituição, como o controle da voz, a correta linguagem a ser utilizada, nunca a infantilizando, assiduidade e também sobre dar bons exemplos aos alunos, que conseqüentemente os repetiriam. Os professores também foram orientados a manter os alunos sempre ocupados, assim conservariam a ordem e a disciplina.

O clube agrícola foi um dos temas debatidos nesse dia, sendo possível perceber que ele não estava funcionando adequadamente, uma vez que havia somente uma professora encarregada de todas as instituições. De acordo com Bastos (2005) e em consonância com as publicações da Revista de Ensino do Rio Grande do Sul (1939-1942), os clubes agrícolas tinham como finalidade despertar, aprimorar e cultivar, no espírito da criança, o amor à terra, fonte perene de toda a riqueza, origem de todos os bens (BASTOS, 2005, p. 221).

Os professores também foram orientados sobre o círculo de estudos, os quais eram dedicados à formação dos professores, momento dedicado a discussões de novas ideias com base nos princípios, finalidades, práticas e métodos fundamentados pelas concepções da Escola Nova, que orientaram a reforma educacional no Rio Grande do Sul e o trabalho desenvolvido pelo CPOE/RS (FERNANDES, 2005).

Importante lembrar que Julio Feijó, de acordo com Fernandes (2015), em sua pesquisa *Uma história do Grupo Escolar Farroupilha: sujeitos e práticas escolares (1927-1949)*, revela que Wanda Jaconi, antes mesmo de ser orientadora de ensino, foi diretora do referido grupo escolar juntamente com sua irmã e que, de acordo com os vestígios encontrados, em 1942, Wanda Jaconi desliga-se do grupo escolar para trabalhar como orientadora de educação elementar na 4ª Região Escolar, com sede no município de Caxias/RS. Coincidentemente, Julio Feijó assume a direção desse mesmo grupo escolar em abril de 1947, ficando no cargo de diretor da instituição até maio de 1948. Pode-se assim dizer que, antes de assumir a direção do referido Grupo Escolar, Julio Feijó foi orientador de ensino. Sobre a orientadora Nadir Saldanha da

Rocha, não foram encontrados, até o momento, vestígios de sua trajetória nesse mesmo grupo escolar.

Ainda em conformidade com o Regimento Interno de 1939, foi determinado, no Art. 74 do Capítulo XII – Das Instituições Escolares, que as escolas deveriam:

Art.º 74 - Oferecer aos alunos oportunidades de exercitar atitudes de sociabilidade, responsabilidade e cooperação pela organização de associações escolares, estudos em comum, campanhas em prol de aspirações sociais e outras formas de atividade social próprias da infância. (não paginado)

Criaram-se, dessa forma, as instituições auxiliares ou complementares, que obtinham a colaboração da comunidade escolar, desenvolvendo um trabalho social e educativo que aproximava a escola da comunidade. Segundo Lourenço Filho (1969), as instituições escolares são como “grupos sociais da própria escola” (p. 135). O Regimento ainda traz recomendações quanto à criação de instituições. Conforme o Art. 77, recomendava-se a criação de: a) Círculo de Pais e Mestres, b) Auditório, c) Clubes Escolares, d) Liga dos Amigos da Natureza, e) Cooperativa Escolar, f) Merenda, g) Pelotão de Saúde, h) Museu, i) Clubes de Ex-alunos. A única instituição obrigatória em todas as escolas isoladas e grupos escolares foi o Caixa Escolar.

No Grupo Escolar pesquisado, foi possível elencar, diante da documentação encontrada, as seguintes instituições:

Quadro 7 – Relação das Instituições auxiliares dentro do Grupo Escolar Padre Efrem

<b>Instituição</b>	<b>Ano de criação</b>
Caixa escolar	1923
Clube de pais e mestres	1940
Clube agrícola	1944
Biblioteca	1939
Clube da leitura	1942

Fonte: Elaborado pela autora conforme documentação encontrada.

Pelos vestígios encontrados nos documentos encontrados na E.E.M. Padre Efrem, a Caixa Escolar era composta por professoras e alunos por meio de uma eleição que ocorria no início do ano letivo e compreendia os seguintes cargos: presidente, vice-presidente, tesoureiro, secretário e auxiliares. As contribuições

ocorriam mensalmente, assim com as reuniões, as quais eram regidas conforme o estatuto fornecido pela Diretoria Geral da Instrução Pública, o que estava de acordo com o Regimento Interno de 1939.

Essa instituição tinha caráter assistencial, pois obtinha recursos financeiros para auxiliar alunos mais necessitados e também para a manutenção da escola. Conforme Peres (2000, p. 376), também era vista como uma prática educativa, “já que exercitava a filantropia, a doação, a caridade”.

É possível perceber que um dos destinos mais frequentes desses recursos arrecadados por meio da Caixa Escolar era a aquisição de uniformes escolares para as crianças mais pobres.

Desse modo, pode-se dizer que o uniforme é um elemento da cultura escolar que carrega sentidos e valores que foram historicamente instituídos pelos grupos sociais e serviram também para reproduzir padrões de determinados grupos.

Além disso, apesar da individualidade de cada criança, suas capacidades e condições sociais, o uso do uniforme torna todos iguais e pertencentes a uma mesma cultura, podendo dizer que ele representa e sinaliza o lugar que ocupam no espaço social. Ainda conforme Almeida (2017), o uso do uniforme, assim como outros objetos escolares como o caderno, os livros, as carteiras, o quadro-negro, é dado conforme as proposições morais, pedagógicas, disciplinares e higiênicas de cada época. Portanto, no interior da instituição de ensino, o uniforme funciona como um mecanismo condicionador do aluno no tempo e espaço escolares.

O Círculo de Pais e Mestres tinha como objetivo aproximar os pais da escola, dessa forma, passariam a conhecer as professoras de seus filhos, sendo também uma alternativa para auxiliar na obra de renovação educacional e na campanha de nacionalização do ensino (BASTOS, 2005), pois

As novas tendências pedagógicas tinham a família como uma importante contribuição ao processo educativo. A aproximação da família com a escola, como coadjuvantes do processo educativo, possibilitaria um melhor conhecimento do aluno, de seus interesses, aspirações, particularidades individuais, permitindo um melhor aproveitamento escolar. A escola, aliada à família e à comunidade, teria condições mais favoráveis para a formação do novo homem. (BASTOS, 2005, p. 224)

O Regimento Interno de 1939, em seu Capítulo X, também descreve que todas as escolas do estado deveriam ter bibliotecas constituídas de obras didáticas e recreativas na seção infantil e de obras de cultura geral e especializada para os

professores. Além disso, o Regimento regulamenta a forma de organização e funcionamento da Biblioteca Escolar. Nesse ano, o Grupo Escolar Padre Efrem institui, no dia 18 de junho, a Biblioteca Pedagógica e Infantil, “onde foi escolhido da obra ‘Escola Nova’, de Maria dos Reis Campos o trecho: ‘Principaes Caracteristicas da Escola Moderna - O Método, para ser lido naquela ocasião” (LIVRO DE ATAS DE 1939). Conforme explica Peres (2000, p. 376),

O crescimento das *Bibliotecas* e dos *Clubes de Leitura* aponta para um movimento de (re)ordenação da leitura na escola primária. Ler melhor, ler mais, ler de forma mais rápida, ler para adquirir um volume maior de conhecimentos, ler de uma forma prazerosa, ler para acompanhar as mudanças do *mundo moderno*, foram algumas das preocupações em relação à leitura escolar que se refletiram no aumento das *Bibliotecas* e dos *Clubes de Leituras*. (PERES, 2000, p. 376, grifos da autora)

O Grupo Escolar Padre Efrem, teve inaugurada sua primeira sessão do Círculo de Estudos no ano de 1942. Nessa reunião, eram discutidos assuntos referentes aos regimentos, realizados estudos dos planos de ensino, enfatizando sempre o cuidado que os professores deveriam ter quando à pontualidade, ao zelo e à vigilância na escola, como se pode observar na seguinte ata:

Aos sete dias do mês de março de mil novecentos e quarenta e dois, às nove horas e quarenta e cinco minutos no Grupo Escolar, presentes o diretor e professoras dos dois turnos, abaixo assinados, a primeira sessão inicial do “Circulo de Estudos” que se realiza nos sábados, salientando a importância do mesmo para o desenvolvimento progressivo do programa escolar. A seguir, foi lembrado às professoras os seus deveres referentes à pontualidade, ao zelo e à vigilancia. Determina que no fim do mês corrente cada professora apresente à Direção os dados estatísticos da classe, isto é, matrícula discriminada por idade, que a 1º de maio deverá realizar-se a 1ª exposição de trabalhos manuais e que no próximo sábado a ‘Hora de Estudos’ ficará a cargo da professora Bellony Dourado de Oliveira [...]. (LIVRO DE ATAS DE 1942)

Nessas reuniões, eram realizados estudos com diferentes temáticas, como “A Liga da Boa Vontade”, a “Utilidade dos Jogos nos primeiros anos”, “Utilidade do desenho na escola primária”, “Utilidade da leitura”, dentre outros assuntos.

Quanto ao Clube de Leitura, Peres (2000) relata que, assim com as Bibliotecas, representam um movimento de (re)ordenação da leitura na escola,

Ler melhor, ler mais, ler de forma mais rápida, ler para adquirir um volume maior de conhecimentos, ler de uma forma prazerosa, ler para acompanhar as mudanças do mundo moderno, foram algumas das preocupações em

relação à leitura escolar que se refletiram no aumento das Bibliotecas e dos Clubes de Leituras. (PERES, 2000, p. 376)

As instituições auxiliares foram “propagandeadas pela Revista do Ensino, que estimulava seus leitores a colaborarem com as autoridades educacionais, criando-as nas suas escolas, com seus alunos e familiares” (BASTOS, 2005, p. 216).

A partir das investigações e análises realizadas por meio das fontes documentais, iconográficas e alicerçadas nos documentos e regimentos legais reguladores da educação primária, é possível dizer que o grupo escolar presenciou importantes mudanças ao longo dos tempos e transformou-se em uma instituição sólida e ética, fazendo parte da vida educacional de muitos sujeitos.

Pode-se dizer que há, na fabricação das práticas escolares aqui evidenciadas, o estabelecimento de espaços e tempos escolares que tinham como objetivo a formação do cidadão republicano.

No intuito de fortalecer e evidenciar ainda mais a consolidação dos espaços e tempos escolares, os próximos subcapítulos ocupam-se dos vestígios encontrados sobre o novo prédio escolar e também sobre o civismo, os quais fizeram parte dos processos de escolarização do Grupo Escolar Padre Efrem.

## 5.2 A NOVA CASA DO GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM

A arquitetura escolar pode ser vista como um programa educador, ou seja, como um elemento do currículo invisível ou silencioso, ainda que ela seja, por si mesma, bem explícita ou manifesta. A localização da escola e suas relações com a ordem urbana das populações, o traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior respondem a padrões culturais e pedagógicos que a criança internaliza e aprende. (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 45)

Viñao Frago e Escolano (2001) destacam que o espaço escolar edificado vai além de sua função apenas estética, sendo ele dotado de significados e com uma linguagem que transcende as paredes concretas. Nesse sentido, a arquitetura escolar também desempenha um papel educador, sendo considerada um currículo oculto, pois a sua materialidade institui um sistema de valores como o da disciplina, vigilância e ordenamento dos corpos. Para além do mais, os autores acrescentam que “não se deve esquecer que a escola, como qualquer outro tipo de habitação, incluída a própria casa, é uma criação cultural sujeita a mudanças históricas” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 45). Sendo assim, a escola é também abrigo, onde os indivíduos

que ali se encontram estabelecem suas relações e adquirem experiências importantes para sua formação.

Desde o início da República, a instituição escolar passou a ser referência na comunidade, sendo ela vista como “templos de civilização” (Souza, 1998). Dessa forma, “a escola primária tornou-se uma das principais divulgadoras dos valores republicanos; por isso, os grupos escolares tornaram-se um símbolo. Era preciso torná-los evidentes, exhibi-los, solenizá-los” (SOUZA, 1998, p. 15-16).

Cabe ressaltar que as discussões referentes à necessidade de construções das escolas iniciaram antes mesmo da instauração da República, mas é somente no final do século XIX e início do século XX que começa a se tornar realidade a edificação desses espaços que, aos poucos, foram sendo difundidos em outras cidades. Segundo Faria Filho e Vidal (2000, p. 24),

Apesar de posto desde a segunda metade do século XVIII, o debate em torno da constituição de espaços dedicados ao ensino e da fixação de tempos de permanência na escola teria que esperar até meados da última década do século XIX, primeiro em São Paulo e, depois, em vários estados brasileiros, para assumir a forma mais acabada da proposta dos grupos escolares. Neles, e por meio deles, os republicanos buscaram dar a ver a própria República e seu projeto educativo exemplar e, por vezes, espetacular.

O modelo de escola primária projetada pelo governo republicano não ia ao encontro do sistema educacional adotado pelo Império, onde não existia um local específico e planejado para o ensino, sendo as aulas desenvolvidas em casas alugadas ou até mesmo na própria casa dos professores. Com o surgimento da República, a construção de novos prédios para a educação primária foi utilizada como discurso em oposição ao governo imperial. A escola tradicional de apenas uma sala de aula e com alunos de idades e graus de conhecimento distintos e com um único professor deveria ser abolida do sistema educacional republicano. Para isso, deveria ser implantado um novo modelo de escola primária, com uma nova organização didática e espacial, sendo a construção de novos prédios sinônimo de bom funcionamento das escolas.

De acordo com Buffa e Pinto (2002), os políticos republicanos e os educadores, no final do século XIX, passaram a defender a necessidade de espaços especialmente construídos para serem escolas. Prédios grandes, arejados, bonitos, que testemunhassem a valorização que o estado passou a dar ao ensino.

Para isso, os republicanos buscavam criar no imaginário da sociedade a ideia de modernidade e progresso a partir do “embelezamento” da cidade. Os prédios escolares “[...] deveriam funcionar como ponto de destaque na cena urbana, de modo que se tornasse visível, enquanto signo de um ideal republicano, uma gramática discursiva arquitetônica que enaltecia o novo regime” (BENCOSTTA, 2005, p. 97).

Com a criação dos grupos escolares, era construída uma nova ideia de escola que instituíria um sistema de disciplina, vigilância, organização, valores e uma nova metodologia de ensino por meio de uma pedagogia moderna que foi estruturada como um “[...] constructo cultural que expressa e reflete, para além de sua materialidade, determinados discursos” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 26).

A implantação dos grupos escolares esteve diretamente ligada às construções dos prédios escolares, visto que seria uma das principais soluções para a melhoria da educação primária no governo republicano. No geral, os grupos escolares se caracterizaram pela reunião de três ou mais escolas isoladas em um único prédio, geralmente constituído de uma escola mista, uma de meninos e uma de meninas. O governo viu como um benefício financeiro o fato de não ter mais que arcar com aluguéis das casas que abrigavam as escolas isoladas.

Com as casas alugadas, o governo despendia de gastos, o que comprometia parte da verba destinada à educação. Essas casas, frequentemente, possuíam péssimas condições de higiene, eram carentes de espaços, muitas vezes insuficientes para a quantidade de alunos, mal iluminadas e arejadas, o que se tornaria ideal para a propagação de doenças. Esses espaços não estavam de acordo com a nova pedagogia, nem com as exigências de saúde da época. A construção dos prédios escolares era vista como uma solução para esses problemas estruturais. De acordo com Benconstta (2005, p.100),

para a recém-instalada república brasileira, a experiência inovadora das escolas primárias graduadas – ou grupos escolares, como vieram a ser denominadas – foi entendida como um investimento que contribuía para a consolidação de uma intencionalidade que procurava, por sua vez, esquecer a experiência do Império e apresentar um novo tipo de educação que pretendia ser popular e universal.

No estado do Rio Grande do Sul, a expansão dos grupos escolares ocorreu, em sua maioria, em prédios alugados e adaptados para tal finalidade, o que muitas vezes acabava por comprometer grande parte dos recursos para a educação e também deixava a desejar nos preceitos quanto à saúde e à higiene.

Fazia-se necessária a projeção e construção de prédios escolares adequados às novas propostas políticas educacionais, representando o investimento financeiro e ideológico do estado, criando, assim, uma identidade para escola pública e com uma arquitetura imponente:

situados em regiões nobres, esses edifícios marcam, definitivamente, pela imponência e localização, seu significado no tecido urbano. Não se trata de mero acaso. Os terrenos foram estrategicamente escolhidos e os projetos judiciosamente desenvolvidos. A localização privilegiada, ao lado de importantes edifícios públicos, no centro da cidade, garantia sempre que os alunos percorressem e reconhecessem a cidade e suas instituições antes mesmo de chegarem à escola. Em bairros da capital e em cada cidade do interior do Estado onde foi implantado, o Grupo Escolar, símbolo de uma cultura leiga e popular, integrava o núcleo urbano composto pela Prefeitura, os correios, a casa bancária, Praça central e Igreja Matriz. Ao mesmo tempo, distinguia-se das residências, das casas comerciais e dos demais edifícios que constituem a cidade. (BUFFA; PINTO, 2002, p. 43)

A arquitetura também se apresenta como um dos elementos do espaço escolar, sendo ela a representatividade dos grupos escolares que mais se conserva com o passar dos anos. Escolano (2000) relata que a arquitetura, como um importante componente do espaço escolar, é por si mesma um programa, uma espécie de discurso que institui em sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e racionalidade, um dos marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda a semiologia que cobre diferentes símbolos estáticos, culturais e também ideológicos. Além do mais, a arquitetura escolar também está relacionada com a disciplina e ordenamento dos corpos com a divisão de salas, demarcação de espaços para cada indivíduo, disposição dos móveis sendo que,

se observa tanto na separação das salas de aula (graus, sexos, características dos alunos) como na disposição regular das carteiras (com corredores), coisas que facilitam além disso a rotina das tarefas e a economia do tempo. Essa “especialização” organiza minuciosamente os movimentos e os gestos e faz com que a escola seja um “continente de poder”. (VIÑAO; ESCOLANO, 2001, p. 27-28)

Nessa premissa, “o espaço escolar seria um lugar que deveria ser demarcado como tal e fragmentar-se internamente em uma variedade de usos e funções de natureza produtiva, simbólica e disciplinadora” (VIÑAO; ESCOLANO, 2001, p. 97). A arquitetura e o espaço escolar são componentes que fazem parte da história de uma instituição. Cada espaço e objetos trazem consigo um conjunto de poder e relações.

Além de a arquitetura ser algo visível, constitui-se também numa forma invisível e silenciosa de inspirar, transmitir e reproduzir valores, maneiras de como ser aluno e futuro cidadão. “O traçado arquitetônico do edifício, seus elementos simbólicos próprios ou incorporados e a decoração exterior e interior, respondem aos padrões culturais e pedagógicos que seus usuários internalizam e aprendem” (VIÑAO; ESCOLANO, 2001, p.45).

De acordo com Faria Filho (2000), os grupos escolares eram construções suntuosas, localizadas na parte mais nobre da cidade, deveriam ser edificadas nas regiões centrais, de fácil acesso, cumprindo os preceitos higienistas, ventilados e de boa visibilidade, onde nenhuma ameaça pudesse atingir a ordem no espaço urbano.

As novas construções escolares deveriam estar de acordo com as novas propostas da pedagogia moderna para a educação primária, com salas divididas, sanitários, laboratórios, bibliotecas, sala do diretor, espaço para as atividades físicas. Segundo a Diretoria de Instrução Pública,

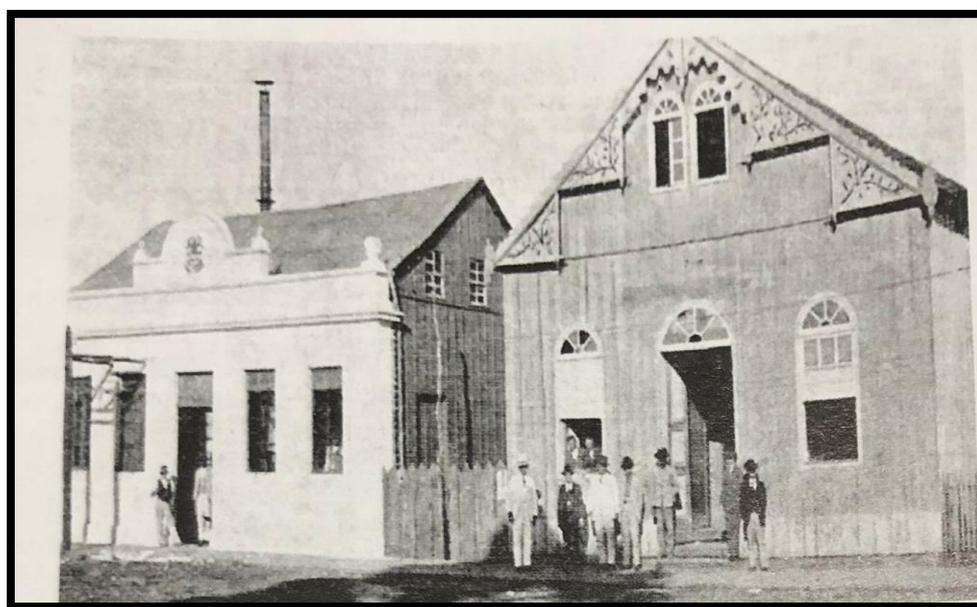
Com a construção de prédios, que mandastes fazer para as escolas, vejo com satisfação que o mal tende a desaparecer. Em casas apropriadas, bem localizadas, dotadas de bom material, muito aproveitarão a saúde das crianças e a sociedade em geral, porque fácil será ao professor ministrar as noções práticas de higiene, que irão repercutir no meio externo. (RELATÓRIO DE INSTRUÇÃO PÚBLICA DO GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL, 1906/1907, p. 12)

Faz-se importante salientar que o discurso referente ao investimento por parte do estado para a construção das instituições de ensino não correspondeu de imediato às expectativas por não se efetivar na prática, sendo um dos problemas enfrentados pelos diretores e professores das escolas públicas. Segundo menciona a diretora no relatório do primeiro ano de funcionamento do Grupo Escolar Padre Efrem, enviado ao Secretário do Estado dos Negócios do Interior e Exterior:

Sabido é que um edificio construido a proposito, dentro dos moldes pedagogicos, ofereça tal conforto que só por si resolve uma serie de obstaculos. O nosso que é uma adaptação, mas que se fez com muito boa vontade pela administração municipal, tornou-se acanhado ante o crescido numero de alumnos que o frequentaram. Fui obrigada a dar duas sessões escolares, funcionando uma pela manhã e outra a tarde. Confio em que, as finanças estadaes ou municipaes permittam resolver esse problema. (RELATÓRIO DO PRIMEIRO ANO DE FUNCIONAMENTO DO GRUPO ESCOLAR DE VACARIA, 1923, não paginado)

Quanto à infraestrutura, a diretora narra que, se tivesse um edifício construído para o grupo escolar, seriam resolvidos muitos dos obstáculos, e isso traria mais conforto para a comunidade escolar, pois onde estavam inseridos era um local adaptado, como se pode observar na Figura 15.

Figura 15 – À direita, o Grupo Escolar Vacaria em 1922



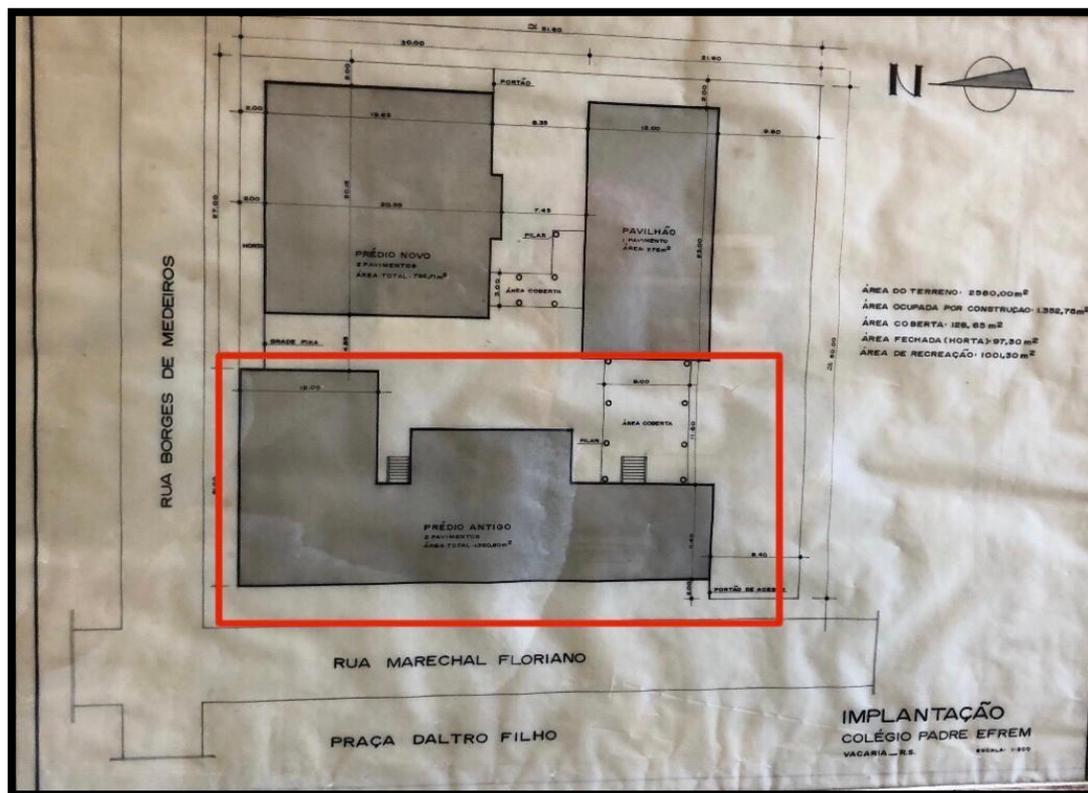
Fonte: Pinotti (2011, p. 68).

Observa-se com esse relatório que o Grupo Escolar Padre Efrem, no início de suas atividades, teve muita dificuldade, principalmente no que tange à esfera financeira, e que os professores e diretores que ali estavam muito fizeram para proporcionar um bom andamento das aulas e o cumprimento dos regimes e circulares demandadas pelo governo.

Segundo Oliveira (1996), com o crescimento do número de alunos, o Grupo Escolar Padre Efrem passou a ocupar também a casa ao lado (casa à direita na Figura 15), onde funcionava uma Usina. Ainda segundo o autor, no ano de 1932, um incêndio destruiu as duas casas ocupadas pela instituição e as demais casas próximas, devido ao fato de todas serem de madeira.

Sendo assim, nos anos de 1932 até 1935, o Grupo Escolar funcionou no prédio da prefeitura. Conforme Oliveira (1996), no térreo havia duas grandes celas de cadeia e, no andar superior, mais duas que foram ocupadas para as aulas. Somente no ano de 1936 a construção do novo prédio para abrigar o Grupo Escolar foi concluída.

Figura 16 – Planta da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem



Fonte: Arquivo da E.E.E.M. Padre Efrem.

Na demarcação em vermelho está indicado o espaço ocupado pelo primeiro prédio construído para abrigar o Grupo Escolar em 1936. Conforme texto escrito pelos docentes da E.E.E.M. Padre Efrem em 1996, o prédio construído em 1936 contava com dois pisos, ocupando uma área de 524m<sup>2</sup> (DOCENTES DA E.E.E.M. PADRE EFREM, 1996).

Figura 17 – Construção do prédio do Grupo Escolar Padre Efrem (1935)



Fonte: Acervo da E.E.E.M. Padre Efrem.

O verso da fotografia (Figura 17) traz a informação de que a foto foi doada por Juvenil Santos em 1973, e que um dos construtores deste imponente prédio foi Leandro Antônio dos Santos.

As salas foram projetadas especificamente para o ensino. O prédio construído de alvenaria possui amplas janelas, deixando-o bem iluminado e arejado. Sua localização é na rua Borges de Medeiros, na área central de Vacaria, e bem próximo à Catedral Nossa Senhora da Oliveira, outra construção imponente projetada pelo Padre Efrem de Bellavaux, patrono do Grupo Escolar. De acordo com Giraldes (2018), no início do século XX, era um fato reconhecido a construção de instituições educativas na altura de praças e espaços de convivências da sociedade. As instituições educativas eram mais um espaço republicano a ser admirado e a transmitir seus valores.

Figura 18 – Prédio atual da E.E.E.M. Padre Efrem (2022)



Fonte: Acervo fotográfico da autora.

Analisando a fotografia, é interessante observar o tamanho das janelas, as quais possivelmente ofereciam um local mais iluminado e com bastante ventilação, o que leva a pensar também que o prédio foi construído com a preocupação da higiene escolar, sendo essa uma das preocupações com a educação primária no regime republicano, pois segundo Ermel (2011):

O novo espaço escolar, idealizado nos discursos dominantes, deveria ser um ambiente limpo, arejado, iluminado, organizado, que inculcasse valores de cuidado com o corpo, com a saúde, para que os novos cidadãos primassem por uma vida mais saudável, longe dos vícios e doenças que se propagavam pelas cidades. Portanto, projetar e construir edifícios escolares se tornou uma das principais discussões dos governos dos Estados. (ERMEL, 2011, p. 38)

Outro aspecto a ser observado é de que o prédio da escola sugere uma arquitetura em U, conforme Viñao Frago e Escolano (2001):

Nesse jogo de relações entre o interno e o externo, o fechado e o aberto, dois seriam em síntese, os modelos simplificados: um, em forma de U, no qual predomina a fachada, o sentido do espetáculo e a ostentação. Busca impressionar aquele que o contempla e oculta o seu interior. Um interior no qual se penetra sem transição, diretamente a partir do exterior. Outro em

forma de U invertido, antítese do anterior, ao qual se chega através de um pátio ou jardim e que ao mesmo tempo acolhe e protege o visitante, recebendo-o entre suas duas asas como se fossem braços. (2001, p. 97)

O prédio que abriga o Grupo Escolar não possui pátio ou jardim em sua parte frontal, mas possui uma fachada para a rua e seu pátio fica no interior, podendo ser acessado somente após adentrar na instituição.

Conforme Poletto (2014, p. 180), “a presença de um prédio com esta fachada, em um espaço urbano, reforça as representações acerca da ‘imponência’ e da ‘referência’ que essa escola teria para a comunidade”. A grandiosidade e a beleza dessas edificações eram bem-vistas na sociedade, sendo consideradas “templos de saber”, contribuindo para as representações acerca da cultura urbana.

A construção denota que o espaço pensado para a elevação do prédio ocupado pelo Grupo Escolar Padre Efrem estava dentro das propostas do regime republicano, sendo ele um local projetado especificamente para a prática do ensino e com uma arquitetura diferenciada.

Além de ser um prédio que não passa despercebido, sua fachada traz a frase em Latim *Labor Omnia Vincit*, que significa “O Trabalho tudo Vence”, como pode ser observado na Figura 19.

Figura 19 – Fachada do Grupo Escolar



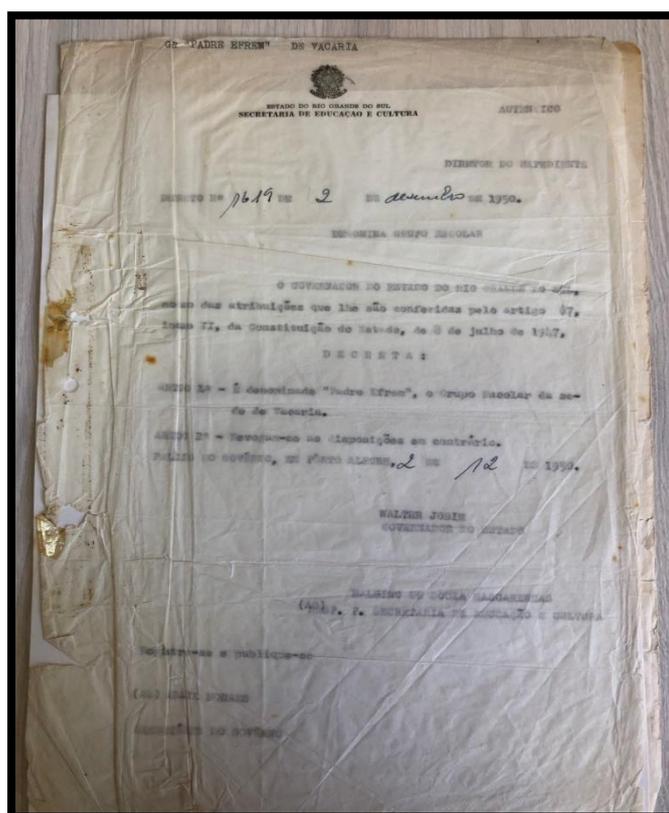
Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

A expressão possivelmente refere-se à missão da escola, trazendo a ideia de que por meio do trabalho todos os obstáculos são superados, ideal difundido pelos republicanos que acreditavam que a escola moldaria o cidadão para conviver em sociedade, conseqüentemente, trabalhando para o progresso da nação.

A partir de Souza (1998, p. 92), penso que o grupo escolar pesquisado representou um “sinal de prestígio para a cidade, nesse momento em que poucas localidades o possuíam”. Em de 1950, pelo Decreto nº 1.619, emitido pelo então governador do estado do Rio Grande do Sul, Walter Jobin, esse Grupo Escolar oficialmente passou a ser denominado Grupo Escola Padre Efrem em homenagem ao Reverendo Padre Capuchino Efrem de Bellevaux, pela grande obra deixada na cidade de Vacaria, a Catedral Nossa Senhora da Oliveira.

Nascido em 1883, na comuna de Bellavaux, em Alta Sabóia, na França, o Frei Efrem de Bellevaux chegou ao Rio Grande do Sul em 1903 durante uma missão capuchinha e faleceu em 10 de março de 1945, aos 62 anos, sendo sepultado na cidade de Porto Alegre/RS.

Figura 20 – Decreto nº 1.619 de 1950 que denomina o Grupo Escolar de Padre Efrem



Fonte: Acervo da E.E.E.M. Padre Efrem.

Cabe ressaltar que, no ano de 1947, consta nas atas registradas, o nome do Grupo Escolar como “Padre Efrem”, mas o Decreto só foi oficializado em 1950. Como descrito no início da pesquisa, foi escolhido referenciar-se desta maneira ao Grupo Escolar durante o percurso da pesquisa, por ser assim que todos da comunidade o conhecem.

Cabe lembrar alguns fatos históricos que marcaram a trajetória deste Grupo Escolar, sendo que no início de seu funcionamento, em maio de 1922, foi denominado Grupo Escolar de Vacaria, após dois meses da abertura das aulas foi elevado a Colégio Elementar e, em 2 de dezembro de 1950, passou a chamar-se oficialmente Grupo Escolar Padre Efrem. Em 1948, segundo ata da instituição, foi inaugurada uma placa em homenagem ao seu patrono:

Aos dose dias do mês de agosto de mil novecentos e quarenta e oito foi inaugurada nêste G.E. a placa com o nome do seu patrôno, o saudoso padre Efrem.

Presentes as autoridades especialmente convidadas, os corpos docente e discente dêste estabelecimento deu-se início à festividade.

Às 9 horas foi realizada uma missa na catedral e, a seguir, teve lugar a inauguração na frente do edifício.

Enquanto os presentes entoavam Hino Nacional, o Revmo. Padre Mateus, vigário da paróquia descobria a placa. Em seguida, a prof<sup>a</sup> Sara Ferreira Santos fez uma minuciosa palestra sôbre a vida do homenageado, finda a qual a Sra. Diretora deu por encerrada a reunião, muito agradecendo o comparecimento dos presentes [...]. (Ata nº 3 – LIVRO DE ATAS DO GRUPO ESCOLAR PADRE EFREM, 1948)

Observa-se que a data da referida ata é datada no ano de 1948, todavia, conforme mencionado anteriormente, desde 1947 consta nas documentações a nomenclatura “Padre Efrem” para o Grupo Escolar, sendo oficializado esse nome somente em 1950.

A placa em homenagem ao Padre Efrem não foi encontrada, mas no *hall* de entrada da instituição consta atualmente o quadro com a foto do patrono da escola.

Figura 21 – Quadro do Padre Efrem de Bellevaux



Fonte: Arquivo E.E.E.M. Padre Efrem.

Escrever uma história da educação primária em Vacaria importa considerar não apenas as relações entre os sujeitos, mas também o que significa a materialidade representada por meio do mobiliário, dos objetos escolares, a arquitetura, entre outros elementos. Segundo Burke (2008), é essa materialidade que permite considerar os objetos físicos como elementos importantes para compreender os processos históricos. Ao considerar a cultura material como um objeto de pesquisa, pode-se dizer que é possível entendê-la como uma representação das práticas vivenciadas na época, assim como ocorre com as relações sociais.

A criação deste modelo foi o símbolo do progresso e mudança, defendida não apenas para “organizar” o ensino, mas, principalmente, como forma de “reinventar” a escola, objetivando tornar mais efetiva a sua contribuição aos projetos de homogeneização cultural e política da sociedade e dos sujeitos sociais (FARIA FILHO, 2000, p. 29-31).

A partir da construção do prédio, pode-se dizer que o Grupo Escolar Padre Efrem passou a ser produtor de uma nova cultura com a instituição de novos espaços, contando com novos sujeitos e, a partir disso, construiu novas práticas escolares.

### 5.3 VESTÍGIOS DE UMA CULTURA ESCOLAR: O CIVISMO E AS FESTIVIDADES NO ESPAÇO ESCOLAR

O regime republicano buscou criar uma cultura escolar que passava não só pela forma de organização escolar, de seu tempo, como a instituição de um calendário escolar, horários de funcionamento e festividades escolares, mas também se preocupou com a disciplina que dali advinha. Para isso, foram fortemente transmitidos, por meio das lições escolares, os valores do novo regime, propagando elementos do civismo, de exaltação da pátria e o culto aos heróis nacionais, o que demonstra que o currículo escolar não foi pensado e construído de forma neutra. Como destacam Souza e Faria Filho (2006, p. 37),

Além do ensino de leitura, escrita e cálculo, registra-se, nas diversas regiões do país, uma enorme preocupação dos reformadores, políticos, intelectuais e educadores com a educação moral e cívica, a difusão dos valores cívico-patrióticos, a construção da nacionalidade e a preparação para o trabalho.

Ainda segundo os autores, a institucionalização da escola esteve diretamente relacionada com a formação do caráter e das virtudes morais e cívicas dos cidadãos republicanos, uma das razões para o investimento na ampliação da educação primária em todo o país.

Sendo assim, esses elementos evidenciam-se a partir das representações analisadas nos documentos escolares como os Livros Atas, as fotografias e regimentos da época. Como argumenta Chartier (2009), “as brechas existentes entre o passado e a sua representação, entre o que foi e o que não é mais e as construções narrativas que se propõem ocupar o lugar desse passado” (CHARTIER, 2009, p. 12) permitem evidenciar práticas relacionadas às festividades e ao civismo vivenciadas no Grupo Escolar Padre Efreem a partir da escrita desta seção.

O cotidiano da escola foi marcado por diversas práticas, como as festividades escolares que se constituíram como ritos da escola primária e mobilizaram sentimentos e experiências dos sujeitos que as vivenciaram. Essas festividades contavam com a participação da comunidade e de autoridades locais e foram inseridas no calendário escolar.

Nesse sentido ainda, Le Goff (2013) afirma que o calendário se apresenta como um organizador do quadro temporal na sociedade, sua existência dirige a vida pública

e o cotidiano das pessoas, tornando-se um objeto social. Diante disso, ele passa a exercer uma função social de memorização e propagação de eventos históricos e também uma prática que acaba por se tornar educativa. Ainda segundo o autor, as comemorações cívicas existentes nos calendários escolares podem ser interpretadas como “instrumentos de poder” e da “memória coletiva” (LE GOFF, 2013).

Os calendários exprimem e também direcionam o ritmo das práticas sociais, constituindo-se como signos temporais de determinada sociedade, criando, dessa forma, sentimentos e laços de pertencimento. Assim sendo, a escola contribuiu para a consolidação do sistema político vigente, projetando um modelo de cidadão que deveria ser formado nas instituições escolares de acordo com os novos ideais políticos, fazendo com que isso fosse parte da própria cultura da escola: “os grupos escolares traziam consigo a atualização do tempo escolar com outros símbolos, signos, portanto, valores, sensibilidades, enfim, outras culturas” (FARIA FILHO, 1998, não paginado), assim sendo, as comemorações e festividades escolares serviram como meio de propagar, divulgar e afirmar o novo regime instaurado para a sociedade, disseminando valores, normas e ideias.

O espaço escolar servia como um local privilegiado para a realização de festas cívicas, principalmente de datas que possuíam importante valor simbólico para os dirigentes republicanos, como a Independência do Brasil e a Proclamação da República (ERMEL, 2011).

Conforme Fernandes (2015), a ação de “comemorar” no cotidiano da escola primária assumiu a função de internalizar o patriotismo e evitar o esquecimento dos feitos da história nacional, bem como de seus símbolos e de seus “heróis”. Com a instituição do calendário escolar, além de serem eleitas datas a serem festejadas e personagens a serem considerados heróis, indicou-se o que deveria ser lembrado e também o que deveria ser esquecido, pois era preciso criar uma consciência de amor à pátria, aos seus heróis, culto e reverência aos símbolos, construindo assim uma memória coletiva oficial.

As festividades escolares foram importantes no estabelecimento das relações políticas, sociais e culturais, uma vez que essas foram utilizadas como meios para compartilhar tanto os eventos que aconteciam dentro das instituições como fora delas e que acabavam por envolver a sociedade nas celebrações cívicas.

Ao estudar as festas escolares, é possível adentrar em um espaço repleto de simbolismo que envolve a difusão de condutas, valores e o nacionalismo. O regime

político instaurado pelos republicanos soube aproveitar e promover-se através das festividades pelo uso de diferentes elementos como bandeiras, hinos, monumentos, regras, valores e também através dos espaços onde aconteciam as comemorações, como as praças e avenidas.

As festividades escolares contribuíram também para a formação de uma memória coletiva. Bencostta (2006), quando se refere ao Estado, relata que

[...] é ele que, ao selecionar fatos e eventos da história oficial para festejar, não só faz uma escolha do que deveria ser lembrado por meio das comemorações, mas também constrói certo arranjo que provoca reinterpretações desses eventos, concorrendo de modo decisivo na construção de um tipo de memória social. (BENCOSTTA, 2006, p. 309)

A partir dessa colocação do autor, é possível perceber que a memória coletiva vai sendo construída segundo os interesses políticos existentes na época. Silva (2011) ressalta que as comemorações se relacionam ao ato de rememorar, sendo que “o ato festivo surge então como uma forma de mantermos vivos, episódios que desejamos ‘arquivar’ em nossa memória” (SILVA, 2011, p. 17). Pode-se dizer que as festividades cívicas foram uma estratégia que o governo republicano utilizou para evidenciar e manter viva a identidade e a cultura nacional.

Dessa forma, aponto que o cotidiano do Grupo Escolar Padre Efrem foi marcado por diversas festividades que se constituíram como ritos da escola primária e que esses fizeram parte dos sujeitos que pertenciam a esse grupo, mobilizando experiências e sentimentos. O Livro de Atas e Reuniões de 1923-1945, encontrado no acervo da Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem (antigo Grupo Escolar) sugere essa realidade, sendo possível perceber que as festividades cívicas ocuparam um lugar central no currículo e no cotidiano deste Grupo Escolar, como pode ser visto no quadro a seguir, onde foram relacionadas as principais comemorações realizadas pela instituição.

Quadro 8 – Datas comemorativas do Grupo Escolar Padre Efrem (1922-1950)

<b>Data</b>	<b>Comemoração</b>
21 de abril	Tiradentes
01 de maio	Dia do trabalhador
25 de julho	Dia do agricultor
25 de agosto	Dia do soldado
07 de setembro	Independência do Brasil
21 de setembro	Dia da árvore
12 de outubro	Dia da criança

Fonte: Elaborado pela autora a partir dos documentos encontrados no acervo da E.E.E.M. Padre Efrem.

Percebe-se na análise dos documentos encontrados nos Livros de Atas de 1923 até 1949 que as atividades de cunho cívico tiveram forte ascendência após a década de 1930, início da Era Vargas, e que foram vivenciadas cotidianamente pelo Grupo Escolar, como se pode ver neste registro de ata da primeira “Hora do Brasil” do Grupo Escolar de Vacaria:

Aos dezanove dias do mês de maio de mil novecentos e quarenta e cinco, no Grupo Escolar de Vacaria, presentes a Exma Sra. Diretora, professoras e alunas deste Estabelecimento de Ensino, teve lugar a primeira “Hora do Brasil”. Com uma salva de palmas foi recebida a Bandeira Nacional, sendo após cantado o Hino Nacional. Ocupando o microfone, a aluna do 5º ano, Kícia de Lima Santos, iniciou a irradiação do programa, cujo fim foi homenagear o grande Franklin Delano Roosevelt. Com a palavra, a profª Luci do Amaral Santo discorreu sobre a personalidade de Roosevelt, tendo ao finalizar, recebido prolongada salva de palmas. O 5º ano apresentou seus trabalhos escritos e cantos sobre a América [...] O 4º ano A fez a leitura da biografia de Roosevelt. Os alunos do 4º ano B apresentaram suas redações e a poesia “Liberdade”. O 3º ano A fez uma leitura. O 2º ano A apresentou frases com opiniões de grandes vultos da América. O 1º ano declamou a poesia “Nosso Brasil”. Com o Hino da Bandeira, encerrou-se esta hora cívica [...]. (LIVRO DE ATAS E REUNIÕES, 1945).

A ata indica o princípio da primeira “Hora do Brasil”, iniciada em maio de 1945, e que ocorria semanalmente, nos dois turnos de aulas, e tem como primeiro homenageado Franklin Roosevelt, o qual foi presidente dos Estados Unidos de 1933 até 1945. Diante dessa passagem, surge o questionamento sobre essa homenagem, já que se trata de uma pessoa norte-americana. Para fins de esclarecimento, Cândido (2015) relata que a criação das tradições nacionais brasileiras foi influenciada pelos exemplos europeus e norte-americanos, o que justifica a homenagem.

É possível perceber, nestes registros, a influência do Estado Novo na educação primária, desenvolvendo em suas práticas cotidianas o patriotismo e o culto aos “heróis” da sociedade, como ocorre novamente na seguinte ata:

Aos vinte e cinco dias do mês de agosto de mil novecentos e quarenta e cinco, em uma das salas do Grupo Escolar de Vacaria, presentes as professoras deste educandário foi comemorado o dia do soldado, cujo fim foi homenagear o patrono de nosso exército, Duque de Caxias. Em primeiro lugar foram recebidas, com uma estrondosa salva de palmas, a nossa bandeira nacional e o retrato do grande herói Caxias. Após com muito entusiasmo, cantou-se o hino da nossa pátria. A aluna do 5º ano Maria Chedid, numa brilhante prelação, dissertou sobre Caxias. A seguir, Kicia Santos, aluna da mesma classe, leu uma redação de sua autoria. Declamaram poesias sobre Caxias [...]. (LIVRO DE ATAS E REUNIÕES, 1945)

O Dia do Soldado foi dedicado a Duque de Caxias, patrono do Exército Brasileiro, e apresentava as mesmas práticas cívicas das outras festas escolares, como o hasteamento da bandeira, hinos e preleções.

A comemoração ao Dia de Tiradentes também acontecia no Grupo Escolar, pois ele foi considerado Patrono da Nação, já que morreu em defesa da pátria.

Aos vinte e um dias do mês de abril de mil novecentos e quarenta e nove, as dez e meia horas, no pátio do Grupo Escolar Padre Efreim de Vacaria [...] comemorou-se o dia de Tiradentes. A Bandeira foi levada por três alunas [...] em seguida cantou-se o hino nacional. Fez uma palestra interessante alusiva a data [...] em seguida várias recitativas e encerrou-se com o Hino à Bandeira. (LIVRO DE ATAS E REUNIÕES, 1949)

As comemorações cívicas contavam com diferentes atividades, como o recitar de poesias, palestras, dramatizações, jogos, leituras, dentre outros. Os momentos cívicos foram estipulados na Revista de Ensino do Rio Grande do Sul, na seção do Regimento Interno das Escolas Primárias do Rio Grande do Sul, Decreto nº 7.929, de 30 de agosto de 1939, em seu cap. VII – Das Festas e Comemorações:

Art.º 44 – As datas nacionais serão comemoradas em todos os estabelecimentos de ensino primário com um programa especial, em que se procure formar a consciência cívica nos escolares.  
§ 1º - Em tôdas as comemorações cívicas, haverá hasteamento da Bandeira Nacional, ao som do Hino, com a assistência e participação dos corpos docente e discente do estabelecimento. (REVISTA DE ENSINO, 1939, p. 148)

O documento ainda prescreve que as comemorações nacionais deveriam ser festejadas nos dias em que coincidirem, mesmo ocorrendo nos domingos. Além do

mais, outros eventos seriam festejados como a abertura das aulas, o encerramento do ano letivo, a festa de Páscoa, da primavera, dos centenários ou aniversários dos grandes homens nas artes e nas ciências e a festa Pan-Americana (REVISTA DO ENSINO, 1939).

A criação e publicação da Revista do Ensino do Rio Grande do Sul em 1939 foi uma das medidas criadas como forma de modernização do ensino. De acordo com Bastos (2005), a imprensa pedagógica trazia representações da vida escolar, incluindo “determinadas práticas, veiculando valores e normas de conduta, construindo e elaborando representações do social” (BASTOS, 2005, p. 27). A Revista era composta por conteúdos e práticas consideradas essenciais no exercício da docência, sendo uma referência para conduzir os trabalhos nas instituições.

Para efetivar essas comemorações, diversas atividades deveriam ser desenvolvidas, sendo assim, a Revista de Ensino também regulamenta quais poderiam ser aplicadas e o que não seria permitido. Dentre as práticas permitidas estavam as dramatizações, audições musicais e literárias, bailados, exercícios de ginástica, jogos, cinema educativo, leituras, palestras e relatórios de trabalhos realizados em aula.

No que tange à valorização dos elementos nacionais, Silva (2011) menciona que, em 1942, foi promulgado o Decreto-Lei nº 4.545, de 31 de julho, que dispunha sobre a forma e a apresentação dos símbolos nacionais: a Bandeira, o Hino, as Armas e o Selo Nacional. De acordo com o decreto, o Hino Nacional é de composição musical de Francisco Manoel da Silva e poema de Joaquim Osório Duque Estrada, conforme o disposto nos Decretos nº 171, de 20 de janeiro de 1890, e nº 15.671. Outro aspecto importante que estava previsto no decreto é a execução do hino no ambiente escolar, além do ensino do desenho da bandeira: “obrigatório o ensino do desenho da Bandeira Nacional e do canto do Hino Nacional em todos os estabelecimentos, públicos ou particulares, de ensino primário, normal, secundário e profissional” (BRASIL, 1942, art. 34).

O hino e a bandeira são símbolos patrióticos que não poderiam faltar nas comemorações, sendo esses elementos cheios de simbologia de amor à pátria. De acordo com Cândido (2015), o civismo representado de forma mais acentuada pelo culto à bandeira, acompanhado do Hino Nacional, tornou-se parte integrante do conteúdo e da rotina das escolas, bem como o estudo das obras didáticas de Olavo Bilac, que foram adotadas, não poucas vezes, em caráter obrigatório nas escolas

primárias. Além disso, é possível perceber que as festividades não se restringiam apenas aos alunos, mas era direcionadas para a sociedade de forma geral. A respeito disso, Schueler e Magaldi (2009) lembram: “Esse viés civilizador se dirigia a um público interno à escola, constituído basicamente por alunos e famílias, estendendo-se ainda para fora dos muros escolares, de modo a atingir a sociedade como um todo”.

As comemorações cívicas, principalmente em alusão à Independência do Brasil, dividiam-se em dias de atividades que envolviam os professores, alunos e a sociedade em geral. O Grupo Escolar Padre Efrem, em convite enviado à redação do Jornal Pátria, no dia 05 de setembro de 1922, anunciou como seria a programação para comemorar o Centenário da Independência, que assim seguiu:

O corpo docente do C. Elemental tem a honra de convidar essa Redação para as festividades a realizar-se no dia 07 de setembro do corrente, em homenagem aos Centenario da Independencia do Brasil. Avisamos que as festividades iniciar-se-ão as 10h com inauguração de uma pequena exposição de trabalhos de flores de papel. Logo após haverá formatura dos alumnos. Será feita pela Directora uma prelação sobre os factos históricos da Independencia, finalizada a qual cantarão, os alumnos o Hino da Independencia acompanhado pela banda local. Ao meio-dia em ponto será hasteada a Bandeira no edifício do Collegio, cantando os alumno o Hino Nacional. Seguir-se-a o juramento à Bandeira prestado por todos os alumnos, e após cantarão o Hino à Bandeira, sendo nesta ocasião distribuida a Lembrança do Centenario, enviada aos alumnos pelo Governo Federal. Discursarão os alumnos sobre factos da Independencia de acordo com o programa do Governo Estadual. As 15h mais ou menos realizar-se-a a Passeata Civica, empunhando os alumnos Bandeiras Nacionaes, levando os mesmos fitas auri-verde e tiracol, e os meninos vestindo uniforme de soldados brasileiros e as meninas vestidas de branco. Na passeata tomará parte uma senhorinha-alunna representando a Liberdade, outras alunas representarão o Brasil antigo e actual. Em toda a festividade tomarão parte associações, imprensa, povo em geral. Esperando vosso comparecimento. Subscreevo-me. A.C de L.B. Directora.

Como visto, as atividades iniciaram de manhã e estenderam-se até a tarde, sendo elas conduzidas na instituição e provavelmente fora dela, quando realizada a passeata cívica. Bencostta (2006), ao discorrer sobre os desfiles cívicos, aponta que esses são construções sociais que manifestam “em seu espaço, significações e representações que favorecem a composição de uma certa cultura cívica inerente aos seus atores” (BENCOSTTA, 2006, p. 301). Sendo assim, o Grupo Escolar Padre Efrem exaltou, por meio dessas práticas, os sentimentos de amor à pátria, disseminando o patriotismo para além dos espaços internos da escola.

Oliveira (1959) retrata em seu livro o “brilhantismo” da festa do centenário, relatando maiores detalhes de como transcorreu essa comemoração. A festividade

iniciou com 106 alunas e um aluno com a exposição de flores e, às dez horas, a quantidade de alunos chegou a 315. Além da diretora, o instrutor do Tiro de Guerra 404 comandou e instruiu militarmente o evento. O juramento feito pelos alunos nesse dia constava das seguintes palavras: “Prometo por tôda a minha vida amar e honrar a minha querida Pátria e pugnar por seu engrandecimento em lealdade e perseverança” (OLIVEIRA, 1959, p. 218).

As festividades ao Centenário da Independência do Brasil estenderam-se também para uma comemoração no Cine Teatro Lira, onde autoridades como o chefe do governo municipal, juiz, promotor público, entidades religiosas fizeram suas falas sobre a passagem dessa data e também sobre a criação do Caixa Escolar, que seria promovido pela instituição de ensino.

Ainda segundo Oliveira (1959), não foi possível realizar a passeata cívica no dia 07 de setembro devido às más condições do tempo, sendo transferida para o dia 10 de setembro. O evento iniciou com uma missa na parte da manhã e, à tarde, ocorreu a passeata cívica que contou com os alunos do Grupo Escolar Padre Efrem, o Tiro de Guerra 404 e as sociedades esportivas locais. Essa comemoração foi, segundo Oliveira (1959), organizada da seguinte forma:

À frente das duas alas de alunos, seguia o vulto do Brasil antigo, representado por um índio [...], empunhando o letreiro “Independência ou Morte”. Mais ao centro, a figura da liberdade [...], levando o seguinte dizer: Salve 7 de setembro de 1922, seguia-se-lhe o Brasil atual, figura da República [...], levando o letreiro: Viva a Liberdade, 7 de setembro de 1922. Seguia-se o batalhão do Colégio, levando nossa Bandeira Nacional, depois o Tiro de Guerra 404, as sociedades e o povo. A passeata percorreu as principais ruas da vila debaixo do maior regozijo, marchando todos ao som ritmado da banda de música local, ao passo que o povo assistente, em entusiásticas aclamações ao pomposo cortejo, jogava confeti, flôres e serpentinas. Durante o trajeto, alunos e povo cantaram canções e hinos patrióticos [...]. (OLIVEIRA, 1959, p. 218)

Pode ser observado que a organização do evento queria contar a história do Brasil de forma linear até o dia de sua Independência, representando os primeiros habitantes, logo após a expressão “Independência ou Morte”, sendo a representação de que o Brasil estava separado de Portugal e encerrando com a placa indicando a liberdade. O intuito da organização da festividade foi mostrar o processo que conduziu a nação ao desenvolvimento e ao progresso, evidenciando a ruptura com os portugueses e a representação de um novo tempo, o nascimento da nação brasileira.

Figura 22 – Comemoração ao Centenário da Independência do Brasil - 1922



Fonte: Oliveira (1959, p. 215).

Na imagem (Figura 22), observamos os jovens que, em trajes padronizados e comportados, representavam provavelmente a banda de música local, mencionada por Oliveira (1959). Os alunos, pelo que se percebe, são meninos e grande maioria estão enfileirados e agachados, talvez por ser uma maneira pela qual o fotógrafo conseguiria registrar em sua foto a maioria dos presentes. Levando em consideração as construções presentes no registro, esta fotografia foi feita na praça central.

Como já mencionado anteriormente, as comemorações propunham diversificadas atividades, sendo que o Grupo Escolar Padre Efreim realizou muitas dessas em suas festividades e que ficaram “eternizadas” a partir de fotografias e dos registros escritos, uma vez que “confirmando, negando ou transfigurando o real, textos e imagens dizem ao historiador algo sobre a sua feitura ou leitura no tempo” (PESAVENTO, 2008, p. 111).

De acordo com Le Goff (2013), as festividades referentes ao Centenário foram instituídas pelos “senhores do tempo”, sendo aqui determinadas pelo governo republicano que detinha o poder político para decidir as comemorações que seriam importantes para seu objetivo principal, o de formar os cidadãos para o futuro fortalecendo o sentimento de amor à pátria.

As práticas de entoação dos hinos e a participação dos alunos uniformizados nos desfiles foram constantes na rotina escolar, tornando-se prescrições diárias ao trabalho docente e ao comportamento esperado dos alunos, incutindo os valores de patriotismo e civismo que estavam em consonância com o ideal de “cidadão republicano”.

Não somente os alunos, mas os professores também foram submetidos às exigências para a participação nas festividades cívicas, assumindo um importante papel no cumprimento das propostas estabelecidas pelo governo. As práticas eram organizadas e fiscalizadas pelas autoridades educacionais de acordo com os ideais políticos vigentes, sendo a escola um espaço fundamental para a formação do cidadão republicano e que detinha um potencial para demonstrar, por meio desses eventos, a disciplina e a excelência pedagógica da instituição escolar e da educação nela ministrada.

É possível dizer, a partir das fontes documentais pesquisadas, que as comemorações em torno do Dia da Árvore realizadas pelo Grupo Escolar Padre Efreim se constituíram em verdadeiros rituais de culto e respeito à natureza e estavam associadas aos sentimentos patrióticos. Em uma das comemorações feitas a esse dia, foram realizadas as seguintes atividades:

[...] recitaram poesias alusivas à árvore e a primavera e entoaram canções. Convidados então pela Snra Diretora Dona Adelia Paim Veppo, dirigiram-se os presentes para o pateo do estabelecimento onde foi plantada uma pereira. Em expressiva oração, a professora Sara Santos disse do significado da cerimônia e origem da comemoração demonstrando o valor da árvore e dos vegetais em geral, o papel importantíssimo que desempenham na vida do homem, amenizando os climas, purificando o ar e contribuindo também para a alimentação, medicina e indústria, motivo pelo qual concitava todos os alunos a amar e proteger a árvore, difundindo também o seu plantio. Foi encerrada a atividade com o Hino à Bandeira [...]. (LIVRO DE ATAS DE 1947)

Nesse dia, também se fez presente a Rainha da Primavera e suas aias, que depois de entoarem o Hino Nacional com os demais presentes, fizeram orações dedicadas ao Dia da Árvore. Um ponto a ser observado é a escolha da árvore a ser plantada, uma pereira. Qual seria o motivo da escolha ser uma pereira e não outra árvore? Talvez a escolha tenha sido pelo fato de a árvore suportar baixíssimas temperaturas, não impedindo o crescimento dos frutos, o que condizia com o clima da região. Além do mais, a árvore é carregada de simbologia que pode representar vida e transformação, segundo Rodrigues (2010, p. 99):

As árvores ultrapassando os homens em dimensão, em altura e em longevidade, adquirem uma dimensão transcendental e, por isso, foram consideradas, muitas vezes, sagradas e tidas como objecto de culto, estando associadas diferentes simbologias a diferentes espécies de árvores. No entanto, todas as árvores são símbolo da verticalidade ao estabelecerem a ligação entre o mundo subterrâneo (onde residem as raízes), a superfície da terra (através do tronco) e as alturas (onde se estendem os ramos e as

folhas); mas também são símbolo da vida, da transformação e da evolução (ciclos anuais, morte e regeneração), da fecundidade e fertilidade, da segurança (pela sua estabilidade) e de protecção (pela sombra que proporcionam). A árvore é também um local de refúgio sem grades, e isso agradava ao pensamento revolucionário, que tantas vezes estava mergulhado na sombra e na clandestinidade, que encontrava na ramagem da árvore abrigo sem prisão, num espaço aberto e luminoso que os olhos podiam percorrer sem obstáculos.

Na comemoração ao Dia da Árvore, percebe-se que a exaltação ao cuidado com a natureza estava presente e disseminava uma ideia de que esta deveria ser preservada diante da sua grande utilização em diversos setores, como a indústria e medicina, o que coaduna com as palavras de Cândido (2015) quando ressalta que a comemoração ao Dia da Árvore tinha também a ideia de exaltar a “importância da preservação da vegetação para o progresso ou para o empobrecimento do país” Cândido (2015, p. 131).

Santos (2018) aborda em seu trabalho *Memórias e práticas do ensino de música no grupo escolar Farroupilha/RS (1938-1945)* o dia da árvore, quando é interessante observar que canções eram compostas e cantadas, dentre elas “Meu Jardim, As Borboletas e o Bailado da Primavera” (SANTOS, 2018, p. 117).

Outra festividade feita no Grupo Escolar foi o Dia da Criança. Em um dos dias da comemoração, foi realizada uma exposição de artes, cantos, recital de poesias e bailados que eram apresentados aos pais dos alunos, sendo as crianças agraciadas com muitos doces (LIVRO DE ATAS, 1950). Embora apareça nos documentos essa festividade, percebe-se que ela foi realizada somente em 1950, o que pode dizer que alguns documentos com essa informação podem ter se perdido com o passar dos anos, ou de fato iniciou sua comemoração somente no ano citado.

Em todas essas comemorações, sempre estiveram presentes os símbolos patrióticos, bem como a entoação do Hino Nacional, o Hino à Bandeira, e eram muito bem planejadas, engajando alunos e professores no desenvolvimento de diversificadas atividades. Nota-se que a programação das comemorações estava em consonância com o Regimento Interno das Escolas Primárias do Estado e com os ideais da Escola Nova, já que “os hinos, as poesias, os textos, os discursos buscavam incitar o espírito, isto é, a intuição, o coração, a razão e a vontade na sua essência qualitativa” (CÂNDIDO, 2015, p. 139).

Pode-se assim dizer que as diversas e constantes comemorações escolares auxiliaram na construção de uma tradição escolar repleta de valores culturais

almeçados pelo governo republicano, sendo esses momentos de legitimação das escolas primárias diante da sociedade. Através das festividades, a população não só aprenderia conteúdos cívicos, mas também formas de se comportar e agir na sociedade. Essa representação pode ser observada na imagem a seguir:

Figura 23 – Grupo Escolar de Vacaria na década de 20



Fonte: Barbosa (1984, p. 92).

A imagem retrata alunas do Grupo Escolar, juntamente com a diretora Andrea Cecy de Sá Brito, posicionada à esquerda da Bandeira Nacional. As alunas e diretora estão com uniformes padronizados, a não ser pela coloração das meias e sapatos, e estão posicionadas de certo modo, seguindo um padrão conforme a altura. Na parte central, foram dispostas as alunas mais baixas; na parte lateral, os tamanhos estão organizados da mais alta para a mais baixa. No canto esquerdo da imagem, aparentemente há o registro de um homem, mas não há mais informações sobre ele.

Ainda em relação à Figura 23, cabe mencionar que não encontrei informações a respeito das alunas presentes no registro, não sendo possível identificar os nomes nem a classe ou ano escolar a que pertenciam, podendo ser alunas de várias turmas em virtude da altura delas.

Cabe mencionar que, mesmo não me deparando com documentos escritos sobre a comemoração do centenário da Revolução Farroupilha, encontra-se no *hall* de entrada da E.E.E.M. Padre Efrem a seguinte placa:

Figura 24 – Placa alusiva ao Centenário da Revolução Farroupilha



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

A Revolução Farroupilha, ocorrida entre os anos de 1835 a 1845 no Rio Grande do Sul, também foi um destaque das forças nacionalistas existentes no estado. Possivelmente essa data era comemorada pelo Grupo Escolar devido à sua importância. De acordo com Peres (2000), o dia da Revolução Farroupilha,

também conhecido como Dia do gaúcho - eram as celebrações mais comuns na escola. Educar pelo exemplo, pelo elogio ao heroísmo de “grandes homens”, pela prática cotidiana das virtudes, pelo discernimento diário de ações que representassem “o bem e o mal”, eram as linhas norteadoras das atividades escolares. (PERES, 2000, p. 371)

Assim sendo, os grupos escolares foram instituições que disseminaram, por meio das práticas escolares e cívicas, das cerimônias, dos ritos e dos simbolismos, o objetivo do governo republicano, propagando para toda a sociedade valores, disciplina, ideais, o sentimento de amor à pátria, conseqüentemente promovendo uma nova cultura no ensino primário público.

De acordo com Souza (1998, p. 259), as festividades escolares representam múltiplos significados, tornando-se “momentos especiais na vida das escolas e das cidades, momentos de integração e de consagração de valores – o culto à pátria, à escola, à ordem social vigente, à moral e aos bons costumes”. Sendo assim, as festividades cívicas foram parte integrante da educação escolar para além dos livros e conteúdos ensinados na sala de aula, sendo símbolos a serem cultuados,

contribuindo para a propaganda política em torno do Estado e com claro sentido político, o de formar cidadãos para o futuro e o amor desses pela pátria.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*A instituição educativa afeta a comunidade envolvente, pela relação com os públicos, muito particularmente como o público-alvo, mas também é afetada pelas culturas, expectativas e influências do meio local.*  
(MAGALHÃES, 2004, p. 165)

Ao escrever, estamos constantemente sendo desafiados e desacomodados. Surge, então, um turbilhão de emoções, renúncias, descobertas e a compreensão de que a pesquisa é o momento em que nos permitimos transformar, aprender e admitir que não sabemos tudo.

A pesquisa compreende um conjunto de atividades, concebendo-se como algo complexo que exige investigação, escolhas, indagações, posicionamentos, teoria e uma postura crítica do pesquisador. Nesse sentido, produzir ciência requer assumir a responsabilidade pelo que se produz.

Esta pesquisa desenvolveu-se em meio à triste pandemia do COVID-19, que vitimou milhares de pessoas e causou mortes em todo mundo. Ao mesmo tempo, o desenvolver desse estudo ficou condicionado ao restrito acesso aos documentos, pois por algum período de tempo as instituições de referência essenciais para que esta pesquisa caminhasse encontravam-se fechadas. Com isso, surgiu a insegurança e o receio de não conseguir dar andamento às investigações.

Apesar de todo o momento pandêmico, encontrei pessoas que acreditaram na importância desta pesquisa, abrindo portas para que fosse possível o acesso ao “tesouro histórico” da instituição. Foi em um momento de muitas tristezas que esta escrita foi tecida, sendo ela uma “fuga” do caos que estava sendo vivenciado por todos nós.

O Grupo Escolar Padre Efrem, atualmente é a E.E.E.M. Padre Efrem, e foi onde estudei da pré-escola até a 8ª série (à época) e, mais tarde, tive a oportunidade de retornar a essa instituição para realizar alguns estágios como o do magistério e da faculdade. Foi nessa escola que ocorreu a construção de muitas relações, conhecimentos e de memórias que são eternizadas por mim. Ter a oportunidade de poder conhecer sobre sua história e também compreender os processos pelos quais passou foi o que motivou essa aproximação com a temática dos grupos escolares.

As investigações realizadas nesta pesquisa, por meio dos aportes da História Cultural, permitiram conhecer muito sobre as culturas e práticas do Grupo Escolar Padre Efrem, possibilitando, através das fontes documentais e iconográficas, compreender como se deu a criação do primeiro grupo escolar do município de Vacaria/RS dentro do recorte temporal de 1922 a 1950. Tal grupo, apesar de apresentar dificuldades no início de suas atividades, foi no decorrer dos anos consolidando-se como uma instituição de ensino de referência, seguindo os preceitos republicanos, as diretrizes e normas dos regimentos estabelecidos na época.

Quanto à escolha por Vacaria para receber esta instituição, penso que tenha sido motivada em virtude dos fatores políticos e econômicos, pois a Vila (à época) contava com diversas madeiras e acentuada atividade pecuária, tendo assim uma boa arrecadação aos cofres públicos.

O Grupo Escolar Padre Efrem representou a modernidade no ensino no município de Vacaria e foi propulsor no crescimento da comunidade. Pode-se dizer que esta instituição foi elemento importante para que, em 1936, a Vila de Vacaria adquirisse *status* de cidade devido à sua economia e ao aumento populacional, que possivelmente teve esse progresso devido ao Grupo Escolar estar ali localizado, sendo ele uma escola pública de educação primária de referência na região.

O período de análise foi de grande aprendizado, sendo um trabalho desafiador e de intensa garimpagem, mas ao mesmo tempo oportunizou momentos únicos de descobertas, reflexões e compreensões.

A análise documental foi fundamental para que esta investigação fosse realizada, fazendo emergir temáticas como a constituição do espaço e do tempo, a importância dos prédios escolares específicos para o ensino e também o acentuado culto ao civismo e a consciência de amor à pátria.

Na análise realizada, foi possível compreender que, com a Proclamação da República, surgiu um novo cenário político brasileiro que, ao instituir a Constituição, ganhou forma de poder. Nesse processo, emerge então a escola primária idealizada pelos republicanos, pautada em uma nova organização, trazendo em suas práticas o nacionalismo, disciplina, ordem e vigilância. Sendo assim, o processo de instituição da escola primária iniciado no século XIX foi fundamental para a representação da modernidade, sendo um amplo projeto civilizador. Os grupos escolares tinham como objetivo central a formação do cidadão republicano patriótico, sendo o espaço escolar importante veículo de disseminação de ideais políticos.

A partir da análise dos documentos, leis e regimentos, foi possível que os objetivos propostos com essa pesquisa fossem sendo respondidos. As fontes iconográficas foram muito importantes e serviram como uma forma de afirmar as práticas que ocorriam na instituição. A indagação das fontes permitiu compreender os processos de escolarização, as relações de contexto existentes, construindo, assim, uma história sobre as culturas e práticas escolares que fizeram parte deste Grupo Escolar de 1922 até 1950.

Com esta pesquisa foi possível compreender como foi o processo de instalação do primeiro grupo escolar no município de Vacaria, diante do discurso de disseminação de uma escola pública para todos, e perceber que os vestígios encontrados nas fontes documentais refletiram os esforços de toda comunidade para que fosse possível a implantação deste Grupo Escolar que iniciou suas atividades com algumas dificuldades, tendo como um de seus objetivos diminuir os gastos com alugueis e possibilitar uma maior fiscalização das práticas que ocorriam na instituição.

A instalação do Grupo Escolar marcou o desenvolvimento da instrução pública em Vacaria, difundindo em suas práticas os ideais e os valores do governo republicano, como se destaca nos documentos investigados o culto aos heróis nacionais, a bandeira, os hinos e os rituais cívicos no cotidiano escolar.

Foi possível compreender e identificar o processo de instalação das primeiras turmas e os processos de escolarização desenvolvidos na instituição, as quais se formaram pela reunião das três escolas isoladas existentes em Vacaria, sendo os professores dessas escolas isoladas os primeiros do Grupo Escolar. A instrução era realizada pelo método intuitivo e consta no Relatório do primeiro ano de funcionamento do referido Grupo Escolar que os professores souberam aplicar com êxito o método exigido. Infiro que a escola passou a ser referência para a comunidade, já que foi expressivo o aumento do número de matrículas já no primeiro ano de funcionamento.

O Grupo Escolar Padre Efrem teve o início de suas atividades realizadas em uma casa alugada, sendo posteriormente realocado para a sede da intendência municipal após o antigo local ter sido destruído pelo fogo, o que demonstra a preocupação em dar continuidade às atividades de ensino mesmo diante de tal acontecimento.

A partir das representações analisadas nas diferentes fontes documentais, pôde-se tecer sobre as culturas e práticas de escolarização desenvolvidas no Grupo

Escolar durante o recorte temporal escolhido para a pesquisa, sendo possível perceber que a edificação do novo prédio para abrigar o grupo escolar foi uma conquista muito importante e modificou o cenário da cidade, levando a concluir que o prefeito da época, Avelino Paim Filho, tinha boas influências políticas com o governo estadual, que estava sob o comando de José Antônio Flores da Cunha, o que pode ter facilitado a construção do novo prédio em um local privilegiado e central da cidade.

Sua arquitetura seguiu o modelo de outros prédios públicos de ensino que foram construídos em outras cidades gaúchas e no país. Esses prédios foram palco de muitas festividades e de exaltação à pátria, constituindo-se como um elemento permanente do espaço escolar. A construção do novo edifício do Grupo Escolar Padre Efrem cumpre com as expectativas social e política e tem em seu espaço a materialização dos processos pedagógicos em um novo espaço e tempo.

Ficam evidenciados nas fontes documentais e icnográficas encontradas os ensinamentos através das festividades, os quais buscavam disseminar, por meio de seus rituais, ideias e valores associados ao novo regime político. Além disso, foi possível perceber que os festejos também marcavam o ciclo de vida da escola, com as festas de inauguração do ano letivo e de seu encerramento, sendo não só um momento de divertimento, mas também de aprendizado de valores, normas e comportamentos socialmente aceitáveis. Os festejos escolares também tinham a intenção de mostrar para toda a sociedade o empenho republicano com a educação pública, a qual era vista como um dos meios para o progresso social e econômico do país.

O Grupo Escolar teve em suas atividades a disseminação do civismo com o culto aos heróis nacionais, aos hinos, à bandeira, além de que também imputavam a disciplina e a ordenação dos corpos, principalmente nas datas cívicas. Além disso, as festas cívicas marcaram o calendário escolar disseminando os ideais republicanos.

O processo de avaliação dos alunos por meio dos exames finais era um evento muito importante, configurava-se como um ritual solene onde se realizava a classificação dos alunos, aprovando ou não sua transição para as classes seguintes ou a conclusão do curso.

Destaca-se também nesta pesquisa a figura da mulher como maioria à frente da instituição no cargo de diretora, pois como cargo importante, em diversas outras escolas, era predominante o número de homens a assumir essa função.

As diferentes nomenclaturas do Grupo Escolar também fazem parte do seu processo de constituição. Inicialmente, em 1922, foi denominado Grupo Escolar de Vacaria, onde foram reunidas as antigas escolas isoladas existentes no município em único prédio. Após dois meses de funcionamento, foi renomeado para Colégio Elementar, devido ao fato de ter atingido um número superior a 200 matrículas de alunos, seguindo as prescrições dos regimentos estaduais sobre a educação primária. Os colégios elementares representaram uma nova forma de organização da educação primária no estado do Rio Grande do Sul, sendo os alunos agrupados em salas conforme seu grau de adiantamento, com um professor para cada classe e com uma direção única.

Posteriormente, foi renomeado oficialmente, no ano de 1950, de Grupo Escolar Padre Efrem, sendo essa a justificativa para o limite do recorte temporal desta pesquisa. O Grupo Escolar fez uma homenagem ao Frei Efrem, o qual prestou seus serviços à comunidade projetando a igreja matriz da cidade, sendo ela de um porte arquitetônico monumental que exigiu muitos esforços para que fosse concluída. 22 anos após o Frei assumir as obras da construção da igreja, ela foi finalizada.

Para os municípios, a conquista dos colégios elementares/grupos escolares foi considerada de grande avanço no que tange à educação, viabilizando melhorias na qualidade de ensino.

A escola primária foi vista como um dos principais espaços para remodelação do homem moderno e a regeneração da sociedade, concebendo novos hábitos e comportamentos, diferentemente do que ocorria nas escolas do Império. A escola pública idealizada pelos republicanos não só se detinha na aprendizagem dos conteúdos, mas também na formação moral, cívica e nos cuidados quanto à higiene.

Este estudo não somente apresenta uma pesquisa em História da Educação, mas evidencia a trajetória do Grupo Escolar Padre Efrem e os processos pelos quais passou, contribuindo cientificamente para uma história mais ampla, a história das instituições públicas de educação primária brasileiras.

Para concluir esta escrita, compreendo que este momento não será de um ponto final, pois a pesquisa não se esgota, tornando-se um espaço para a elaboração de tantas outras. A Escola Estadual de Ensino Médio Padre Efrem (denominação atual) completa neste ano um século de existência, sendo ela a instituição pública estadual mais antiga do município de Vacaria. Diante disso, pode-se considerar que esta pesquisa se abre para outras possíveis investigações, como sobre o material

escolar, mobiliário, currículo, dentre outras possibilidades que se mostram como importantes aspectos para serem analisados.

O Grupo Escolar Padre Efreem deu continuidade aos seus trabalhos ao longo dos tempos e, neste ano, completa um século de existência. Nesse período, passou por modificações e foi reinventando-se, aumentou a quantidade de alunos, professores e de espaço físico, estabelecendo, assim, novas relações dentro de um novo tempo e espaço. Atualmente, ainda localizado no mesmo endereço do Grupo Escolar, oferece o ensino do primeiro ano até o ensino médio e produz, a cada prática cotidiana, novos vestígios da cultura escolar.

## REFERÊNCIAS

ABREU, Arlene Medeiros. GIRON, Loirane Slomp. GIROTTO, Magali Paim. **Lembranças de Vacaria**. 1. ed. Vacaria: Secretaria Municipal de Educação, 2013.

ALMEIDA, Wilson Ricardo. Uniforme escolar e uniformização dos corpos. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 10, n. 22, p. 9-22, maio/ago. 2017. Disponível em: <<https://pdfs.semanticscholar.org/e7c4/cf37544e9075160caf109149803648e9b8f3.pdf>> Acesso em: 31 maio de 2022.

AMARAL, Giana Lange do; WEIDUSCHADT, Patrícia; CASTRO, Renata Brião de. O Almanack Escolar do Estado do Rio Grande do Sul de 1935: apontamentos sobre os professores dos colégios elementares e grupos escolares. *In*: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbin Santos; ALMEIDA, Dóris Bittencout Almeida (orgs.). **Colégios Elementares do Rio Grande do Sul – Memórias e Cultura Escolar nos Séculos XIX e XX**. São Leopoldo: Ed. Oikos, 2016.

ALENCAR, Ingrid Regis de Freitas Schmitz de. **Escolarização no Norte do Espírito Santo início do século XX**: das escolas isoladas aos grupos escolares. Mestrado em Educação Universidade Federal do Espírito Santo. 2016.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 2006. p. 131-135.

BARBOSA, Fidelis Dalcin. **A Diocese de Vacaria**. 1. ed. Caxias do Sul: UCS, 1984.

BASTOS, Maria Helena Câmara. **A Revista do Ensino do Rio Grande do Sul (1929 - 1942)**: o novo e o nacional em revista. Pelotas: Seiva, 2005.

BELUSSO, Gisele. **Colégio Nossa Senhora de Lourdes, Farroupilha/RS**: histórias de sujeitos e práticas (1922-1954). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul. 2016.

BELUSSO, Gisele; RIPE, Fernando. Grupo Escolar de São Marcos, Farroupilha/RS: uma análise das atas de exames escolares (1938-1948). *In*: SOUZA, José Edimar (org.). **Grupos Escolares no Rio Grande do Sul**: Escolarização primária em perspectiva regional no século XX. Oikos: São Leopoldo, 2021.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). *In*: VIDAL, Diana G. (org.). **Grupos Escolares**: cultura escolar e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas, SP: Mercado das Letras, 2006.

\_\_\_\_\_. Grupos escolares no Brasil: um novo modelo de escola primária. *In*: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara (orgs.). **História e memória da educação no Brasil**, Vol. III: século XX. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **História da educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BORTOLUZZI, Patrícia; SOUZA, José Edimar de. O Grupo Escolar de Vila Oliva (Caxias do Sul, RS, 1942 a 1955): processos de escolarização. *In*: SOUZA, José Edimar de (org.). **Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950)**: ensino, culturas e práticas escolares. Caxias do Sul: Educus, 2020.

BOTO, Carlota. **A Liturgia Escolar na Idade Moderna**. Campinas: Ed. Papirus, 2017.

BRASIL. Decreto-lei nº 4.545, de 31 de julho de 1942. Diário Oficial da União. 9 de setembro de 1942.

BUFFA, Ester. História e filosofia das instituições escolares. *In*: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas/SP: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 25-38.

BUFFA, Ester; PINTO; Gelson de Almeida. **Arquitetura e Educação**: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893/1971. Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Tradução de Sergio Goes de Paula. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2008.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP (FEU), 1999.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. Uma discussão sobre os sentidos da integração de feriados, festas e comemorações cívicas no calendário das escolas primárias paulistas (1890 - 1930). **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 31, n. 2, p. 17-36. jun. 2015.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean *et al.* **A pesquisa qualitativa**: enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2012 (Coleção Sociologia).

CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Tradução de Maria Manuela Galhardo. 2. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2002.

\_\_\_\_\_. **A história ou a leitura do tempo**. Tradução de Cristina Antunes. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CORSETTI, B. A construção do cidadão: os conteúdos escolares nas escolas públicas do Rio Grande do Sul na Primeira República. **Revista História da Educação**, v. 4, n. 8, 175-192, jul./dez. 2000.

COSTA, Alfredo R. da. **O Rio Grande do Sul**. Completo estudo sobre o Estado. Porto Alegre: Globo, 1922.

CRUZ, Paula Lorena Cavalcante Albano da. **Da suntuosidade à funcionalidade: Grupo escolar Barão de Mipibu (1909-1971)**. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. 2018.

**DECRETO nº 89, de 02 de fevereiro de 1897**. Leis, decretos e actos do Governo do Estado do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Of. Typ. Echenique, 1897.

**Decreto nº 7.929, de 30 de agosto de 1939**. Regimento Interno das Escolas Primárias. Localizado do repositório da UFSC – Florianópolis/SC.

ESCOLANO, Augustín. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: Alínea, 2017.

\_\_\_\_\_. Patrimônio material de la escuela e história cultural. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 2, p. 13-28, jul./dez. 2010.

ELIAS, Robson Cândido. **A educação e o surgimento dos grupos escolares em Goiás: o caso grupo escolar Dr. Pedro Ludovico Teixeira (1934) e a educação formal em Goiandira**. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Goiás. 2018.

ERMEL, Tatiane de Freitas; GRIMALDI, Lucas Costa. O lugar da escola primária: edifícios escolares adaptados na história da educação de Porto Alegre, nas primeiras décadas do século XX. *In*: SOUZA, José Edimar de (org.). **Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950): ensino, culturas e práticas escolares**. Caxias do Sul: Educs, 2020.

ERMEL, Tatiane de Freitas. **O gigante do alto da bronze: um estudo sobre o espaço e arquitetura escolar do Colégio Elementar Fernando Gomes em Porto Alegre/RS (1913-1930)**. 2011. 173 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos Pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República**. Passo Fundo: UPF, 2000.

\_\_\_\_\_. O espaço escolar como objeto da história da educação: algumas reflexões. **Rev. Fac. Educ.** [online]. 1998, v. 24, n. 1, pp.141-159. Disponível em: <[http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-25551998000100010](http://old.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-25551998000100010)>. Acesso em: 10 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. O processo de escolarização em Minas Gerais: questões teórico-metodológicas e perspectivas de pesquisa. *In*: VEIGA, Cynthia Greive; FONSECA, Thais Nívia de Lima e. **História e historiografia da educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008, p. 77-97.

FARIA FILHO, Luciano Mendes; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 14, maio/jul./ago., p. 19-34, 2000.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; SOUZA, Rosa Fátima de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. *In*: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária**

e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006. p. 08-21.

FERNANDES, Cassiane Curtarelli. Brasil! Gigante dos gigantes!: comemorações da Semana da Pátria no Grupo Escolar Farroupilha (Farroupilha, RS, 1940-1946). *In*: SOUZA, José Edimar de (org.). **Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950)**: ensino, culturas e práticas escolares. Caxias do Sul: Educs, 2020.

\_\_\_\_\_. **Uma história do Grupo Escolar Farroupilha**: sujeitos e práticas escolares (Farroupilha/RS, 1927-1949). Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul. 2019.

FREIRE, Evelyanne Nathaly Cavalcanti de Luna. **A escola nova e a modernização do ensino primário na Paraíba**: a formação de professores e os grupos escolares (1930-1946). Mestrado em Educação. Universidade Federal da Paraíba. 2016.

GATTI JUNIOR, Décio. A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas. *In*: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (org.). **Novos temas em história da educação brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/ MG: EDUFU, 2002. p. 3-24.

GIRALDES, Maria Paula Martelli. **A constituição da escolarização do município de Orlândia/SP de 1914 a 1946**: um estudo por meio de aspectos da história do Grupo Escolar "Coronel Francisco Orlando". Dissertação de mestrado. Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual Paulista. Marília/SP. 2018. Disponível em: < <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/153138>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

GRITTI, Isabel Rosa; GRITTI, Silvana Maria. Educação no RS: os colégios elementares e os grupos escolares – uma revisão de literatura (1909-1950). *In*: SOUZA, José Edimar (org.). **Grupos Escolares no Rio Grande do Sul**: Escolarização primária em perspectiva regional no século XX. Oikos: São Leopoldo, 2021.

KRAMER, Anamaria *et al.* **Raízes de Vacaria**. 1. ed. Porto Alegre: EST, 1996.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão. 7. ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

LEMME, P. Paschoal. **Memórias de um educador**. 2. ed. Brasília: Inep, 2004.

LIMA, Gisele Alves de. **Culturas e práticas escolares do curso complementar no Colégio São José, Vacaria/RS (1931-1944)**. Dissertação de mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul. Caxias do Sul/RS. 2017. Disponível em: < <https://repositorio.ucs.br/xmlui/handle/11338/4833>> Acesso em: 01 fev. 2021.

LOURENÇO FILHO, Manuel Bergström. Alguns aspectos da educação primária. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, out./dez. 1940, n. 4, p. 649-664.

LUCHESE, Terciane Ângela. Da prescrição à realização: os colégios elementares como um novo modelo de escola primária no Rio Grande do Sul (1909-1927). *In: CONGRESSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO*, 7, 2013. Cuiabá. Anais. Cuiabá, 2013, p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Institucionalização dos colégios elementares no Rio Grande do Sul (1909 – 1927): ‘novo’ modelo de escola primária? *Revista Intersaberes*, v. 11, n. 22, p. 45-63, 2016.

\_\_\_\_\_. Modos de fazer história da educação: pensando a operação historiográfica em temas regionais. *Revista História da Educação* [Online]. Porto Alegre, v. 18, n. 43, p. 145-161, maio/ago. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/heduc/a/QYXgvgPRTCjP8cs7FZtz8bG/abstract/?lang=pt>>. Acesso em: 17 jun. 2021.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: História das Instituições Educativas**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco-EDUSF, 2004.

MOLINA, Glória Lia Fernández. Desenvolvimento Sustentável na região de Vacaria. *In: Seminário Internacional sobre desenvolvimento regional*, II, 2004, Santa Cruz do Sul. Anais, Programa de Pós-Graduação em desenvolvimento regional Mestrado e Doutorado. Santa Cruz do Sul, RS, 2004. Disponível em: <[www.Unisc.br/site/sidr/2004/urbano/05.pdf](http://www.Unisc.br/site/sidr/2004/urbano/05.pdf)>. Acesso em: 21 fev. 2022.

NOSELLA, Paolo; BUFFA, Ester. **Instituições Escolares: por que e como pesquisar**. 2. ed. Campinas: Ed. Alínea, 2013.

\_\_\_\_\_. Instituições escolares: por que e como pesquisar. *In: SANTOS, A. V.; VECHIA, A. (org.). Cultura escolar e história das práticas pedagógicas*. Curitiba: UTP, 2008. p. 15-32.

OLIVEIRA, José Fernandes. **Rainha do Planalto**. Caxias do Sul: Ed. São Miguel, 1959.

PALMA FILHO, João Cardoso. **Pedagogia Cidadã – Cadernos de Formação – História da Educação** – 3. ed. São Paulo: PROGRAD/ UNESP/ Santa Clara Editora. 2005, p. 49-6.

PEREIRA, Tatiana Aparecida. **A magna causa do ensino popular: a criação e consolidação do Grupo Escolar de São Matheus - Juiz de Fora (1906-1929)**. Mestrado em Educação. Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). 2016.

PERES, Eliane Teresinha. **Aprendendo formas de ensinar, de pensar e de agir - A escola como oficina da vida**. Discursos pedagógicos e práticas escolares na escola pública primária gaúcha (1909-1959). Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação (UFMG), Belo Horizonte, 2000.

PESAVENTO, Sandra Jatáhy. História Cultural: caminhos de um desafio contemporâneo. *In: \_\_\_\_\_; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de*

Souza (orgs.). **Narrativas, imagens e práticas sociais: percursos em História Cultural**. Porto Alegre, RS: Asterisco, 2008. p. 11-18.

\_\_\_\_\_. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PILETTI, Fernanda. **Memórias de escolarização no meio rural de Farroupilha: o grupo escolar Jansen (1937-1958)**. Mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul. 2018.

PILETTI, Fernanda; SOUZA, José Edimar. Memórias, histórias e a escola: O Grupo Escolar Jansen Farroupilha, RS (1937-1958). *In*: SOUZA, José Edimar. **Escola no Rio Grande do Sul (1899-1950): Ensino, culturas e práticas escolares**. Caxias do Sul: EDUCS, 2020.

PIMENTEL, Alessandra. O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica. **Caderno de Pesquisa**, n. 114, p. 179-195, nov. 2001.

PINHEIRO, Rafael de Souza; SOUZA, José Edimar. Grupo Frei Caneca de Flores da Cunha/RS: a presença da Caixa Escolar (1925-1940). *In*: SOUZA, José Edimar (org.). **Grupos Escolares no Rio Grande do Sul: Escolarização primária em perspectiva regional no século XX**. São Leopoldo: Oikos, 2021.

PINOTTI, Adhemar Antonio Martins. **Só para lembrar: Vacaria em fotos**. Caxias do Sul: Lorigraf, 2011.

POLETTO, Julia Tomedi. **Colégio Sagrado Coração de Jesus, Bento Gonçalves (1956-1972): processo identitário e cultura escolar compondo uma história**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul. 2014.

QUADROS, Claudemir de. **Reforma, ciência e profissionalização da educação: o centro de pesquisas e orientações educacionais do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. UFRGS, 2006.

REVISTA DO ENSINO do Estado do Rio Grande do Sul, 1939, Ano I, v. 1, n. 3, nov., RS. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99799>>. Acesso em: 02 jun. 2022.

RODRIGUES, Maria Manuela P. F. Festas escolares: as festas da árvore no barreiro. **Revista História da Educação**, v. 14, n. 31, maio/ago., 2010, pp. 95-119 Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação Rio Grande do Sul, Brasil. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/pdf/3216/321627138005.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2022.

SANFELICE, J. L. História das Instituições Escolares. *In*: NASCIMENTO, Isabel Moura *et al.* (orgs.). **Instituições Escolares no Brasil: conceito e reconstrução histórica**. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 75-94.

SANTOS, Ademir Valdir dos; VECHIA, Ariclé. As escolas que construímos: a história de instituições escolares na Revista Brasileira de História da Educação. **Revista**

**Brasileira de História da Educação**, 19, e062, (2019). Recuperado de: <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/rbhe/article/view/47235>>.

SANTOS, Deise da Silva. **Memórias e práticas do ensino de música no Grupo Escolar Farroupilha/RS (1938-1945)**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul. 2019.

SAVIANI, Dermeval; SOUZA, Rosa de Fátima *et al.* **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2004.

SGORLA, Alana Silva. **História da educação rural em Pinhal da Serra (RS): práticas de mediação cultural (1963-1993)**. Dissertação de Mestrado em Educação. Universidade de Caxias do Sul. 2020.

SILVA, Vânia Cristina da. **Ó Pátria Amada, Idolatrada, Salve! Salve!** Festas Escolares e Comemorações Cívicas na Paraíba (1937-1945). Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba – UFPB, João Pessoa, 2011.

SLOMP, Loraine Giron. **Colonos e Fazendeiros: Imigrantes italianos nos campos de Vacaria**. Porto Alegre: Edições Est, 2001.

SOUZA, José Edimar de (org.). **Escola no Rio Grande do Sul (1889-1950): ensino, culturas e práticas escolares**. Caxias do Sul: Educs, 2020.

\_\_\_\_\_. **Grupo escolar no Rio Grande do Sul: escolarização primária em perspectiva regional no século XX**. São Leopoldo: Oikos, 2021.

\_\_\_\_\_. **Trajetória de professores de classes multisseriadas: memórias do ensino rural em Novo Hamburgo/RS (1940 a 2009)**. 2011. 346f. Dissertação de mestrado – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, São Leopoldo, 2011.

SOUZA, José Edimar de; GIACOMONI, Cristian. Análise documental como ferramenta metodológica em história da educação: um olhar para pesquisas locais. **Cadernos CERU**, 32(1), 139-156. 2021 Recuperado de: <<https://www.revistas.usp.br/ceru/article/view/189278>>.

SOUZA, José Edimar; PILETTI, Fernanda. Memórias, histórias e a escola: o Grupo Escolar Jansen Farroupilha, RS (1937-1945). *In*: SOUZA, José Edimar. **Escola no Rio Grande do Sul (1899-1950): Ensino, culturas e práticas escolares**. Caxias do Sul: EDUCS, 2020.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas: Mercado das Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. Lições da escola primária. *In*: SAVIANI, Dermeval *et al.* (org.). **O legado educacional do “longo século XX” Brasileiro**. Campinas: Autores Associados, 2004. p. 109-161.

\_\_\_\_\_. Os desafios da investigação comparada em âmbito regional para a escrita da história da educação brasileira. *In*: PALHARES SÁ, Nicanor; FIGUEIREDO DE SÁ, Elizabeth (orgs.). **Revisitando a história da escola primária**. Os grupos escolares em Mato Grosso na primeira república. Cuiabá: EdUFMT, 2011.

\_\_\_\_\_. Prefácio. *In*: GRAZZIOTIN, L. S. S; ALMEIDA, D. B. **Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul**: memórias e cultura escolar – séculos XIX e XX. São Leopoldo: Oikos, 2016.

\_\_\_\_\_. **Templos de civilização**: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: UNESP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. FARIA FILHO, Luciano de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. *In*: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado de Letras, 2006, p. 21-56.

SCHUELER, Alessandra Frota Martinez; MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. Educação escolar na Primeira República: memória, história e perspectivas de pesquisa. **Tempo** [on-line], Rio de Janeiro, v. 13, n. 26, pp.32-55, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tem/v13n26/a03v1326.pdf>>. Acesso em: 01 jun. 2022.

TAMBARA, Elomar Antonio Callegaro. Cartografia da gênese e consolidação do modelo republicano-castilhistas de educação primária no Rio Grande do Sul: o papel do “intelectual operador” Manuel Pacheco Prates (1894-1911). *In*: GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt Almeida (orgs.). **Colégios Elementares do Rio Grande do Sul – Memórias e Cultura Escolar nos Séculos XIX e XX**. São Leopoldo: Oikos. 2016.

VANZ, Samanta; DEWES, Elisângela Cândido da Silva; SOUZA, José Edimar. Uma instituição cívica: representações do nacionalismo nos grupos escolares estaduais de Caxias do Sul/RS (1930-1950). *In*: SOUZA, José Edimar (org.). **Grupos Escolares no Rio Grande do Sul**: Escolarização primária em perspectiva regional no século XX. São Leopoldo: Oikos, 2021.

VEIGA, Cynthia Greive. Estratégias discursivas para a educação em Minas Gerais no século XIX. *In*: VIDAL, Diana Gonçalves; SOUZA, Maria Cacília Cortes. **A memória e a Sombra**: A escola brasileira entre o Império e a República. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares**: estudos sobre as práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX). Campinas: Autores Associados, 2005.

\_\_\_\_\_. Escola nova e processo educativo. *In*: **500 anos de educação no Brasil** [S.l.: s.n.], 2000.

\_\_\_\_\_. **Grupos Escolares**: Cultura Escolar Primária e Escolarização da Infância no Brasil (1893-1971). Campinas: Mercado das Letras, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves; ABDALA, Rachel Duarte. A fotografia como fonte para a História da Educação: questões teórico-metodológicas e de pesquisa. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 2, p. 177-194, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antonio. Historia de la educación e historia cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. Nº 0. set./dez. 1995. p. 63-82.

VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Augstín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

### **Documentos pesquisados no arquivo do Colégio Estadual de Ensino Médio Padre Efrem**

Relatório do Primeiro Ano de Funcionamento da Escola (1922)  
Decreto nº 1619 – Denomina “Padre Efrem” o nome do Grupo Escolar (1950)  
Decreto nº 2669 – Eleva o Grupo Escolar para Colégio Elementar (1922)  
Livro ponto dos professores e funcionários (1930 até 1940)  
Estatuto do Círculo de Pais e Mestres (1938)  
Livro de atas das reuniões do Círculo de Pais e Mestres (1940 até 1948)  
Livro de registro de atividades do Círculo de Pais e Mestres (1948 até 1960)  
Livro de ofícios, atestados e convites (1922 até 1938)  
Livro de atas (1923 até 1948)  
Livro de correspondências expedidas (1940 até 1956)  
Livro de controle de matrículas e frequências (1946, 1950 e 1951)